

CARLA ETIENE MENDONÇA DA SILVA

**Os beneficiários do Programa Bolsa Família diante das condicionalidades
– Casos de Porto Alegre –**

Dissertação apresentada no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, especialista em estudos comparados sobre as Américas.

Orientadora: Sônia Ranincheski

Brasília, março de 2010

*Aos meus pais, Juraci e Valter,
Aos orientadores de vida Sônia e Henrique,
Às amigas Nanda e Val.*

Agradecimentos

A preocupação com a dissertação começa no primeiro dia de aulas. Depois disso, passamos dois anos pensando no tema, discutindo o tema, questionando o tema, mudando de tema, duvidando dele mais uma vez. A etapa da redação é fundamentalmente solitária. Um encontro com a orientadora aqui, outro encontro ali, revigorantes, mas o trabalho pesado é a gente, somente a gente.

No entanto, essa solidão é aparente. Enquanto estamos sós, na frente do computador, há pessoas torcendo por nosso trabalho, outras preocupadas com nossa saúde, há aquelas que nos dão conselhos, tem quem nos mande conteúdo na última hora e tem quem garanta a nossa tranquilidade para que a realização da pesquisa seja possível. Tem gente também presente na memória porque nos ajudou em determinado momento, especialmente da pesquisa de campo. Por tudo isso, é preciso agradecer.

Agradecer à socióloga Márcia de Souza Medeiros e à assistente social Heraida Cyreli Raupp, ambas da Assessoria de Gestão da Informação e Tecnologia da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) da Prefeitura de Porto Alegre, antigas colegas de trabalho e de militância política da época em que trabalhei como assessora de comunicação da instituição. Ambas abriram todas as portas para a realização da pesquisa de campo. Márcia foi uma daquelas pessoas que se dispõe a enviar informações de última hora. Heraida cedeu um estudo preliminar realizado sob sua coordenação.

Agradecer também aos funcionários da Fasc que me receberam nos centros regionais de assistência social e me cederam atenção e espaço em suas pesadas rotinas de trabalho e com precária infra-estrutura. Agradecer especialmente aos estagiários Sedenir e Larissa, que muito contribuíram com suas pesquisas nos cadastros pessoais das entrevistadas. Eles foram grande apoio do período de campo.

Agradecer ao meu chefe, o diretor de Relações Internacionais do Ministério da Cultura, Marcelo Dantas, por me compreender e me dar férias antecipadas para a redação desta pesquisa, e à Valéria Graziano, colega de Gerência de Integração e Assuntos Multilaterais, que segurou as pontas do trabalho sozinha na minha ausência. Eles são daqueles que garantem a nossa tranquilidade.

Agradecer aos meus pais. Obviamente, são os que se preocupam com nossa saúde e torcem por nós. Além disso, meus pais foram apoiadores na pesquisa de campo: ofereceram a estrutura necessária para a realização das minhas entrevistas. Meu pai também me acompanhou em alguns distantes centros regionais de assistência social de Porto Alegre.

Além da importância dessas pessoas queridas, tem a minha orientadora, Sônia Ranincheski. Agradecer a ela sempre será pouco. A atenção, a preocupação, os conselhos, os *insights*, os sábados, domingos e finais de tarde de discussão foram oportunidades de trabalho e aprendizado, mas também de construção de uma amizade e de orientação de vida. Tem também o marido dela, meu professor, Henrique Castro, a quem preciso agradecer pelos palpites, pelos deliciosos jantares e pelas escolhas dos vinhos.

Por fim, agradeço ao Ceppac por oferecer atenção e condições para que os alunos desenvolvam sua pesquisa com tranquilidade e, pessoalmente, por me dar a oportunidade de estudar lá.

Resumo

Esta dissertação de mestrado busca compreender e explicar a ideologia, a ação social e a conduta de indivíduos diante de regras explícitas impostas pelo Estado que interferem diretamente em suas vidas e na de suas famílias. Foram entrevistadas titulares legais do Programa Bolsa Família residentes no município de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, para, a partir da análise de conteúdo de suas falas, identificar por que não cumprem as condicionalidades do programa.

Podendo ser categorizado como um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, o Programa Bolsa Família, criado em 2003 pelo governo federal brasileiro, paga uma bolsa mensal temporária não contributiva diretamente às famílias mediante o cumprimento de condicionalidades. O principal critério de seleção e inclusão no programa é a renda *per capita* mensal.

Condicionalidades, na concepção do Bolsa Família, é a participação efetiva dos beneficiários no processo educacional e nos programas de saúde. As famílias que as descumprem estão sujeitas a sanções que vão da advertência ao cancelamento do benefício.

Para compreender por que as famílias não cumprem as condicionalidades, foram utilizados três referenciais teóricos na análise das atitudes dos indivíduos: a perspectiva coletiva marxista de Antonio Gramsci, a individual de Max Weber e a da Escolha Racional, na visão de Jon Elster.

A intenção, ao adotar paradigmas teóricos tão distintos, foi a de oferecer diferenciadas possibilidades de compreensão e explicação do fenômeno estudado, considerando que o primeiro paradigma tem a ideologia, e os demais, a ação social e a conduta individual como objetos de análise.

A partir de uma noção gramsciniana, pergunta-se se os beneficiários que não cumprem as regras do programa social criado pelo Estado não são atingidos pela perspectiva hegemônica? Ocorreu ausência de referencial de coerção partida do Estado? Há consenso sobre as regras?

Com a perspectiva teórica weberiana, racional e individualizada, busca-se explicar sociologicamente o sentido, o andamento e os efeitos da ação de um ou mais indivíduos em relação a outro ou outros. Qual é o sentido de suas ações? Que fins querem alcançar? A legitimidade das condicionalidades não foi incorporada pelos beneficiários?

Pela perspectiva de análise da Escolha Racional, quer-se compreender e explicar o que faz o indivíduo tomar decisões e agir, racionalmente ou não. Qual é o nível de racionalidade dos entrevistados – ou de irracionalidade?

Abstract

This essay aims to understand and explain the ideology, social action and individual behavior when embedded by explicit State rules that directly interfere on their lives and on their families' lives. People from the city of Porto Alegre (Rio Grande do Sul's capital) that receive government aid from the Bolsa Família Program were interviewed. From those interviews an analysis was made to identify why don't they obey all the program requirements.

Bolsa Família is a direct cash transfer program with some specific requirements, being active since 2003. The ones applying for it should always keep record of education and health programs. Sanctions can be given to those who disobey these requirements. Such sanctions vary from warnings to canceling of the aid.

Three different perspectives were used to better understand why the families do not accomplish the requirement as a whole: Antonio Gramsci, in the Marxist perspective; Marx Weber, in the individual perspective; and Jon Elster, in the Rational Choice point of view. The idea behind using such different points of view is to maximize the comprehension of the issue, considering moreover that the Marxist perspective holds on ideology where the others discuss social action and individual behavior.

From Gramsci's point of view, the issue is that if the ones who disobey the rules are not affected by the hegemonic perspective. Is there absence of coercion from the State itself? Does everyone agree to all the points and rules?

By Weber and its rational and agent-centered theory, the aim is to explain social behavior by human interaction. What's the subjective meaning of their actions? What does one aim? Is legitimacy present on the perception on the ones receiving aid?

Rational's choice, on the other hand, tries to explain to what does extent the people interviewed hold on to their rationality?

Sumário

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	8
1 INTRODUÇÃO.....	12
2 AS AÇÕES SOCIAIS E INDIVIDUAIS E AS POSSIBILIDADES COLETIVAS E INDIVIDUAIS DE EXPLICAÇÃO: GRAMSCI, WEBER E ESCOLHA RACIONAL.....	18
2.1 Perspectiva ideologizada ou coletiva: a visão gramsciana	19
2.2 Perspectiva individualizada: o racionalismo de Weber.....	24
2.2.1 Ação social em Weber: a ação em relação a fins e meios.....	26
2.2.2 Os tipos da ação social weberiana.....	30
2.3 Perspectiva racional: a Escolha Racional	33
2.3.1 Maximização, satisfação e seleção natural.....	33
2.3.2 Conduta tradicional e conduta de azar.....	35
2.3.3 Altruísmo.....	36
2.3.4 Inconstância	37
2.3.5 Questão metodológica	38
2.3.6 Irracionalidade: as contradições da mente.....	39
2.4 A perspectiva adotada.....	41
3 PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA COM CONDICIONALIDADES:	44
O BOLSA FAMÍLIA.....	44
3.1 Programas de transferência condicionada de renda.....	45
3.2 O Programa Bolsa Família.....	48
3.3 As obrigações do Estado.....	53
3.4 A discussão acerca das condicionalidades.....	54
3.5 O Descumprimento das condicionalidades no Brasil.....	59
3.6 Algumas críticas ao Programa Bolsa Família.....	63
4 METODOLOGIA.....	68
4.1 O campo.....	69
4.1.1 O descumprimento das condicionalidades em Porto Alegre.....	72
4.1.2 As famílias de Porto Alegre.....	74

4.2 A amostra.....	75
4.2.1 As entrevistas.....	76
4.3 As dimensões analíticas.....	77
4.3.1 Dimensões analíticas teóricas gramscinianas.....	78
4.3.2 Dimensões analíticas teóricas weberianas.....	80
4.3.3 Dimensões analíticas teóricas da Escolha Racional.....	81
4.3.4 O Questionário	82
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: POR QUE AS FAMÍLIAS NÃO CUMPREM?	85
5.1 As percepções das entrevistadas sobre o programa e as razões do não cumprimento das condicionalidades	86
5.2 A visão das entrevistadas sobre o programa: sob a hegemonia?.....	90
5.3 As ações das entrevistadas e as condicionalidades: faz sentido?.....	95
5.3.1 A análise das ações individuais.....	95
5.3.2 Afeto.....	113
5.3.3 Legitimidade.....	115
5.4 A conduta das entrevistadas: escolha racional?.....	115
5.5 O programa e a questão de gênero.....	117
6 CONCLUSÃO.....	120
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
8 ANEXOS.....	130
Anexo 1 – Entrevistas com Titulares Legais do Benefício do Programa Bolsa Família - Íntegra....	131
Anexo 2 – Entrevista com Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias	250

1 Introdução

O Programa Bolsa Família foi lançado em outubro de 2003 pelo governo federal brasileiro depois de décadas de debates no mundo todo sobre políticas de transferência a famílias ou indivíduos de benefícios monetários não contributivos associados a contrapartidas sociais ou condicionalidades.

No Brasil, a discussão sobre o desenvolvimento desse tipo de política social se acirrou a partir 1991, com a discussão no Congresso Nacional de um projeto de lei que criava um programa de transferência de renda sem a exigência de contrapartida do beneficiário. Nas Américas, desde a década de 1990, boa parte dos países desenvolve programas com essas exigências.

A criação do Bolsa Família por lei, sob a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), unificou programas nacionais de transferência de renda que vinham sendo desenvolvidos desde o governo anterior.

Podendo ser categorizado como um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, o Bolsa Família funciona com o pagamento de uma bolsa mensal temporária direto ao beneficiário – a família –, tendo preferencialmente a mulher como titular. O principal critério de seleção e inclusão no programa é a renda *per capita* mensal. O benefício é mantido pelo governo mediante o cumprimento de condicionalidades pela família.

Condicionalidades, como estabelecido pelo governo na elaboração das concepções do programa, é a participação efetiva das famílias no processo educacional e nos programas de saúde que promovam a melhoria das condições de vida na perspectiva da inclusão social. As famílias que descumprem as condicionalidades estão sujeitas a sanções gradativas, que vão da advertência ao cancelamento do benefício.

Esta dissertação trata de um aspecto bastante relevante e pouco estudado do programa: quais são as causas e as razões para o não cumprimento das condicionalidades impostas aos beneficiários. Por que as famílias não cumprem as condicionalidades?

Teoricamente, busca explicar e compreender elementos intrínsecos à ideologia, à ação social, à conduta de grupos ou indivíduos que, mesmo levados a cumprir regras e sujeitos a sanções, não as obedecem, fogem a essas normas. O trabalho proposto é, assim, a análise do descumprimento de regras explícitas do Estado por indivíduos que recebem um benefício social.

Para isso, utilizou três referenciais teóricos na análise das atitudes dos indivíduos: a perspectiva coletiva marxista de Antonio Gramsci, a individual de Max Weber e a da Escolha Racional, como desdobramento de uma corrente individual, a partir, especialmente, de Jon Elster.

O presente trabalho e as discussões intrínsecas a ele se iniciaram com Gramsci. Ao longo da pesquisa, com a identificação do risco de que o paradigma teórico marxista coletivista poderia não oferecer resposta ou explicação para a pergunta, foram adotados outros dois paradigmas: o weberiano e o da Escolha Racional, os quais se baseiam em idéias de racionalidade e individualidade.

A intenção, ao adotar paradigmas teóricos tão distintos, é de oferecer diferenciadas possibilidades de compreensão e explicação do fenômeno estudado, considerando que o primeiro paradigma tem a ideologia, e os demais, a ação social e a conduta individual como objetos de análise. Reconhece-se que a iniciativa de oferecer caminhos teóricos opostos para a compreensão de problemas de pesquisa é incomum nas Ciências Sociais e essa opção corre riscos de críticas.

Uma grande questão do pensamento de Gramsci interessa especialmente a este estudo. O pensador estabeleceu suas visões acerca do Estado e da sociedade civil e teorizou acerca do consenso e da coerção como conceitos explicativos para a implementação de processos hegemônicos. Quando fala das ações dos sujeitos, ele propõe uma visão na qual, se há a presença da hegemonia e da inversão das coisas, há possibilidades de pensar esses sujeitos como ativos e conscientes e não necessariamente passivos ou enganados. Assim, optou-se por trabalhar com os conceitos de consenso e coerção e de hegemonia.

O objeto de estudo, assim, são os beneficiários que não cumprem as regras do programa social criado pelo Estado. Eles não foram atingidos pela perspectiva hegemônica. Ocorreu ausência de referencial de coerção partida do Estado? Há consenso sobre as regras?

A dúvida aqui é: por que algumas famílias não cumprem as regras do programa, criado pelo Estado, e correm o risco de sofrer a sanção: o cancelamento do benefício? Deve-se salientar que, considerando a perspectiva gramsciana, a sanção é a materialização da coerção.

Com as perspectivas teóricas weberiana, racional e individualizada, pode-se buscar explicar sociologicamente o sentido, o andamento e os efeitos da ação de um ou

mais indivíduos em relação a outro ou outros. Sentido, conceito de Weber, é aquilo para o que a ação do indivíduo aponta, o objetivo visado nela, o seu fim. Assim, o sentido tem relação com o modo como se encadeia o processo de ação social, processo no qual ocorre uma sequência definida de elos significativos. Weber tem também um conceito de legitimidade que pode interessar a este trabalho: é aquela cujo conteúdo de sentido é incorporado pelos agentes como uma regra orientadora da suas condutas na medida em que é aceito como legítimo.

Com esses conceitos de Weber, pretende-se compreender o tipo de ação social praticada pelos indivíduos que não cumprem as regras impostas pelo programa de transferência de renda estudado. Qual é o sentido de suas ações? Que fins querem alcançar? A legitimidade das condicionalidades não foi incorporada pelos beneficiários?

Pela perspectiva de análise da Escolha Racional, pode-se compreender e explicar o que faz o indivíduo tomar decisões e agir, racionalmente ou não. Um conceito de ação racional é o que diz que é um ato que foi escolhido porque está entre os melhores atos disponíveis para o agente, dadas as suas crenças e os seus desejos. Essa teoria pode ajudar a analisar a conduta dos indivíduos diante do programa de transferência condicionada de renda e avaliar qual é o nível de racionalidade deles – ou de irracionalidade.

O método escolhido para elaborar conhecimento sobre o não cumprimento das condicionalidades do Programa Bolsa Família e compreensão sobre as dualidades entre o consenso e a coerção, entre o sentido imaginado da ação e o seu fim, entre o desejo e a decisão das famílias estudadas, foi o de entrevistas semi-estruturadas com titulares do benefício do programa. Após a transcrição dessas entrevistas, passou-se a análise de seu conteúdo.

As entrevistas foram realizadas nos centros regionais de assistência social da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) da Prefeitura de Porto Alegre. A maioria desses pontos de prestação de serviço tem espaços físicos simples, muitas vezes, precários. Diante disso, boa parte das beneficiárias concedeu sua entrevista na fila de espera pelo atendimento – o que, no entender desta pesquisadora, causa desconforto técnico e até dificuldades de entendimento entre entrevistador e entrevistado, mas também pode possibilitar respostas mais espontâneas do que as resultantes do constrangimento causado pela formalidade de uma estrutura montada especificamente para a entrevista.

Essa etapa, a do contato com o campo, foi ainda grande aprendizado sobre a realização de pesquisas em Ciências Sociais. Comunicadora social, a pesquisadora precisou confrontar o hábito da técnica de entrevista em jornalismo, que busca frases de efeito, respostas simples, opiniões superficiais, à necessidade da pesquisa social de buscar a compreensão da subjetividade, de procurar não desperdiçar o que há de latente, original, estrutural, contextual em cada resposta.

Por que realizar esta pesquisa? Se as condicionalidades do Programa Bolsa Família foram estabelecidas a partir da concepção de que, especialmente a educação, elas tem capacidade de romper ciclos de pobreza, como se verá no capítulo que trata do tema, seu descumprimento é um grave problema para os objetivos da política pública da forma como é pensada, principalmente o de incluir crianças e adolescentes em serviços de educação e saúde e de retirada deles do risco social, como o trabalho infantil.

O não cumprimento das condicionalidades iria também além da suspensão do benefício mensal: ele comprometeria a meta de promover condições para a inclusão social e a autonomia dos beneficiários, amplamente divulgada pelos formuladores dessa política social.

No entanto, o principal interesse da pesquisadora neste estudo de finalização de mestrado é exercitar a compreensão da ideologia, da ação e da conduta do indivíduo diante de certas questões da realidade social.

A dissertação está organizada nos seguintes capítulos: o Capítulo 2 aborda os três paradigmas teóricos adotados na pesquisa: o gramsciniano, o weberiano e o da Escolha Racional; no Capítulo 3, é apresentado o Programa Bolsa Família, algumas discussões que o cercam e a questão do descumprimento das condicionalidades; a metodologia é apresentada no Capítulo 4; e, no Capítulo 5, é feita a análise do conteúdo das entrevistas realizadas.

2 As ações sociais e individuais e as possibilidades coletivas e individuais de explicação: Gramsci, Weber e Escolha Racional

Os referenciais teóricos devem oferecer conceitos que possibilitem a extração de dimensões analíticas adequadas à pesquisa que está sendo realizada e que possibilitem a compreensão do tema estudado e a elaboração de conhecimento.

O cumprimento e o não cumprimento de normas e regras sociais são fatos muito estudados pelas ciências sociais. Em termos gerais, é a relação ou contradição entre indivíduo e sociedade ou indivíduo e estrutura social ou ainda idéias, atitudes e comportamentos que estão por trás de questionamentos de pesquisas acerca desse tema.

Neste estudo, serão utilizados três referenciais teóricos para analisar a ação de indivíduos: a perspectiva coletiva marxista de Antonio Gramsci, a individual de Max Weber e a da Escolha Racional como desdobramento de uma corrente individual, tratada especialmente por Jon Elster¹.

A partir de conceitos oferecidos por elas, será buscada a compreensão de por que o indivíduo rompe com as regras da política pública estudada. Será que não é atingido pela versão hegemônica da sociedade e do programa social ou será que pensa que assim estaria tendo o melhor para si, numa perspectiva de cálculo racional – consciente ou não?

Esta pesquisa extrairá dos conceitos dos referenciais teóricos abordados neste capítulo as dimensões analíticas a serem utilizadas. Pretende-se, no final do trabalho,

¹ A classificação de individualistas e coletivistas utilizada aqui é a adotada pela professora Fernanda Sobral e apresentada na disciplina Paradigmas em Ciências Sociais, do Ceppac.

buscar compreender o não cumprimento das condicionalidades pelos beneficiários do programa de transferência de renda mantido pelo governo federal brasileiro, o Bolsa Família, elaborando-se, assim, conhecimento sobre o tema.

2.1 Perspectiva ideologizada ou coletiva: a visão gramsciana

Um autor classificado como marxista, teórico da sociedade e baseado na perspectiva coletiva é Antonio Gramsci. Apesar de ser Karl Marx o autor clássico desse paradigma, optou-se, aqui, pela contribuição de Gramsci por três motivos.

Gramsci teorizou diretamente a questão do Estado e as possibilidades de tomada gradativa de espaços no Estado (a disputa de posições e a disputa de movimento), as quais permitiriam avanços na direção de uma sociedade mais justa, sem, necessariamente, fazer-se a revolução total e, portanto, a transformação estrutural abrupta do capitalismo para o socialismo.

Outro motivo é o fato de que, quando trata da questão das ações dos sujeitos, Gramsci propõe uma visão na qual, se há a presença da hegemonia e da inversão das “coisas”, há possibilidades de pensar esses sujeitos como ativos e conscientes e não, necessariamente, “passivos” ou enganados.

Além disso, o pensador elaborou as noções de consenso e coerção como conceitos explicativos para a implementação de processos hegemônicos. Assim, dos conceitos de Antonio Gramsci, neste estudo, é adequado trabalhar com os de consenso e coerção e de estabelecimento da hegemonia.

MACCIOCCHI (1980) afirma que, para Gramsci, “o Estado não é apenas um aparelho coercitivo, mas também hegemônico”, e que, nele, o grupo dirigente não exerce seu poder somente por meio da coerção com “o aparelho policial, judiciário etc.,

mas também por meio de sua hegemonia (dominação ideológica).” (MACCIOCCHI, 1980: 129) A autora explica que a classe dominante exerce poder por meio da sua visão de mundo, por uma filosofia, por uma moral, pelos costumes, por um senso comum, os quais favorecem o reconhecimento de sua dominação pelas classes dominadas e que isso ocorre também através de sua condução da atuação do Estado. (MACCIOCCHI, 1980: 150)

Para Gramsci, o grupo dirigente, ocupando o espaço do Estado, pode ter “dupla perspectiva”: a da necessidade do uso do consenso e também da força². Sobre os graus nessa “relação de força”, GRAMSCI (1980) distingue vários momentos. Acerca do terceiro deles, o da formação da hegemonia, afirma:

“[...] é aquele em que se adquire a consciência de que os próprios interesses corporativos, no seu desenvolvimento atual e futuro, superam o círculo corporativo, de grupo meramente econômico, e podem e devem tornar-se os interesses de outros grupos subordinados. Esta é a fase mais abertamente política, que assinala a passagem nítida da estrutura para a esfera das superestruturas complexas; é a fase em que as ideologias germinadas anteriormente se transformam em ‘partido’, entram em choque e lutam até que uma delas, ou pelo menos uma combinação delas, tende a prevalecer, a se impor, a se irradiar em toda a área social, determinando, além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral. Coloca todas as questões em torno das quais se ascende a luta não num plano corporativo, mas num plano ‘universal’, criando, assim, a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados.” (GRAMSCI, 1980:50)

² Essa noção de força e consenso foi trabalhada em *O Príncipe* por Maquiavel, o qual trata do momento de hegemonia ou consenso ao lado da autoridade ou da força.

Nesse momento, o Estado passa a ser concebido como “organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo”, expansão apresentada como a “força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias ‘nacionais’”. Aqui, esse grupo se coordena com os interesses dos grupos subordinados e faz a “vida estatal” se tornar uma “contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (no âmbito da lei)” entre os interesses de ambos. (GRAMSCI, 1980:50)

No pensamento de Gramsci, o Estado é a “sociedade política”, representa o momento da força e da coerção, enquanto a “sociedade civil” é uma rede complexa de funções educativas e ideológicas em função das quais a sociedade não é apenas comandada, mas é também dirigida. Como o Estado é constituído pelo próprio Estado (sociedade política) e pela sociedade civil, o momento da coerção e o do consenso estão unidos nele. (MACCIOCCI, 1980: 151)

Essa composição do Estado explica “a relação dialética entre coerção e consenso, ditadura e hegemonia, que serve de base e expressão ao poder de uma classe.” (MACCIOCCI, 1980:151) É um sistema ideológico que envolve o indivíduo, integrado desde o universo escolar, na infância, passando pela igreja, pelo exército, pela justiça, pela cultura e assim por diante ao longo de toda a sua vida.

Diante desse processo, é necessário destacar que as classes subalternas são dominadas pela ideologia das classes dominantes, sentença que resume parte do exposto acima. (GRUPPI, 1978:68) Na perspectiva gramsciana, portanto, por mais que haja espaço para o sujeito se colocar e reagir à força, é o consenso que produz a condição de obediência, um dos momentos fundamentais dessa construção hegemônica. O sujeito, por meio do consenso (processo ideológico), somente de forma aparente possui consciência de seus atos, mas concretamente, estaria submetido.

Gramsci dedicou especial atenção à questão da dominação e não somente da exploração. Há, aqui, contraste decisivo que impede que se utilize as teorias de Gramsci e Max Weber juntas, pois, para Weber, os sujeitos são racionais, suas ações são individualmente determinadas e não há a questão ideológica.

GRAMSCI (2002) trata de outro ponto importante para este estudo: a questão do homem coletivo ou do conformismo social. Ele considera que o Estado tem tarefa educativa e formativa com o objetivo de adequar a “civilização” e a moralidade das massas populares às necessidades de desenvolvimento do aparelho econômico de produção e de elaborar também fisicamente tipos novos de humanidade. (GRAMSCI, 2002:23) O pensador trata do Estado “ético e de cultura”:

“[...] cada Estado é ético quando uma das suas funções mais importantes é a de elevar a grande massa da população a um determinado nível cultural e moral, nível (ou tipo) que corresponde às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, aos interesses das classes dominantes. Neste sentido, a escola como função educativa positiva e os tribunais como função educativa repressiva e negativa são as atividades estatais mais importantes: mas, na realidade, no fim predominam uma multiplicidade de outras iniciativas e atividades chamadas privadas, que formam o aparelho da hegemonia política e cultural das classes dominantes.” (GRAMSCI, 1980:145)

O indivíduo, em Gramsci, é filósofo pelos simples fato de que tem “uma linguagem, de participar do senso comum, de aderir a uma religião. [...] tem sua concepção de mundo, ainda que não consciente, ainda que acrítica.” (GRUPPI, 1978:66) Para ele, a consciência do homem é resultado da relação social, sendo, dessa

forma, a própria relação social. (GRUPPI, 1978:68). Na visão weberiana, não há possibilidades de investigar o nível de consciência do indivíduo. Weber é incansável em sua preocupação com o método, e, em seu entendimento, investigar a consciência do indivíduo não é uma tarefa do cientista social.

No paradigma gramsciano, não há distinção entre espírito e ação, embora cada uma dessas faces tenha suas particularidades. Essa unidade também ocorre na sua definição de Estado, especialmente quando se considera a sociedade civil. Assim, o Estado, para Gramsci, tem a tarefa educativa de adequar a sociedade e a moralidade – o espírito – às necessidades do contínuo desenvolvimento das relações de intercâmbio social – ação –, como dito aqui anteriormente.

O pressuposto gramsciano deixa dificuldades para a realização de pesquisas empíricas no nível da verificação, o que não ocorre no caso weberiano. Como Weber pressupõe a racionalidade e probabilidade de ação racional com sentido, é possível compreender e explicar a ação individual como ação social sempre que a ação do indivíduo está referenciada no outro (WEBER, 2000:13). Além disso, para o autor, toda ação tem um meio e um sentido pensado, e as conexões dos elos da ação determinam o sentido, as quais podem ser estudadas pelo cientista social.

Assim, discutir a intencionalidade na ação efetiva, para Weber, é algo que deve ser deixado para a filosofia ou para a psicologia (áreas mais especulativas do que explicativas). A partir do pensamento weberiano, há mais condições de se estudar e de se aproximar de explicações acerca do não cumprimento das condicionalidades do que de Gramsci, porque ela proporciona método para se encontrar o sentido da conduta.

No entanto, estudar uma parte dos beneficiários do programa de transferência de renda é útil para a compreensão desse processo de hegemonia. O objeto de estudo aqui é

aquele que, aparentemente, não foi atingido pela perspectiva hegemônica do programa social ou que não tem o referencial de coerção a partir do Estado.

2.2 Perspectiva individualizada: o racionalismo de Weber

Para Max Weber, a Sociologia é “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos.” (WEBER, 2000:3)

Destacando-se os conceitos da afirmação de Weber, a “ação” é um comportamento humano externo ou interno, de omissão ou permissão, sempre que um agente ou agentes o relacionam a um “sentido subjetivo”. Por sua vez, “ação social” é aquela realizada levando em consideração o comportamento de “outros” no que se refere ao sentido visado pelo agente ou os agentes. (WEBER, 2000:3)

A Sociologia deve ser compreensiva porque seu objeto de estudo, essa ação, é a ação humana “dotada de sentido”. O cientista social deve metodizar a compreensão das ações estudadas por meio do estabelecimento de “conexões causais” que possibilitem a identificação “do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação”. (MORAES *et al*, 2003)

Compreensão, para WEBER (2000), significa:

“[...] apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido: a) efetivamente visado no caso individual (na consideração histórica), ou b) visado em média ou aproximadamente (na consideração sociológica em massa), ou c) o sentido ou conexão de sentido a ser construído cientificamente (como “ideal típico”) para o tipo puro (tipo ideal) de um fenômeno freqüente.” (WEBER, 2000:6)

Com isso, a explicação sociológica visará à compreensão do sentido, do andamento e dos efeitos da ação de um ou mais indivíduos em relação a outro ou outros, sem “julgar a validade de tais atos, nem [...] compreender o sujeito enquanto pessoa”. (MORAES *et al*, 2003) Nas palavras de WEBER (2000):

“‘Explicação’ significa, portanto, para uma ciência ocupada com o sentido da ação, algo como: apreensão da conexão de sentido a que pertence uma ação compreensível de maneira atual, segundo seu sentido subjetivamente visado [...]”(WEBER, 2000:6)

O conceito de “sentido” é amplamente discutido por Weber. Ele afirma que é por meio da compreensão do sentido que se pode identificar os nexos entre os elos de um processo de ação e “reconstruir esse processo como uma unidade que não se desfaz numa poeira de atos isolados. Realizar isso é precisamente compreender o sentido da ação.” (COHN, 2008:28) Com essa reconstrução do encadeamento significativo do processo de ação é que se chega à compreensão. É necessário destacar que se trata do sentido subjetivamente impresso na ação e não de processos psicológicos do agente. Esse conceito será tratado novamente abaixo, na discussão entre meios e fins da ação social.

Weber esclarece também que o objeto de análise na Sociologia não é a sociedade, grupo social ou qualquer outro conceito de base coletiva. Apesar de a análise sociológica tratar de fenômenos coletivos, seu o ponto de partida, para o autor, é a ação de indivíduos. Por isso, é “individualista” quanto ao método. Nas palavras de COHN (2008):

“...no estudo dos fenômenos sociais não se pode presumir a existência já dada de estruturas sociais adotadas de um sentido intrínseco; vale dizer, em termos sociológicos, de um sentido independente daqueles que os indivíduos imprimem às suas ações.” (COHN, 2008:26)

Por motivos de “conveniência metodológica”, afirma WEBER (2000), o “método da Sociologia ‘Compreensiva’ é ‘racionalista’. No entanto, é claro que esse procedimento não deve ser interpretado como preconceito racionalista da Sociologia, mas apenas como recurso metodológico.” (WEBER, 2000:5)

2.2.1 Ação social em Weber: a ação em relação a fins e meios

A ação social weberiana “é uma modalidade específica de ação, ou seja, de conduta à qual o próprio agente associa um sentido. É aquela ação orientada significativamente pelo agente conforme a conduta de outros e que transcorre em consonância com isso.” (COHN, 2008:26) Aqui, a expressão sentido, explica COHN (2008), significa o “que se manifesta em ações concretas e que envolve um motivo sustentado pelo agente como fundamento da sua ação”. (COHN, 2008:27)

A causa da ação é o motivo, enquanto “[...] quando se fala em sentido na sua acepção mais importante para a análise, não se está cogitando da gênese da ação, mas sim daquilo para o que ela aponta, para o objetivo visado nela; para o seu fim, em suma.” (COHN, 2008:27)

Assim, o sentido tem relação com o modo como se encadeia o processo de ação social, processo justamente porque não é um ato isolado e no qual ocorre uma seqüência

definida de elos significativos. A ação, dotada de sentido, é um meio para alcançar um fim, fim subjetivamente visado pelo agente.

WEBER (2000) esclarece de que sentido trata:

“Não se trata, de modo algum, de um sentido objetivamente ‘correto’ ou de um sentido ‘verdadeiro’ obtido por indagação metafísica. Nisso reside a diferença entre as ciências empíricas da ação, a Sociologia e a História, e todas as ciências dogmáticas, a Jurisprudência, a Lógica, a Ética e a Estética, que pretendem investigar em seus objetos o sentido ‘correto’ e ‘válido’.” (WEBER, 2000:4)

Como é compreensível e ligada à racionalidade, a construção de uma ação social orientada pelo fim serve à Sociologia como “tipo ideal”. “Permite compreender a ação real, influenciada por irracionalidades de toda espécie (afetos, erros), como ‘desvio’ do desenrolar a ser esperado no caso de um comportamento puramente racional”. (WEBER, 2000:5) A ausência de interferência de elementos não pertinentes à ação não ocorre “na experiência empírica e só é pensável em termos típicos ideais”. (COHN, 2008:27)

A ação social, inclusive a de omissão ou de tolerância, orienta-se pelo comportamento de outros. “Os ‘outros’ podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas.” (WEBER, 2000:13) O pensador explica:

“Nem todo o tipo de ação – também de ação externa – é ‘ação social’ no sentido aqui adotado. [...] O comportamento interno só é ação social quando se orienta pelas ações dos

outros. [...] Nem todo o tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa. [...] A ação social não é idêntica a) nem a uma ação homogênea de várias pessoas, b) nem a qualquer ação influenciada pelo comportamento de outras.” (WEBER, 2000:14)

É importante introduzir-se aqui a discussão da perspectiva individualizada de Weber. Analisando o pensamento do autor, COHN (2008) conclui que “[...] o agente individual é a única entidade capaz de conferir sentido às ações.” (COHN, 2008:28)

No entanto, apesar de dar importância à “ação social orientada por sentidos particulares”, Weber afirma que “a análise sociológica opera com base no fato empiricamente constatável de que existem certas regularidades na ação social”. (COHN, 2008:30) Para ele, os processos de ação se repetem e se tornam rotina, incorporando-se “ao cotidiano de múltiplos agentes.” (COHN, 2008:30)

Assim, a análise sociológica exige conceitos que considerem essas regularidades de conduta e o fato de elas terem caráter coletivo porque “múltiplos indivíduos agem significativamente de maneira análoga”. O conceito que atende a essa necessidade é o de “relação social”. Na relação social, múltiplos agentes se orientam “reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações”. (COHN, 2008:30)

Salienta-se aqui a diferença entre ação social e relação social. Na ação, a conduta do agente se orienta pela conduta de outro ou outros. Na relação, as condutas dos múltiplos agentes envolvidos se orientam por um “conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado”. (COHN, 2008:30)

Neste ponto desta discussão, pode ser introduzida a questão da legitimidade na relação social, colocada por Weber. É “aquela cujo conteúdo de sentido é incorporado pelos agentes como uma regra orientadora da sua conduta na medida em que é aceito como legítimo.” (COHN, 2008:30) Weber trata também da legitimação como fundamento da persistência de determinadas linhas de ação:

“[...] é possível sustentar que a persistência de linhas de ação é fundamentalmente concebida no esquema weberiano em termos da operação efetiva de processos de dominação (ou seja, de processos que envolvem a capacidade de certos agentes obterem obediência para seus mandatos), dos quais a legitimação é contrapartida. Não se trata, portanto, de uma continuidade decorrente do funcionamento de um sistema social já dado, nem do exercício de um consenso geral, mas de uma persistência problemática que envolve o confronto de interesses e a possibilidade sempre presente de ruptura por abandono, pelos dominados, da crença na legitimidade dos mandatos.” (COHN, 2008:31)

Utilizando esse imbricamento entre legitimidade e ação e relação sociais, Weber analisa a tendência de “aparecimento de um ‘quadro administrativo’ encarregado de implementar o cumprimento e a aceitação como legítima da vontade dos dominantes, e examina a dinâmica das relações entre dominantes, quadro administrativo e dominados.” (COHN, 2008:31) Acerca da ordem legítima, diz:

“Toda ação, especialmente a ação social e, por sua vez, particularmente a relação social podem ser orientadas, pelo lado dos participantes, pela representação da existência de uma ordem legítima. A

probabilidade de que isso ocorra de fato chamamos 'vigência' da ordem em questão.”
(WEBER, 2000:19)

Nesse caso, a “vigência de uma *ordem*” significa um mandamento, “cuja violação não apenas seria prejudicial, mas – normalmente – também é abominada de maneira racional referente a valores, por seu ‘sentimento de dever’ [...].” (WEBER, 2000:19)

2.2.2 Os tipos da ação social weberiana

MORAES *et tal* (2003) citam que há três níveis básicos da ação: ação frente a uma situação concreta; ação prescrita com base em regras determinadas; e ação decorrente da compreensão informal das regras.

Weber fala que a ação racional para fins é “orientada pelos fins, meios e conseqüências secundárias sob ponderação racional dos meios em relação às conseqüências secundárias e dos diferentes fins possíveis entre si”. (WEBER, 2000:15)

A teoria de Weber trata ainda de ações do tipo afetivo e do tipo tradicional. A ação de tipo afetivo ocorre sob emoções e medidas, como orgulho, desespero, vingança, e não considera os meios ou fins a atingir. Uma ação é considerada tradicional quando realizada em função de hábitos e costumes arraigados, quando é uma reação a estímulos habituais. (MORAES *et tal*, 2003). WEBER (2000) salienta que os comportamentos estritamente tradicional e afetivo estão “no limite ou além daquilo que é ação conscientemente orientada ‘pelo sentido’”. (WEBER, 2000:15)

Mesmo racional, a decisão entre fins e conseqüências concorrentes pode ser orientada por valores: “nesse caso, a ação só é racional com referência a fins no que se

refere aos meios”. Se não houver orientação racional por valores, o agente pode aceitar os fins concorrentes como necessidades subjetivas e “colocá-los numa escala segundo sua urgência conscientemente ponderada, orientando sua ação por essa escala, de modo que as necessidades possam ser satisfeitas nessa ordem estabelecida”. Esse é o “princípio da utilidade marginal”. Assim, a orientação racional por valores pode ter relações muito diferentes da orientação racional para fins. (WEBER, 2000:15)

WEBER (2000) compara as ações afetiva e racional referente a valores. Elas diferenciam-se apenas pela elaboração consciente dos alvos últimos da ação e, no caso da referente a valores, pela orientação consequente e planejada com referência a esses. Em comum, tem o sentido da ação, que “não está no resultado que a transcende, mas sim na própria ação em sua peculiaridade.” (WEBER, 2000:15)

Deve-se notar, entretanto, que Weber admite que, muito raras vezes, a ação social está “exclusivamente orientada por um outro dos tipos aqui classificados”. (MORAES *et tal*, 2003). Ele destaca que essas tipologias são modelos conceituais puros:

“Só muito raramente a ação, e particularmente a ação social, orienta-se exclusivamente de uma ou de outra dessas maneiras. E, naturalmente, esses modos de orientação de modo algum representam uma classificação completa de todos os tipos de orientação possíveis, senão tipos conceitualmente puros, criados para fins sociológicos, dos quais a ação real se aproxima mais ou menos ou dos quais – ainda mais frequentemente – ela se compõe. Somente os resultados podem provar sua utilidade para nossos fins.” (WEBER, 2000:16)

Assim, a ação social pode ser determinada de quatro formas (WEBER, 2000:15):

1) de modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como condições ou meios para alcançar *fins* próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso;

2) de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e *inerente* a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado;

3) de modo afetivo, especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais; e

4) de modo tradicional: por costume arraigado.

Na análise da legitimidade de uma ordem, questão abordada anteriormente, WEBER (2000) afirma que pode estar garantida de modo afetivo, racional referente a valores ou religioso; ou somente pela situação de interesses. O autor sustenta ainda que uma ordem é denominada “convenção, quando sua vigência está garantida externamente pela probabilidade de que, dentro de determinado círculo de pessoas, um comportamento discordante tropeçará com a reprovação [...]” ou “direito, quando está garantida externamente pela probabilidade da coação (física ou psíquica) exercida por determinado quadro de pessoas cuja função específica consiste em forçar a observação dessa ordem ou castigar sua violação.” (WEBER, 2000:21)

A partir da abordagem desses pontos do pensamento de Weber, pode-se formular algumas questões acerca do tema proposto nesta pesquisa. Um deles seria a compreensão do tipo de ação social praticada pelos indivíduos que não cumprem as regras impostas pelo programa de transferência de renda estudado. A legitimidade das

condicionalidades não foi incorporada pelos beneficiários? Qual é o sentido de suas ações? Que fins querem alcançar? Suas ações são racionais?

2.3 Perspectiva racional: a Escolha Racional

A Teoria da Escolha Racional oferece outro campo de possibilidades para se examinar as condutas dos indivíduos estudados nesta pesquisa. Oriunda do trabalho de pensadores clássicos, entre eles o próprio Weber, tem muitos estudos contemporâneos sob sua linha de compreensão. Por essa perspectiva de análise, pode-se compreender e explicar o que faz o indivíduo tomar decisões e agir, racionalmente ou não.

FEREJOHN *et al* (2001) trazem uma “definição mínima” de ação racional:

“[...] convencionalmente, um ato racional é um ato que foi escolhido porque está entre os melhores atos disponíveis para o agente, dadas as suas crenças e os seus desejos. Atos racionais maximizam preferências ou desejos, dadas determinadas crenças. Colocado de outra forma, a racionalidade requer que crenças, desejos e ações se relacionem de uma forma particular. Nesse sentido, a racionalidade é uma condição de consistência que sustenta que essa relação seja válida para todas as crenças, desejos e ações.”
(FEREJOHN *et al*, 2001)

Jon Elster sistematiza as diversas possibilidades de compreensão e explicação da conduta dos indivíduos, seja ela perfeitamente racional, imperfeitamente racional ou até irracional.

2.3.1 Maximização, satisfação e seleção natural

Em um diálogo do pensamento de Jon Elster com os de Herbert Simon, Milton Friedman e Gary Becker, percebe-se a ênfase na compreensão de que uma conduta racional clara pode ser questionada por motivos relacionados ao custo da informação. (ELSTER, 1989:223) “[...] as escolhas feitas pelos agentes devem ser explicadas em termos da variabilidade dos constrangimentos materiais enfrentados por eles.” (FEREJOHN *et al*, 2001)

A teoria da conduta racional distingue cinco níveis de custo para o indivíduo na decisão sobre sua conduta:

1) Maximização: há total certeza de probabilidades objetivas e sem custos de informação, o cálculo é instantâneo. Nesse caso, há perfeita racionalidade porque o indivíduo tem capacidade de buscar a satisfação de preferências, de interação e previsão do futuro, pode analisar todas as alternativas e escolher estratégias indiretas. Inclui-se aqui a racionalidade imperfeita, na qual o indivíduo sabe que a possibilidade do ótimo, em alguns casos, pode não estar clara e que isso pode ocorrer ainda por sua fraqueza.

2) Satisfação ou racionalidade limitada: Herbert Simon e outros pensadores sustentam que os argumentos dessa posição foram construídos com base na empiria e em procedimentos lógicos. Empiricamente, é raro homens de negócios, por exemplo, buscarem deliberadamente o ótimo global em seu conjunto de resultados factíveis. Antes, tendem a fixar-se na taxa mínima de lucro e adotam curso de ação que lhes satisfaça esse mínimo. (ELSTER, 1989:224) Essa é, para Elster, a possibilidade mais convincente.

3) Maximização modificada: essa posição é abstratamente ótima. A solução de um problema técnico qualquer, por exemplo, pode ser ótimo de um ponto de vista da

engenharia, mas economicamente irracional por seus excessivos custo e demanda de tempo. (ELSTER, 1989:225)

4) Maximização como satisfação: essa posição dialoga com a Escola de Chicago e, mais especificamente, com Joseph Schumpeter. Ambos defendem a idéia de que a conduta racional ou maximizadora é, na realidade, resultado de uma ação estereotipada ou satisfatória, na qual os itens de satisfação são selecionados no mercado. (ELSTER, 1989:225)

5) Maximização como condutora a uma regressão infinita: defendida por Sidney Winter, essa visão sustenta que a escolha de uma estrutura de informação maximizadora dos lucros requer inúmeras informações que podem ser custosas e não significa que o indivíduo esteja disposto a pagar por elas.

2.3.2 Conduta tradicional e conduta de azar

Weber também analisou a ação social tradicional como alternativa à conduta instrumentalmente racional. Outros dois tipos de ação para Weber, como exposto anteriormente neste capítulo, são os orientados pelo valor e pelo afeto. Para Elster, no entanto, a conduta orientada pelo valor seria analisável de acordo com as preferências lexicográficas (a partir da análise detalhada do discurso do indivíduo), enquanto a conduta afetiva seria similar à fraqueza de vontade.

Pode-se construir um exemplo da diferença de enfoque de conduta com a comparação entre um economista e um sociólogo e usando-se como caso a escolha de profissão.

Para o sociólogo, o indivíduo é impelido por certas normas ou subculturas a escolher uma profissão, e mudanças no sistema de recompensas tem pouca eficácia na mudança de conduta. É a causalidade.

Enquanto isso, para o economista, o indivíduo é atraído por diferentes recompensas relacionadas como o custo de ação disponível e ocorrem mudanças de conduta de acordo com o sistema de recompensas. É a intencionalidade.

Essa diferenciação poderia ser evitada se os sociólogos reconhecessem que, para qualquer pessoa, a ação é governada pelas preferências, ainda que essas preferências se modifiquem de pessoa para pessoa; e se os economistas reconhecessem que há casos autênticos de conduta estereotipada, tradicional ou rígida. (ELSTER, 1989:232)

Nessa diferenciação entre causalidade e intencionalidade, embora Elster prefira a segunda, reconhece-se que podem ocorrer casos em que valores, normas e tradições exercem um efeito direto sobre a conduta, e que, portanto, a conduta orientada pela escolha do azar, em muitos casos, pode ser orientada por algum critério aleatório dentro do indivíduo e não por escolha deliberada. No entanto, Elster utiliza novamente Boudon quando explica a conduta da mobilidade por meio de modelos que incluem estratégias mistas.

2.3.3 Altruísmo

Os primeiros teóricos da Escolha Racional defendiam que os modelos de conduta racional associada à suposição consideravam somente as condutas motivadas pelo egoísmo e hedonismo e não admitiam o fenômeno do altruísmo. Nessa explicação, fica subentendido que não é natural no homem o altruísmo e que o interesse pelo outro deve ser sempre explicado.

Existem mecanismos que explicam a conduta de aparência altruísta como de motivação verdadeiramente egoísta para explicar o surgimento de uma conduta cujo caráter altruísta não é só aparente. A estratégia do egoísta de simular altruísmo somente triunfa se for oculta, e essa conduta tão verossímil se tornaria, no final, altruísta.

Assim, o altruísmo é uma anomalia, segundo a teoria da Escolha Racional, porque não parece provável que os intentos de se explicar a conduta altruísta, como resultado de um interesse egoísta estreitamente definido, possam aplicar-se a todos os casos.

“El hombre económico puede ser definido de acuerdo con sus preferencias continuas y su estrecho interés egoísta, pero el hombre racional puede tener preferencias no arquimédicas y ser movido por su interés por los demás”. (ELSTER, 1989:243)

No entanto, o consumo ou a utilidade de outra pessoa pode entrar na função de utilidade para o indivíduo. Assim, tem-se um altruísmo lexicográfico, definido da seguinte forma: o bem-estar dos demais estabelece uma diferença para minha utilidade e não quando meu próprio consumo se mantém constante.

2.3.4 Inconstância

A conduta racional, segundo a definição comum, é a atuação de acordo com um conjunto de preferências completo e transitivo. A conduta do indivíduo, nesse sentido, pode ser previsível por ele mesmo e por outros sempre que não mudem suas preferências.

A inconstância de preferências pode ser irracional, mas pode ser uma incapacidade de adotar atitudes estratégicas. O indivíduo perfeitamente racional está livre da inconstância. Uma segunda melhor racionalidade consiste em ser inconstante e tomar precauções contra essa preferência.

O problema, no entanto, é escolher boas razões para mudar ou não de opinião e separá-las das más razões. Pode-se tratar esse tema do ponto de vista da moral? (ELSTER, 1989:244) Quando essa questão for totalmente decifrável, será possível passar-se para o estágio de condução das pessoas que constantemente mudam de opinião para uma situação de conformidade. No entanto, Elster defende que isso não ocorre.

Entre as boas razões, está a experiência de consumo: o indivíduo tem condições de mudar de preferência ao comparar *ex ante facto* e *ex post facto*. Entre as más razões, está o desejo de novidade e a pura inércia. Discordando de Gottfried Leibniz, que acreditava que a inquietude é essencial para a felicidade, Elster defende moderação.

Analisando atitudes consideradas paradoxais, Elster alerta para o fato de que os paradoxos podem limitar a envergadura da Teoria da Escolha Racional, mas abre perspectivas de se dar sentido a condutas que de outra maneira seriam entendidas como patológicas. E concorda com Donald Davidson, que supõe que, em geral, deve haver certa presunção de racionalidade nos assuntos humanos.

2.3.5 Questão metodológica

Elster critica os economistas que trabalham com o princípio da caridade. O autor sustenta que o cientista deve sempre supor, como hipótese de trabalho, a racionalidade de qualquer ação do ator social. Para Elster, o investigador não deve forçar explicações

simplesmente porque acredita que os atores são racionais, porque eles podem ter metas distintas do que o investigador inicialmente supõe. (ELSTER, 1989:257)

No entanto, o autor alerta para o fato de que, em muitos casos, não há única escolha racional, e que, nesses casos, a solução não é apenas uma, mas várias, entre as quais o indivíduo teria que fazer opções.

Aqui, podemos encontrar desarmonia entre os pensamentos de Elster e Weber porque, diferente do que diz o autor da Escolha Racional, para Weber, o cientista social deve metodizar a compreensão das ações estudadas estabelecendo conexões causais que possibilitem a identificação do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação. Assim, a explicação sociológica em Weber visa à compreensão do sentido, do andamento e dos efeitos da ação de um ou mais indivíduos em relação a outro ou outros.

2.3.6 Irracionalidade: as contradições da mente

“De acordo com o modelo de ação racional individual, a irracionalidade pode decorrer da fraqueza de vontade, do excesso de vontade e de distorções na formação das crenças ou preferências”, afirma Elster. (ELSTER, 1989:199)

O fracasso é um dos temas mais recorrentes na vida diária dos indivíduos, mas esse fracasso não implica falta de racionalidade. Pode-se errar por auto-engano, por supor que o outro é irracional, por agir pelo subjetivo, ou simplesmente as intenções podem não se realizar porque são inerentemente irrealizáveis.

Elster discute as contradições de Georg Hegel, cuja Teoria da Lógica nega o princípio da contradição porque ambas crenças podem estar certas. Na Teoria da Fenomenologia do Espírito, a principal suposição é que o espírito pode manter contradições. (ELSTER, 1989:261)

Outro campo onde se pode examinar condutas racionais ou não é o da Psicologia e da Psiquiatria. Para Elster, Sigmund Freud tem no amor e no auto-engano o centro de sua obra, mas a coexistência de seus escritos acerca de modelos causais e intencionais de homem torna difícil reconstruir uma teoria coerente das contradições a partir dele. (ELSTER, 1989:266) Elster ainda elogia alguns intentos da Psicologia que estariam na direção de aprimorar a teoria numa linguagem da ação e não somente ligados às estruturas coisificadas de estruturas causais.

O autor lembra que Eugene Genovese, no seu trabalho sobre a escravidão nos Estados Unidos, mostrou como o dilema da relação senhor e escravo de Hegel teve validade. Para Elster, a progressão hegeliana se repete em Jean-Paul Sartre, com a idéia de revolução, e em Freud, com a noção do sádico que depende de sua presa e se converte em masoquista.

Com essa discussão, Elster quer demonstrar que a força ou a fraqueza de vontade do indivíduo depende dos mecanismos mentais, os quais podem se debilitar nas tentativas de sucessivos projetos. Para esses fenômenos, a linguagem intencional é mais adequada do que a linguagem de ação proposta por Roy Schafer porque se pode ter intenções contraditórias, mas não se realizar ações contraditórias.

Para finalizar, cita-se a consideração de FERREJOHN *et al* (2001) que admitem que ninguém “realmente acha que os seres humanos reais se comportam exatamente como as teorias da escolha racional prescrevem.” (FERREJOHN *et al*, 2001) Os autores explicam:

“E isso não se deve a desvios ocasionais ou erros. As evidências experimentais existentes em grande abundância sugerem que as pessoas se desviam sistematicamente das

predições da teoria da escolha racional. Ainda assim, mesmo não agindo racionalmente, as pessoas tendem a reconhecer a força normativa da racionalidade, e isso influencia suas ações – que se aproximam ao menos um pouco daquilo que criaturas de racionalidade ideal fariam nas mesmas circunstâncias.” (FEREJOHN *et al*, 2001)

Uma questão colocada pelos autores pode ser importante para esta pesquisa. FEREJOHN *et al* (2001) consideram que as ações dos indivíduos podem ser entendidas “pela mudança do seu contexto institucional”. Eles afirmam que as instituições “são formas de regular ou direcionar as atividades de pessoas que são capazes de responder de forma previsível a seus comandos.” (FEREJOHN *et al*, 2001)

Com todas as questões acima colocadas acerca da Teoria da Escolha Racional, pode-se analisar a conduta dos indivíduos diante do programa de transferência condicionada de renda e avaliar qual é o nível de racionalidade deles – ou de irracionalidade.

2.4 A perspectiva adotada

Para a realização deste estudo, inicialmente, foi adotada a perspectiva coletiva marxista de Antonio Gramsci. Partiu-se dos conceitos de hegemonia, coerção e consenso, os quais, utilizados como dimensões analíticas teóricas, orientaram também a elaboração do questionário (as dimensões analíticas utilizadas serão detalhadas no capítulo que trata da metodologia).

O conceito de hegemonia de Gramsci proporciona a compreensão do papel do Estado no desenvolvimento da política pública estudada e no estabelecimento de suas condicionalidades. Como explicado anteriormente, a classe dominante exerce seu poder

por meio do estabelecimento de um senso comum concordante com sua visão de mundo, sua moral, seus costumes. É por meio desse senso comum, que as classes subalternas reconhecem a dominação, conscientemente ou não. Uma das esferas de estabelecimento e exercício dessa hegemonia é a sociedade política – o Estado –, o qual ainda oferece meios para conquistá-la e mantê-la.

Assim, pode-se entender que, sendo o Estado conduzido por um grupo dirigente, sua ação tem o conteúdo estabelecido pelos interesses hegemônicos da classe dominante e em prol do desenvolvimento e do interesse das forças produtivas. A educação formal, oferecida pelo Estado, é espaço privilegiado de construção e manutenção dessa hegemonia. No caso da política pública estudada, educação é ainda uma condicionalidade para a permanência nela.

Nesse ponto, entram os conceitos de consenso e coerção. O programa de transferência de renda estudado parte de um esperado consenso acerca da importância da educação oferecida pelo Estado e aplica a coerção – a força – ao cancelar o pagamento do benefício à família que não cumpre a regra – a condicionalidade.

A dúvida aqui é: por que algumas famílias não cumprem as regras do programa, criado pelo Estado, e correm o risco de sofrer a sanção, o cancelamento do benefício? Deve-se salientar que a sanção é a materialização da coerção.

Identificando-se o risco de que o paradigma teórico coletivo possa não oferecer resposta ou explicação para essa pergunta, adotaram-se outros dois paradigmas, o weberiano e o da Escolha Racional. Ambos se baseiam na racionalidade e na individualidade e podem oferecer caminho oposto para a compreensão do problema da pesquisa ao considerarem a ação social e a conduta individual como objetos de análise.

Agora, passa-se à descrição do universo onde ocorrem o exercício da coerção, as ações sociais e as escolhas dos indivíduos, racionais ou não, de interesse para esta dissertação: o programa de transferência condicionada de renda Bolsa Família.

3 Programas de transferência de renda com condicionalidades: o Bolsa Família

Em todo o mundo em 2005, conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 1,8 bilhão de pessoas viviam com menos de US\$ 1,25 por dia – valor estabelecido pela ONU como uma medida de pobreza. O enfrentamento da pobreza e da desigualdade tem sido apresentado por governos e organizações internacionais como um grande desafio para os Estados e suas políticas públicas, especialmente para os países pobres e em desenvolvimento.

Entre as tentativas dos governos para promover a redução da pobreza, está a criação de programas de renda mínima. A literatura registra a introdução deles a partir do período pós-Primeira Grande Guerra. Utilizaram essa alternativa de política de proteção social países como Dinamarca, em 1933; Reino Unido, em 1948; Alemanha Federal, em 1961; Países Baixos, em 1963; Bélgica, em 1974; Irlanda, em 1977; Luxemburgo, em 1986; França, em 1988; Espanha, em 1990; e Portugal, em 1996.

Este capítulo tem o objetivo de reunir algumas discussões que envolvem esse tipo de política pública e apresentar o Programa Bolsa Família brasileiro, do qual, como abordado rapidamente no capítulo anterior, estudaremos o não cumprimento, pelos beneficiários, das regras impostas.

3.1 Programas de transferência condicionada de renda

A agenda das políticas públicas sociais de combate à pobreza e de promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional no mundo se intensificou após a década de 1990 incorporando o debate acerca dos programas de transferência condicionada de renda. Os gestores desses programas divulgam que eles se propõem a promover o alívio da miséria e da fome com a “transferência de benefícios monetários não-contributivos associados a contrapartidas sociais ou condicionalidades exigidas a famílias e indivíduos [...], proporcionando, desse modo, efeitos a longo prazo no perfil de desigualdades sociais”. (IBASE, 2008:14)

SILVA (2007) traz um conceito desses programas:

“Transferência de renda é entendida enquanto uma transferência monetária direta efetuada a indivíduos ou a famílias. O pressuposto central é de que articular uma transferência de renda com políticas e programas estruturantes, principalmente no campo da educação, saúde e trabalho, direcionados a famílias pobres, pode interromper o ciclo vicioso da pobreza do presente e sua reprodução no futuro. Portanto, uma articulação entre uma transferência monetária com políticas e programas estruturantes, direcionados a famílias pobres, pode possibilitar a construção de uma política de enfrentamento à pobreza e à desigualdade social.” (SILVA, 2007: 1429)

Nas Américas, boa parte dos países desenvolve esses programas. O México mantém o programa *Oportunidades*, criado em 1989 com o nome Pronasol; a Nicarágua tem o *Red de Protección Social* desde 2000; em 2001, a Colômbia lançou o *Familias en Acción*; a Argentina tem desde 2002 o *Jefes e Jefas del Hogar*; o *Bono de Desarrollo Humano* foi instituído em 2004 pelo Equador; e o Uruguai desenvolve o *Asignaciones*

Familiares desde 2008. A cidade de Nova Iorque (EUA) investe no *Opportunity NYC* desde 2007.

No Brasil, o debate sobre a instituição desse tipo de política social se acirrou a partir 1991, com a discussão no Congresso Nacional do Projeto de Lei nº 80/1991, que criava o Programa de Garantia de Renda Mínima, um programa de transferência de renda sem exigência de contrapartida do beneficiário. Essa proposta, na época, embasou o desenvolvimento de programas de combate à fome e à pobreza por diversos governos municipais. (ZIMMERMANN, 2006).

SILVA (2007) afirma que dois argumentos passaram a sustentar a defesa de programas de renda mínima no Brasil. O primeiro, de que mandar crianças e adolescentes para a escola tem um custo muito elevado para as famílias pobres e extremamente pobres, é complementado pelo segundo, que salienta que a deficiência da formação educacional limita as possibilidades de elevação de renda das futuras gerações e estabelece um círculo de reprodução da pobreza. Assim, uma renda mínima para essas famílias estimularia a ida dos filhos à escola e criaria a possibilidade de rompimento do ciclo da pobreza.

É necessário comentar que os dois argumentos expostos por SILVA (2007) veem a educação como forma de superação da pobreza, pois a colocam como parte da estrutura social. A educação é parte dessa estrutura, mas somente ela, como ação relevante para se sair da pobreza, pode ser pouco eficaz. É importante compreender porque famílias ou populações ficam à margem da estrutura educacional, o que faz elas não estarem inseridas no sistema educacional.

Para ZIMMERMANN (2006):

“Os mentores intelectuais desse tipo de auxílio argumentam que a pobreza familiar exerce uma grande influência sobre o ingresso precoce das crianças no mercado de trabalho, já que os custos para manterem as crianças na escola são muito altos. Argumenta-se ainda que, entrando cedo no mercado de trabalho, as crianças saem igualmente cedo da escola, tornando-se adultos com algum tipo de experiência no mercado de trabalho. Porém, devido à baixa escolaridade, acabam tendo somente acesso a empregos precários e conseqüentemente a uma baixa renda. Estando inclusos nesses círculos viciosos, esses novos adultos terminariam contribuindo para a manutenção dos mecanismos de reprodução da pobreza, já que a pobreza de hoje geraria a de amanhã.”
(ZIMMERMANN, 2006)

Nesse ponto, deve-se salientar que a análise de programas de transferência de renda condicionada proporciona a discussão sobre a relação indivíduo e sociedade, mais especificamente sobre a família como unidade e a educação como elemento potencial de socialização, de inserção no cenário social maior, como sinaliza SILVA (2007): considerar a família como unidade beneficiária e “articular a transferência monetária com a educação significavam associar uma política compensatória (transferência monetária) com uma política estruturante (educação)”. (SILVA, 2007:1431)

Para SENNA *et al* (2007), “[...] a decisão de se tomar a família como unidade de intervenção está respaldada no argumento de que as políticas de proteção à família teriam maior potencial de impactar as condições de vida da população pobre.” (SENNA *et al*, 2007:89)

O foco na família é, assim, uma forma encontrada pelos formuladores dos programas de atingir seu principal público-alvo – as crianças e os adolescentes – e incluí-lo em outras políticas públicas – além de educação, saúde e assistência social – tornando pais e responsáveis intermediários do processo. (SENNA et al, 2007:89)

Um aspecto que pode ser destacado aqui é a importância da família do ponto de vista sociológico. Na maioria dos programas de transferência de renda, destaca-se a atenção dada à família e, especialmente, à mãe. Os gestores preferem que a mulher se responsabilize pela ação do núcleo familiar. Isso indica que os formuladores dessas políticas públicas tratam a mulher como chefe de família, não por ser dona de casa ou na categoria de mãe, mas por representar a pessoa que trabalha, a pessoa que cuida dos filhos e dos demais integrantes da família ou a pessoa que “sobrou” do padrão marido-mulher. No caso do programa brasileiro Bolsa Família, 93,6% dos titulares do benefício são mulheres. (IBASE, 2008)

3.2 O Programa Bolsa Família

Nesse contexto de debates, em outubro de 2003, o governo federal brasileiro lança o Programa Bolsa Família. Criado pela Lei 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e colocado sob a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), o programa unificou os programas nacionais de transferência de renda que vinham sendo desenvolvidos desde o governo anterior (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio-Gás, Cartão Alimentação e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

Os objetivos do programa estão estabelecidos no Art. 4º do Decreto 5.209, de 17 de setembro de 2004, que regulamenta a Lei 10.836/04. Esse artigo determina o seguinte:

“Art. 4º Os objetivos básicos do Programa Bolsa Família, em relação aos seus beneficiários, sem prejuízo de outros que venham a ser fixados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, são:

I - promover o acesso à rede de serviços públicos, em especial, de saúde, educação e assistência social;

II - combater a fome e promover a segurança alimentar e nutricional;

III - estimular a emancipação sustentada das famílias que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza;

IV - combater a pobreza; e

V - promover a intersetorialidade, a complementaridade e a sinergia das ações sociais do Poder Público.” (DECRETO 5.209/04)

O Bolsa Família pode ser categorizado como um programa de transferência direta de renda com condicionalidades. Funciona com o pagamento de uma bolsa mensal temporária direto ao beneficiário, preferencialmente à mulher, por meio de uma instituição bancária (a Caixa Econômica Federal é a principal parceira). O principal critério de seleção e inclusão das famílias no programa é a renda *per capita* mensal. O benefício é mantido pelo governo mediante o cumprimento de condicionalidades pela família.

A renda *per capita* mensal é o referencial para caracterização de situação de pobreza ou extrema pobreza para o programa, conforme determina o § 6º do Art. 2º da Lei 10.836/04. O valor de que trata a lei, que é de 2004, é de R\$ 120, podendo ser aumentado “pelo Poder Executivo, em razão da dinâmica socioeconômica do País e de estudos técnicos sobre o tema”. Sobre a bolsa, deve ser reajustada dentro do orçamento federal disponível para o programa, como disposto na mesma lei:

“Parágrafo único. O Poder Executivo deverá compatibilizar a quantidade de beneficiários do Programa Bolsa Família com as dotações orçamentárias existentes.” (LEI 10.836/2004)

Em 2009, as famílias que recebiam entre R\$ 70,01 e R\$ 140 ingressavam no programa se tivessem crianças ou adolescentes com idades entre zero e 17 anos, enquanto as famílias com renda mensal de até R\$ 70 por pessoa, eram incluídas quaisquer que fossem as idades de seus integrantes.

Havia ainda o Benefício Variável, de R\$ 22, para as famílias com renda mensal de até R\$ 140 por pessoa e com crianças e adolescentes de até 15 anos. Cada família podia receber até três benefícios variáveis. O Benefício Variável Vinculado ao Adolescente (BVJ), de R\$ 33, era pago às famílias que tinham adolescentes de 16 e 17 anos freqüentando a escola. Cada família podia receber até dois BVJs.

Os valores pagos variavam de R\$ 68 a R\$ 200, e o valor médio da transferência monetária no país era de R\$ 94,24. As tabelas abaixo mostram a progressão dos valores dos benefícios:

Número de crianças e adolescentes de até 15 anos	Número de jovens de 16 e 17 anos	Tipo de benefício	Valor do benefício
0	0	Básico	R\$ 68
1	0	Básico + 1 variável	R\$90
2	0	Básico + 2 variáveis	R\$ 112
3	0	Básico + 3 variáveis	R\$ 134
0	1	Básico + 1 BVJ	R\$ 101
1	1	Básico + 1 variável + 1 BVJ	R\$ 123
2	1	Básico + 2 variáveis + 1 BVJ	R\$ 145
3	1	Básico + 3 variáveis + 1 BVJ	R\$ 167
0	2	Básico + 2 BVJ	R\$ 134
1	2	Básico + 1 variável + 2 BVJ	R\$ 156

2	2	Básico + 2 variáveis + 2 BVJ	R\$ 178
3	2	Básico + 3 variáveis + 2 BVJ	R\$ 200

Fonte: MDS (www.mds.gov.br)

Número de crianças e adolescentes de até 15 anos	Número de jovens de 16 e 17 anos	Tipo de benefício	Valor do benefício
0	0	Não recebe benefício básico	-
1	0	1 variável	R\$ 22
2	0	2 variáveis	R\$ 44
3	0	3 variáveis	R\$ 66
0	1	1 BVJ	R\$ 33
1	1	1 variável + 1 BVJ	R\$ 55
2	1	2 variáveis + 1 BVJ	R\$ 77
3	1	3 variáveis + 1 BVJ	R\$ 99
0	2	2 BVJ	R\$ 66
1	2	1 variável + 2 BVJ	R\$ 88
2	2	2 variáveis + 2 BVJ	R\$ 110
3	2	3 variáveis + 2 BVJ	R\$ 132

Fonte: MDS (www.mds.gov.br)

As famílias são selecionadas a partir das informações inseridas pelos municípios no Cadastro Único para Programas Sociais para o Governo Federal (CadÚnico). A coleta dos dados de cada família é realizada por meio do preenchimento de um formulário do CadÚnico, tarefa cumprida por assistentes sociais em entrevistas com o beneficiário legal.

Assim, cada município tem uma estimativa de famílias pobres, considerada como a meta de atendimento do programa naquele território – essa estimativa é calculada com base numa metodologia desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e tem como referência os dados do Censo de 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2004, ambos do IBGE. A partir das informações inseridas no CadÚnico, o MDS seleciona automaticamente, todo mês, as famílias que serão incluídas no programa.

Estudo do IBASE (2008)³ traça um perfil dos beneficiários do programa. Entre os responsáveis pela família (titulares do benefício), 93,6% são mulheres; 64,5% são negros ou pardos; e 81,3% sabem ler e escrever. Não tiveram trabalho remunerado no mês anterior à pesquisa ou nunca trabalharam 52,5% deles. Tem carteira assinada 16% dos que trabalham. Entre esses titulares, 15,3% integram alguma associação comunitária ou de bairro, sindicatos, federações, associações de classe, movimentos sociais, conselhos de controle social ou partidos políticos.

Em 61,9% dos lares, os titulares são mulheres com companheiros e crianças e, em 27,2%, são mulheres sem companheiros e com crianças. Quando se considera todos os integrantes da família, 50,7% das pessoas beneficiadas tem até 18 anos. A pesquisa verificou que 54,8% das famílias estavam em situação de insegurança alimentar grave ou moderada. Em 38,5% delas, há pelo menos uma pessoa com problemas crônicos de saúde.

No mês anterior à pesquisa, 50,6% dessas pessoas tiveram trabalho e 46,1% dos lares tiveram renda mensal inferior a R\$ 380 (valor correspondente ao salário mínimo do período da coleta de dados). O fogão está presente em 93,7% das casas, a geladeira, em 78,2%, e os aparelhos de televisão, em 90,5%.

Em 2009, conforme informações do site do MDS, o Bolsa Família chegava a todos os municípios brasileiros. No banco de dados do CadÚnico, podia-se verificar que o programa atendia, em dezembro, a 12.370.915 famílias, sendo que, em 30 de novembro, havia cadastros de 19.405.902 famílias. A tabela abaixo sistematiza esses dados:

³ A pesquisa entrevistou cinco mil titulares do benefício, reunindo dados acerca de 23.420 membros das famílias, nas cinco regiões do país. “A distribuição das famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família nas grandes regiões corresponde ao universo de titulares no Brasil, conforme o cadastro de março de 2007, que serviu como base para a construção do plano amostral.” (IBASE, 2008:17)

TABELA 3 – Dados Gerais do Programa Bolsa Família – Brasil	
Informação (período)	Número
População Total do País (2008)	189.604.313
Estimativa Famílias Pobres - Perfil Cadastro Único/PNAD 2006 (2008)	22.231.781
Estimativa Famílias Pobres - Perfil Bolsa Família/PNAD 2006 (2008)	12.995.195
Total de Famílias Cadastradas/CadÚnico (novembro/2009)	19.405.902
Famílias Beneficiárias (dezembro/2009)	12.370.915

Fonte: CadÚnico (www.mds.gov.br)

3.3 As obrigações do Estado

O Decreto 5.209, de 17 de setembro de 2004, determina que a execução e a gestão do Bolsa Família devem ser descentralizadas entre os entes federados (União, estados e municípios).

Aos estados cabe, entre outras funções, disponibilizar apoio técnico-institucional aos municípios; disponibilizar serviços e estruturas institucionais da área da assistência social, da educação e da saúde em sua esfera; e promover, em articulação com a União e os municípios, o acompanhamento do cumprimento das condicionalidades. (DECRETO 5.209/04)

Os municípios tem que, entre outras responsabilidades, inscrever as famílias pobres de seu território no CadÚnico; disponibilizar serviços e estruturas institucionais da área da assistência social, da educação e de saúde na esfera municipal; garantir apoio técnico-institucional para a gestão local do programa; estabelecer parcerias com órgãos e instituições municipais, estaduais e federais, governamentais e não-governamentais, para oferta de programas sociais complementares; e promover, em articulação com a União e os estados, o acompanhamento do cumprimento das condicionalidades. (DECRETO 5.209/04)

O acompanhamento das condicionalidades é realizado de forma conjunta pelos ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), da Saúde e da

Educação. Nos municípios, deve ser feito de forma articulada entre as áreas de assistência social, saúde e educação. (DECRETO 5.209/04)

ZIMMERMANN (2006) considera que o Programa Bolsa Família promoveu avanço relevante nas políticas públicas de combate à fome e à pobreza no Brasil, tanto por seus resultados diretos, quanto pelo desenvolvimento de uma institucionalidade governamental que unificou as ações da área e centralizou sua coordenação, o que não ocorria com as iniciativas anteriores ao Bolsa Família.

A pesquisa do IBASE (2008) estudou também a oferta de serviços públicos aos beneficiários do programa. Identificou que 45,4% dos beneficiados receberam mais de seis visitas de agentes comunitários de saúde nos 12 meses anteriores à pesquisa e que 21,6%, não receberam sequer uma visita; estão ligados à rede elétrica 96,9% de seus domicílios; 85,1% tem acesso à água canalizada; e 79,4% tem o lixo recolhido.

No entanto, o IBASE (2008) conclui que ainda é pouco expressiva a integração do programa a outras políticas públicas importantes para seu público. “Em todas as regiões do país, a maioria dos (as) titulares informou que o programa não os (as) ajudou a acessar programas que ampliam o acesso à educação, à saúde e ao trabalho.” (IBASE, 2008:66)

3.4 A discussão acerca das condicionalidades

O Decreto 5.209, de 17 de setembro de 2004, estabelece o conceito de condicionalidades do Programa Bolsa Família:

“Art. 27. Considera-se como condicionalidades do Programa Bolsa Família a participação efetiva das famílias no processo educacional e nos programas de

saúde que promovam a melhoria das condições de vida na perspectiva da inclusão social.” (DECRETO 5.209/2004)

Das famílias, é exigida a frequência escolar mínima de 85% para crianças e adolescentes entre seis e 15 anos e de 75% para adolescentes entre 16 e 17 anos. Em saúde, deve ser feito o acompanhamento do calendário de vacinas e do crescimento e desenvolvimento para crianças menores de sete anos e o pré-natal das gestantes e acompanhamento das nutrizes que estão na faixa etária de 14 a 44 anos. A condicionalidade de assistência social é a frequência mínima de 85% da carga horária nos serviços socioeducativos pelas crianças e adolescentes de até 15 anos em risco social e retirados do trabalho infantil. (PORTARIA GM/MDS 321/2008)

O quadro abaixo facilita a visualização das condicionalidades:

QUADRO 1 – Condicionalidades e exigências	
Condicionalidade	Exigência
Educação	crianças e adolescentes entre seis e 15 anos: frequência escolar mínima de 85%
	adolescentes entre 16 e 17 anos: frequência escolar mínima de 75%
Saúde	crianças menores de sete anos: acompanhamento do calendário vacinal e do crescimento e desenvolvimento
	gestantes: pré-natal
	nutrizes na faixa etária de 14 a 44 anos: acompanhamento
Assistência Social	crianças e adolescentes de até 15 anos em risco ou retirados do trabalho infantil: frequência mínima de 85% da carga horária de serviços socioeducativos

As famílias que descumprem as condicionalidades estão sujeitas a sanções gradativas. No primeiro descumprimento, a família recebe uma advertência; no segundo, tem o benefício bloqueado por 30 dias, recebendo-o acumulado no mês

seguinte; no terceiro descumprimento, o benefício é suspenso por 60 dias; no quarto, o benefício é suspenso por 60 dias, as parcelas não são geradas e a família fica sem receber o benefício; e, no quinto registro de descumprimento, o benefício é cancelado. (PORTARIA GM/MDS 321/2008)

Famílias com adolescentes de 16 a 17 anos, beneficiárias do BVJ, tem apenas três graduações da sanção: advertência, suspensão do benefício por 60 dias e cancelamento do benefício referente ao jovem. (PORTARIA GM/MDS 321/2008)

Se o beneficiário considerar que houve erro na informação do acompanhamento das condicionalidades de sua família ou que o descumprimento ocorreu por motivo justificável, pode apresentar recurso ao gestor municipal. Cabe a esse avaliar os recursos apresentados pelas famílias.

Um dos eixos de atividades da gestão de condicionalidades pelo Estado é “[...] a sistematização de informações sobre famílias beneficiárias do Bolsa Família em situação de descumprimento de condicionalidades, a fim de subsidiar o acompanhamento por outras políticas públicas, de forma a reduzir vulnerabilidades das famílias.” (MDS, 2009:1)

Em entrevista para esta pesquisa em janeiro de 2009 (Anexo 2), o então ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, falou sobre o objetivo das sanções:

“O nosso objetivo maior não é punir, embora a gente tenha que fazer isso às vezes para fazer cumprir a lei, deixar claro que o programa tem normas, tem critérios, tem regras, tem acompanhamento, tem fiscalização, tem controle, mas o que nós queremos é que as crianças estejam na escola.” (Patrus Ananias, 2009)

Diversos autores afirmam que as condicionalidades são consideradas elemento estruturante do programa. Para os idealizadores do Bolsa Família, essas exigências visam a certificar “o compromisso e a responsabilidade das famílias atendidas e representam o exercício de direitos para que as famílias possam alcançar autonomia e conseqüente inclusão social sustentável.” (SILVA, 2007:1433)

MONNERAT *et al* (2007) também citam que a contrapartida é vista como uma possibilidade de combinação do assistencial e do compensatório com o estrutural, porque a exigência de manter crianças na escola permitiria minimizar os efeitos do trabalho infantil. Os autores destacam que o Brasil tem, historicamente, dificuldades de constituição de sistemas de seguridade social e que os idealizadores do Bolsa Família buscaram criar mecanismos “que estimulem a inserção das famílias nos serviços de educação e saúde, tendo em vista a perspectiva de ruptura com o ciclo reprodutivo da pobreza.” (MONNERAT *et al*, 2007:1461)

Para o ministro, as condicionalidades afirmam as obrigações dos pais:

“Antigamente, falava-se de pátrio poder, agora nós podemos falar de pátrio, de mátrio dever. É claro que os pais tem responsabilidades pela educação dos filhos, pela formação, pelo desenvolvimento das suas potencialidades, pela sua saúde física e também pela sua saúde mental, psíquica, emocional. Essas exigências estão na Constituição, especialmente na educação. O que nós estamos fazendo é reafirmar essa dimensão e ao mesmo tempo reafirmar, como eu disse, os deveres do poder público, do Estado, em prestar esses serviços a tempo e a hora.” (Patrus Ananias, 2009)

No entanto, questões polêmicas cercam a imposição dessas contrapartidas. Questiona-se, por exemplo, a legitimidade da exigência de contrapartida da família porque o benefício seria um direito social e deveria ter caráter incondicional.

MONNERAT *et al* (2007) expõem esse debate acerca das condicionalidades:

*“[...] se de um lado, estão aqueles que rejeitam as contrapartidas sob alegação de que estas feririam o direito incondicional de cidadania, de outro, situam-se os que defendem as condicionalidades sob argumentos distintos. Aqui estão tanto concepções que entendem que é preciso dar algo em troca do recebimento do benefício quanto aquelas que vêem tais exigências como estratégia para favorecer o acesso aos serviços sociais e romper o ciclo da pobreza. Esta última visão está presente nos documentos oficiais do programa. Porém, na legislação complementar, a operacionalização das condicionalidades é definida de forma coercitiva, distanciando-se da concepção de inserção social.” (MONNERAT *et al*, 2007:1453)*

MONNERAT *et al* (2007) continuam, afirmando que, com essas exigências, o programa condiciona o direito constitucional à assistência garantido que essas pessoas tem ao cumprimento de exigências em uma realidade em que os beneficiários estão em situação de grave vulnerabilidade social.

ZIMMERMANN (2006) salienta que, mesmo “que as intenções dessa condicionalidade sejam positivas, esse tipo de política reforça os velhos mecanismos de dependência e da falta de provisão de autonomia aos pobres nas políticas sociais brasileiras”. Mais grave ainda, afirma, é a punição de um portador de direito pelo não cumprimento de uma regra imposta pelo Estado para a garantia desse direito. Para ele, isso é consequência da falta de uma política baseada em direitos:

“Sob a ótica dos direitos, a um direito não se deve impor contrapartidas, exigências ou condicionalidades, uma vez que a condição de pessoa deve ser o requisito único para a titularidade de direitos. A responsabilidade em garantir o provimento e a qualidade desses serviços aos portadores desses direitos compete aos poderes públicos responsáveis.”
(ZIMMERMANN, 2006)

O estudo do IBASE (2008) contribui com as críticas às condicionalidades. Em sua fase qualitativa, identificou que são “múltiplos e expressivos” os relatos das famílias acerca das dificuldades para acessar bens e serviços públicos, além da precariedade da assistência à saúde e do transporte público. Especialmente em localidades menores, são altos os custos para acessar os equipamentos públicos devido às distâncias entre a moradia e os postos de saúde e de recebimento dos benefícios. A pesquisa ressalta também “que o acompanhamento das condicionalidades acaba recaindo sobre a mulher, sobrecarregando ainda mais sua jornada de trabalho”. (IBASE, 2008:64)

3.5 O Descumprimento das condicionalidades no Brasil

Ao implantar o Programa Bolsa Família, o governo federal brasileiro divulgou o objetivo de “erradicar a pobreza e a marginalização”, assim como de “reduzir as desigualdades sociais e regionais”. O MDS defendeu que a imposição das condicionalidades de saúde, de educação e de assistência social seria um impulso para a “inclusão social e conseqüente conquista de autonomia” dos pobres beneficiários. Essa posição é explicitada na legislação e nos documentos que tratam do programa e foi discutida no capítulo anterior.

Portaria ministerial publicada em 2009 instituiu o Fórum Intergovernamental e Intersetorial de Gestão de Condicionalidades do Programa Bolsa Família, o qual tem, entre outras obrigações, a de identificar os “motivos do não acompanhamento e do descumprimento das condicionalidades, bem como a busca de soluções para essas situações”. (PORTARIA INTERMINISTERIAL 2/2009). O fórum é integrado pelos ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Educação e da Saúde e por gestores municipais e estaduais das três áreas.

A expectativa dos formuladores, conforme SENNA *et al* (2007), é de que o cumprimento das regras possibilite o acesso e a inserção da população pobre nos serviços públicos básicos e favoreça a interrupção do ciclo de reprodução da pobreza.

Se as condicionalidades do programa tem essas funções, funções baseadas na idéia de que, especialmente a educação, tem capacidade de romper ciclos de pobreza, seu descumprimento é um grave problema para os objetivos da política pública da forma como é implementada, principalmente o de incluir crianças e adolescentes em serviços de educação e saúde e de retirada deles do risco social, como o trabalho infantil.

O não cumprimento das condicionalidades iria também além da suspensão do benefício mensal: ele comprometeria a meta de promover condições para a inclusão social e a autonomia dos beneficiários, amplamente divulgada pelos formuladores dessa política social.

A pesquisa do IBASE (2008), citada anteriormente nesta dissertação, revelou que o conhecimento das famílias sobre as condicionalidades é “razoável quando o assunto está relacionado às obrigações que devem cumprir. Entre elas, a manutenção da criança na escola é a mais reconhecida”. (IBASE, 2008:64) Além disso, 63,9% dos

titulares concordam com a sanção de desligamento das famílias que não cumprem as condicionalidades. (IBASE, 2008:65)

No entanto, se há tantas vantagens em cumprir as condicionalidades – manutenção do benefício monetário e filhos na escola, em atendimento de saúde e em oficinas no horário inverso ao escolar –, como acreditam os gestores públicos e muitos estudiosos, e se há alguma consciência dos beneficiários acerca dessas regras, por que algumas famílias não as cumprem, correndo o risco de perder a bolsa recebida mensalmente do Programa Bolsa Família, muitas vezes a única renda familiar? A família compreende o mecanismo de condição imposto pelo programa? As dificuldades são causadas pelas características materiais da família?

O Relatório de Condicionalidades do MDS informa que, entre janeiro e julho de 2009, 905.922 famílias foram notificadas porque descumpriram regras, aproximadamente 7% do total de beneficiárias. Desse total, 886.361 descumpriram o exigido de educação, e 19.561, de saúde. Deve-se notar que 97,8% dos descumprimentos são relativos à condicionalidade de educação. (MDS, 2009:6) A condicionalidade de assistência social não é acompanhada pelos gestores do programa nos três níveis da Federação.

A tabela abaixo mostra os dados:

TABELA 4 –Descumprimento de Condicionalidades – Brasil	
Descumprimento	Número de Famílias
Descumprimento da condicionalidade de educação (jan-jul/2009)	886.361
Descumprimento da condicionalidade de saúde (jan-jul/2009)	19.561
Total de descumprimento de condicionalidades (jan-jul/2009)	905.922

Fonte: Relatório de Condicionalidades – 1º semestre de 2009

É importante salientar que nem todo o dado de descumprimento é de suspensão e cancelamento do pagamento da bolsa. Do total das notificações de descumprimento, 495.871 foram advertências; 203.633 foram bloqueios de pagamento; 170.475 foram suspensões (1ª e 2ª); e 35.943, cancelamentos. (MDS,2009:6)

Aproximadamente 54% das notificações são advertências, evento em que a família não perde de receber a bolsa. Os cancelamentos representam aproximadamente 4% do total de repercussões. (MDS, 2009:6)

No entanto, deve-se esclarecer que, mesmo sem o cancelamento da bolsa, a família está em situação de descumprimento da regra imposta, o que caracteriza a ação social estudada, e que uma simples advertência sinaliza o ato de coerção do Estado, fatos que interessam a esta pesquisa.

Nos dados do relatório do MDS, entre os alunos de até 15 anos que tiveram a frequência escolar registrada, 97% cumpriram a exigência de 85% de assistência às aulas. (MDS, 2009:2). No entanto, esse dado não contabiliza os 15,3% de alunos que não tem seus dados de frequência escolar informados no sistema. O MDS admite:

“[...] há um universo importante de alunos sem registro de informação da frequência escolar. [...] o percentual de sem informação permanece estabilizado, em torno de 15,3%, desde abr/mai de 2008. Dois aspectos podem estar relacionados e esses elevados percentuais. O primeiro é a falta de atualização da informação da escola – código do Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos (INEP), ligado ao Ministério da Educação (MEC) – no cadastro da família, prejudicando a localização desse aluno na rede de ensino. O segundo aspecto a ser considerado é o abandono e subsequente evasão escolar.” (MDS, 2009:4)

Note-se que o segundo aspecto considerado pelo ministério, o abandono e a evasão escolar, é descumprimento de condicionalidade que, nesse caso, não está computado nas estatísticas no programa.

3.6 Algumas críticas ao Programa Bolsa Família

Entre as críticas ao Bolsa Família, as mais freqüentes são as que tratam de sua gestão e da questão do direito ao benefício poder ou não ser condicionado.

O IBASE (2008) faz uma crítica à gestão. Sua avaliação considera que continua sendo um desafio para os gestores do programa a focalização como capacidade de incorporar os realmente pobres. Salienta também as dificuldades de obtenção de informações fidedignas da renda dos candidatos ao benefício, especialmente, quando se considera as fontes de renda do trabalho informal. (IBASE, 2008:15)

Para ZIMMERMANN (2006), ao contrário, os critérios de elegibilidade limitam programas como o Bolsa Família a um público muito restrito, fazendo “uma verdadeira seleção entre os mais pobres dentre os pobres”.

O problema de direitos é, no entanto, o foco da análise de ZIMMERMANN (2006). Ele afirma que “a maior debilidade do programa Bolsa Família ocorre pelo fato do Programa não ser baseado na concepção de direitos, pois o acesso ao Programa não é garantido de forma incondicional aos portadores de um direito”, e destaca:

“[...] a lógica do Programa está fundamentada no discurso humanitário da ajuda e da assistência ao invés do provimento de direitos. Na concepção dos direitos, o Bolsa Família deve garantir o acesso ao

Programa e ao direito humano à alimentação como um direito de todas as pessoas elegíveis, sendo necessária a possibilidade de provisão dos benefícios a todos aqueles que estão em estado de vulnerabilidade. Da mesma forma, não deve haver a provisão de um tempo máximo de acessibilidade ao Programa, ao contrário, o mesmo deve ser concebido para atender as pessoas enquanto houver um quadro de vulnerabilidade, se necessário, a vida toda.” (ZIMMERMANN, 2006)

Cabe aqui lembrar que a inclusão de beneficiários no Programa Bolsa Família é limitada à capacidade da dotação orçamentária, como estabelece a Lei 10.836/04.

O autor traz outros elementos ao debate. Um deles é o teto de pagamento do benefício, com “uma tendência de rebaixamento desse valor”. Ele considera que os valores do benefício não cobrem os custos monetários do direito humano a uma alimentação adequada, sugerindo que deveriam seguir a cesta básica nacional calculada pelo Dieese⁴. Assim, o programa “viola o direito humano à alimentação, uma vez que o mesmo é insuficiente para aliviar a fome de uma família brasileira”. (ZIMMERMANN, 2006)

O outro elemento exposto por ZIMMERMANN (2006) é o pré-requisito de tempo mínimo de residência fixa no município, o que visaria à redução da migração entre localidades em busca do benefício, mas que é de difícil cumprimento pelas famílias.

Além das discussões acerca da imposição ou não das condicionalidades, acerca de direitos e acerca da gestão e integração de políticas públicas, pode-se questionar os programas de renda mínima desde seus princípios mais fundamentais.

⁴ O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. Os dados podem ser acessados no site da instituição (www.dieese.org.br).

Analisando a obra de Amartya Sen, KERSTENETZKY (2000) identifica que “[...] Sen nos propõe uma visão dos propósitos humanos que não se detenha ao espaço do ‘ter’, abrangendo o ‘fazer’ (*doings*) e o ‘ser’ (*beings*) – algo que [...] corresponde à idéia de ‘funcionamentos’ (*functionings*).” (KERSTENETZKY, 2000)

Considerando-se que, para Sen, a pobreza não pode ser medida apenas pela capacidade de um indivíduo de ter, mas também por sua capacidade de fazer e de ser, um programa que se propõe a combater a pobreza e seu ciclo através das gerações não deveria basear seu processo de inclusão de beneficiários apenas na renda *per capita*. Por outro lado, se não oferece aos adultos possibilidades efetivas de apropriação de capacidades de fazer, também não está atacando uma das caracterizações básicas da situação de pobreza.

Estudando Georg Simmel⁵, IVO (2008) analisa proposições teóricas do autor que estabelecem interessantes pontos para a discussão dos programas de renda mínima atuais. A autora parte das “relações intersubjetivas da obrigação da dádiva”, de onde Simmel elabora proposições teóricas que consideram as relações entre a ética, a moral e a sociedade na construção da dádiva e da caridade; as relações entre o indivíduo pobre e as coletividades; e as relações entre noções abstratas de pobreza com a assistência e as formas da assistência adotadas pelas instituições. (IVO, 2008)

Simmel não se centrou em estudar a experiência da pobreza, mas “uma das dimensões essenciais da situação dos pobres que decorrem da situação de assistência”. (IVO, 2008) Ele acreditava que a sociedade preexiste aos indivíduos e os socializa, que há uma articulação fecunda entre o particular e o geral com base na posição de dependência dos pobres frente à coletividade.

Sobre a dádiva, o ato de dar e receber, IVO (2008) afirma:

⁵ A autora faz uma resenha do livro *Les Pauvres*, de 1907, de Simmel.

“A obrigação de dar não deriva de um direito do outro, mas de uma imposição moral daquele que dá, determinada pela sua própria moralidade e responsabilidade. Só no campo do direito é que ela se volta para ‘o outro’. Esse dualismo, que governa o desenvolvimento das ações morais, se expressa empiricamente nas diversas concepções de assistência aos pobres nas instituições da sociedade moderna: na forma como as coletividades (Estado, sindicatos, família, etc.) se dedicam aos pobres. Para Simmel, no entanto, no âmbito da ‘obrigação’ da dádiva, o pobre desaparece como fim da ação.” (IVO, 2008)

Simmel dizia que o objetivo da assistência é evitar manifestações extremas de diferenciação social para que a estrutura se mantenha nessa diferenciação. “Se a assistência se fundasse sobre os interesses do pobre, em princípio, não haveria nenhum limite possível quanto à transmissão, o que conduziria à igualdade de todos.” (IVO, 2008) Para ele, as dimensões éticas e sociológicas da moral e da estrutura social são “implícitas na natureza da ação do Estado e do direito do assistido, nas sociedades modernas.” (IVO, 2008)

O pensador fala ainda do papel e dos limites da ação das municipalidades. Para ele, a assistência aos pobres se “torna obrigação abstrata do Estado”, na qual a municipalidade é apenas o ponto onde se opera a transferência da assistência. Essa afirmação é resultado da idéia de que “a prática da dádiva torna-se mais difícil quando a distância social se restringe (no âmbito público)”. (IVO, 2008)

Outro ponto importante pensado por Simmel é o do limite mínimo da ação pública de assistência, que carrega um “pressuposto relativo à dádiva: cada um quer dar o mínimo possível”.

IVO (2008) conclui:

“A abordagem que ele faz da assistência aos pobres, em Les Pauvres, ultrapassa, portanto, a percepção das instituições da assistência como entidades exclusivamente objetivadas da ordem social – na forma de programas sociais –, impostas de fora aos indivíduos, mas implica uma experiência intersubjetiva do significado da dádiva (a caridade) e das funções do Estado em relação à pobreza e às instituições modernas.” (IVO, 2008)

IVO (2008) ainda avalia três classificações de discussões acerca dos programas de renda mínima. A primeira, a da “perspectiva do contrato”, considera que o benefício oferecido incondicionalmente é “um direito sem dever”. A segunda, a do “paradigma do direito”, integra-se na defesa dos direitos democráticos. A terceira, a do “paradigma da dádiva”, concorda com Simmel, reafirmando a incondicionalidade como princípio para a garantia de igual dignidade a todos.

Contextualizada a discussão deste estudo, apresentam-se no próximo capítulo a metodologia, o campo, a amostra e as dimensões analíticas desta pesquisa.

4 Metodologia

O principal objetivo desta dissertação é compreender por que algumas famílias incluídas no Programa Bolsa Família não cumprem as condicionalidades. Para alcançá-lo, pretende-se analisar a ideologia, a ação, a conduta dos titulares legais do benefício.

Nessa meta, a principal base de dados, oriunda de uma técnica qualitativa, constitui-se de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os titulares, abordados aleatoriamente em visitas a todos os centros regionais de assistência social da Prefeitura de Porto Alegre.

“[...] a escolha das entrevistas passa pela noção de que há uma singular importância da linguagem como um dos meios práticos através do qual se torna possível a análise de determinados processos.” (RANINCHESKI, 1998:50)

As dualidades entre consenso e coerção, entre o sentido imaginado da ação e seu fim, entre desejo e decisão podem ser encontradas na análise da relação entre indivíduo e condicionalidade? O trabalho aqui é identificar esses conflitos, carregados de intencionalidade ou não, no conteúdo de suas falas.

Realizadas essas entrevistas semi-estruturadas, passou-se a sua análise de conteúdo, etapa em que o trabalho se concentrou nas falas relativamente espontâneas dos entrevistados acerca do que viveram, sentiram e pensam sobre o Programa Bolsa Família. Considerando-se a subjetividade presente em textos desse tipo, procurou-se

não deixar “escapar o latente, o original, o estrutural, o contextual”. (BARDIN, 2008:91)

Para isso, foi construída uma análise temática – os textos foram divididos em temas principais – e seqüencial – os textos foram divididos em seqüências organizadas por critérios semânticos e estilísticos.

É importante salientar que, quando se estabeleceu que as entrevistas seriam principal fonte, partiu-se do “princípio de que o que se tem é uma técnica, uma maneira especial de coletar informações e jamais uma especialização. Não se tem, nessa medida, uma teoria, mas um instrumento a mais para compreender as inúmeras facetas do processo”. (RANINCHESKI, 1998:55)

O estudo utiliza ainda dados do CadÚnico, consultado pela internet através site do MDS, e do Cadastro Básico Social do Governo, disponibilizado pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) da Prefeitura de Porto Alegre. No entanto, esses dados são absolutamente secundários.

Neste capítulo, são descritos o campo onde essas entrevistas foram realizadas, a amostra e sua definição e as dimensões analíticas teóricas que auxiliaram a elaborar o questionário das entrevistas e auxiliarão na realização da análise dos conteúdos dos textos.

4.1 O campo

Como o Programa Bolsa Família está implantado em todo o país, e o não cumprimento das condicionalidades é identificado também em todo o território nacional, foi necessário realizar um recorte territorial para a realização da pesquisa de campo. Optou-se pelo recorte local, o qual proporciona a viabilidade da realização do

trabalho por um único pesquisador. Mais adiante, mostra-se que o recorte tem pouca perda de fidedignidade na relação com o total.

A escolha do município de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, considerou diversos fatores. Um deles é o fato de a pesquisadora ter trabalhado na implantação do programa no município e querer buscar, assim, um olhar diferenciado dessa *práxis*.

Outro fator é Porto Alegre ser reconhecida como uma capital com índices razoáveis de serviços públicos de saúde e de educação, por exemplo, e com uma rede institucionalizada de atendimento em assistência social. Esses fatores poderiam reduzir o impacto sobre as famílias beneficiárias (que devem cumprir as condicionalidades) da dificuldade de acesso aos equipamentos públicos, diferentemente de um pequeno município com grande percentual da população vivendo na zona rural, por exemplo. A dificuldade de acesso às políticas públicas é um dos problemas considerados pelos gestores do programa como fundamental para o descumprimento das exigências.

A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) elabora o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM). A última pesquisa, divulgada em 2009, foi elaborada com dados oficiais de 2006. O IFDM considera três áreas de desenvolvimento humano: educação, saúde e emprego e renda. O índice tem as seguintes classificações: índices entre 0 e 0,4 são considerados de baixo estágio de desenvolvimento; entre 0,4 e 0,6, de desenvolvimento regular; entre 0,6 e 0,8, de desenvolvimento moderado; e entre 0,8 e 1,0, de alto desenvolvimento.

Porto Alegre tem o 9º índice entre as 27 capitais brasileiras e o 176º entre os 5.563 municípios. Pode-se observar, na tabela abaixo, que o município tem IFDM acima da média nacional:

TABELA 5 – IFDM – Porto Alegre X Brasil			
Nível	Média	Educação	Saúde
Porto Alegre	0,8154	0,6901	0,8723
Brasil	0,7376	0,6787	0,7699

Fonte: Firjan (www.firjan.org.br)

Enquanto isso, a Confederação Nacional de Municípios tem o Índice de Responsabilidade Fiscal e Social (IRFS) divulgado anualmente e que mensura o desempenho dos municípios a partir de avaliações fiscais, sociais e de gestão. Nesse índice, Porto Alegre se mantém pouco abaixo da média nacional. Enquanto o índice da área social médio do Brasil, em 2007, era de 0,529, o de Porto Alegre era de 0,502.

Baseando-se nessas avaliações, considerou-se a capital gaúcha com índices razoáveis de serviços públicos, oferecendo condições interessantes à pesquisa.

Em 2009, a rede pública municipal de ensino de Porto Alegre tinha 95 escolas de educação infantil e ensinos fundamental e médio. Eram 3.869 professores para 55.530 alunos (um professor para cada 14,35 alunos – a Unesco recomenda um máximo de 40 alunos por professor). Mantinha ainda 197 convênios com creches comunitárias. Além disso, havia na cidade outras 257 escolas estaduais e quatro federais. Os dados foram coletados nos sites das secretarias municipal e estadual de Educação.

Em saúde, como divulgado no site da secretaria municipal, são 45 unidades básicas, 101 equipes do Programa de Saúde da Família, seis centros de saúde, dois hospitais, quatro pronto-atendimentos, oito núcleos de atenção à saúde da criança e do adolescente, quatro centros de atenção psicossocial infantil, 16 serviços de atendimento e suporte às ações em saúde mental, um abrigo para famílias (mulheres e crianças) vítimas de violência doméstica e nove farmácias distritais.

A rede de serviços municipais de assistência social, conforme informa o site da Fasc, tem nove centros regionais de assistência social e 12 módulos de assistência social, locais onde a população é atendida e onde são desenvolvidos os programas. Tem ainda três serviços de abrigamento de crianças e adolescentes, um centro de convivência para idosos, dois abrigos para adultos, um albergue para adultos e dois serviços de abordagem da população de rua – um para crianças e adolescentes e outro para adultos. O município mantém ainda 402 convênios com 152 entidades para a execução de programas de assistência social, como o atendimento de crianças e adolescentes no horário inverso ao escolar.

Os números do Programa Bolsa Família na capital gaúcha podem ser vistos nas tabelas a seguir:

TABELA 6 – Dados Gerais do Programa Bolsa Família – Porto Alegre	
Informação	Número
População Total do Município (2008)	1.430.220
Estimativa Famílias Pobres - Perfil Cadastro Único/PNAD 2006 (2008)	83.332
Estimativa Famílias Pobres - Perfil Bolsa Família/PNAD 2006 (2008)	41.679
Total de Famílias Cadastradas/CadÚnico (novembro/2009)	55.283

Fontes: CadÚnico e Departamento de Gestão da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania/MDS

4.1.1 O descumprimento das condicionalidades em Porto Alegre

A tabela abaixo apresenta o dado geral de descumprimento de condicionalidades em Porto Alegre:

TABELA 7 – Descumprimento de Condicionalidades – Porto Alegre	
Famílias Beneficiárias (dezembro/2009)	34.682
Total de descumprimento (novembro/2009)	3.126

Fontes: CadÚnico e Departamento de Gestão da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania/MDS

Pode-se apreender desses dados que 9,01% das famílias beneficiárias na cidade estavam em situação de descumprimento das condicionalidades em novembro de 2009. Na comparação com o percentual nacional de descumprimento, Porto Alegre está acima da média nacional mantida no primeiro semestre de 2009, que é de pouco mais de 7%.

Apesar de haver diferença entre os períodos utilizados nessa última análise – novembro de 2009 *versus* primeiro semestre de 2009 –, deve-se considerar que estudos como o relatório do próprio MDS constata certa estabilidade nos índices ao longo do tempo. Além disso, faz-se aqui uma apresentação de dados para a exposição do problema proposto, a exatidão absoluta desses dados não é fundamental para os propósitos finais da pesquisa.

Na próxima tabela, apresentam-se os dados de descumprimento de cada condicionalidade no município:

TABELA 8 – Descumprimento por Condicionalidade – Porto Alegre			
Condicionalidade (período)	Beneficiários com perfil da condicionalidade	Beneficiários que não cumpriram	Percentual de descumprimento
Educação (setembro/2009)	57.121 alunos	4.735 alunos	8,28%
Saúde (1º semestre/2009)	26.916 famílias	374 famílias	1,4%

Fonte: Departamento de Gestão da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania/MDS

Aqui, é importante destacar o que se encontra em grande parte do material que discute a questão do cumprimento de condicionalidades do Programa Bolsa Família: o descumprimento é significativamente mais elevado na condicionalidade de educação do que na de saúde.

Além disso, a partir dos dados das condicionalidades em Porto Alegre, pode-se desdobrar mais uma vez a análise do descumprimento da condicionalidade de educação: a diferença de descumprimento entre alunos de seis a 16 anos e de 16 a 18 anos. No

primeiro grupo, há índice de 7,3% de descumprimento, enquanto no segundo, exclusivamente de adolescentes, esse índice salta para 17,07%. A próxima tabela ilustra os dados:

Faixa etária	Alunos Beneficiários	Alunos em Descumprimento	Percentual
6 a 16 anos	51.576	3.788	7,3%
16 a 18 anos	5.545	947	17,07%

Fonte: Departamento de Gestão da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania/MDS

4.1.2 As famílias de Porto Alegre

Pesquisa encomendada pela Fasc à Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre (Procempa) analisou dados de 2007 do CadÚnico e traçou um perfil de famílias, titulares e domicílios da capital. A Fasc é o órgão gestor do Programa Bolsa Família no município.

Mais da metade das residências cadastradas concentrava-se em oito bairros (Santa Teresa, Mario Quintana, Bom Jesus, Sarandi, Lomba do Pinheiro, Partenon, Restinga e Rubem Berta). Eram 28.779 unidades habitacionais – 54,73% do total dos bairros, que são 82.

O CadÚnico tinha 204.724 pessoas e 52.294 domicílios cadastrados na cidade, uma média de 3,87 pessoas por domicílio. Dessas casas, 79% tinham escoamento sanitário adequado, e 98% tinham o lixo coletado pela prefeitura. De toda a população do município, 95,5% tem fornecimento de água pela rede regular e 0,5%, por caminhões-pipa.

Aproximadamente 60% das famílias viviam em situação de extrema pobreza porque 33.330 domicílios tinham renda *per capita* declarada inferior a R\$ 60 (critério

do Programa Bolsa Família no período). A população que vivia com renda entre R\$ 60 e R\$ 120 representava aproximadamente 30% do total.

Acerca dos responsáveis legais, o estudo contabiliza que 93% eram mulheres – índice semelhante à média nacional. A enorme desproporção entre mulheres e homens titulares indica que há peculiaridades próprias ao gênero feminino a serem consideradas quando se trata do Programa Bolsa Família.

O percentual total dos titulares do benefício que se declararam solteiros era de 65%, o que não diferia significativamente do percentual deles do sexo feminino que declararam que não tinham companheiro ou marido, que é de 61,9%. Assim, é grande a maioria de responsáveis legais mulheres e na condição de únicas responsáveis pelo sustento e orientação dos filhos.

Declararam-se brancos, conforme os critérios de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 51,18% dos responsáveis legais, e negros, 20,65%. Entre os dados de trabalho, destacava-se o fato de que 41,8% não trabalhavam e de que 33,63% eram autônomos sem previdência social.

Conclusão preliminar do estudo afirma que os pré-requisitos estabelecidos pelo CadÚnico acabam por refletir as características materiais das vidas das famílias, determinando perfil padrão entre elas, o que permite inferir que, mesmo uma pequena amostra, pode proporcionar uma compreensão satisfatória do objeto de estudo.

4.2 A amostra

Entre os dias 14 e 27 de abril de 2009, visitou-se os nove centros regionais de assistência social existentes em Porto Alegre, equipamentos distribuídos por todas as

regiões do município que atendem a todas as comunidades (bairros e vilas) de sua área territorial.

A abordagem dos titulares pela pesquisadora nos equipamentos municipais, em horários de atendimento aos beneficiários e com autorização do Gabinete da Presidência da Fasc, foi realizada aleatoriamente. As famílias e o número de famílias é resultado da aceitação pelos titulares de darem as entrevistas ao longo dos dias de campo. As entrevistas foram gravadas, e um termo de autorização de uso das informações prestadas, que garante a não divulgação de nomes e dados pessoais de titulares e familiares, foi assinado pelos entrevistados.

Dentro dessa aleatoriedade, todos os entrevistados foram mulheres, situação que reflete os estudos realizados pelo IBASE (2008), em nível nacional, e pela Prefeitura de Porto Alegre, em nível local, que contabilizaram que aproximadamente 93% dos titulares dos benefícios do Programa Bolsa Família em todo o Brasil são mulheres.

Foram entrevistadas 26 mulheres titulares dos benefícios de suas famílias. Desse total, depois de levantados seus dados individuais e das unidades familiares no Cadastro Básico Social do Governo, chegou-se a 14 entrevistas válidas para a pesquisa. As demais (12 entrevistas) não preenchiam a exigência de descumprimento de condicionalidades, mesmo que, quando abordadas pela pesquisadora, estivessem no centro regional de assistência social para resolver problemas com o recebimento do benefício.

4.2.1 As entrevistas

Optou-se, para a realização desta pesquisa, pela ferramenta da entrevista semi-estruturada com titulares dos benefícios das unidades familiares. No Quadro 2, abaixo,

sistematiza-se as visitas ao campo às regiões da cidade (em ordem alfabética) e o número de entrevistas realizadas.

CRAS	Entrevistas Totais	Entrevistas Válidas
Centro, Ilhas e Navegantes	1	1
Eixo Baltazar e Nordeste	4	2
Glória, Cruzeiro e Cristal	3	3
Leste	7	1
Noroeste	1	1
Norte	3	1
Partenon e Lomba do Pinheiro	2	0
Restinga e Extremo-Sul	4	4
Sul e Centro-Sul	1	1
Total	26	14

Salienta-se novamente que a existência de entrevistas não válidas deve-se ao fato de que essas famílias tinham problemas com o recebimento da bolsa e acreditavam que isso poderia ser resultado do não cumprimento das condicionalidades. Na análise de seus históricos no CadÚnico, verificou-se que algumas delas tinham outros problemas, que não o de descumprimento.

4.3 As dimensões analíticas

Para interrogar cientificamente a realidade social, é necessário se ter, desde o início do trabalho, definições operacionais que levarão à discussão teórica do conceito no final. A escolha das dimensões analíticas teóricas integra essas definições operacionais.

Essas dimensões são extraídas do escopo da teoria escolhida para uma pesquisa. Elas conduzem a análise e a compreensão do conteúdo reunido, levando à explicação do problema da pesquisa e à elaboração de conhecimento. Em geral, as dimensões são alguns conceitos dessa teoria.

Como nesta pesquisa se utilizou o recurso de entrevistas semi-estruturadas, o trabalho exigiu a definição de categorias de análise desde a elaboração do questionário. Contidas nas perguntas feitas aos titulares das famílias, essas dimensões são utilizadas também na análise de conteúdo no próximo capítulo.

Como explicado no capítulo sobre as teorias adotadas para este pesquisa, no início do trabalho, definiu-se que seria utilizada a visão gramsciniana, teoria da qual foram retiradas algumas dimensões analíticas. Assim, identificou-se os conceitos de hegemonia, consenso e coerção, como dimensões.

No entanto, buscou-se disponibilizar, para a elaboração de conhecimento no final da pesquisa, um paradigma teórico contrastante, que saísse da compreensão marxista coletivista e proporcionasse respostas a partir do indivíduo. Daí, a opção pela teoria racionalista individualizada de Weber, seguida pela Teoria da Escolha Racional.

Da visão weberiana, retira-se uma dimensão analítica maior, a de ação social, e os tipos de ação social como demais dimensões. Da Escolha Racional, pode-se extrair duas dimensões: a da conduta racional e a da conduta irracional.

Essas teorias e as dimensões analíticas estabelecidas nortearão também a análise do conteúdo das entrevistas, o que será feito no próximo capítulo.

4.3.1 Dimensões analíticas teóricas gramscinianas

Para Gramsci, é por meio do estabelecimento de sua hegemonia que a classe dominante impõe o reconhecimento de sua dominação, de sua visão de mundo, às classes subalternas. A hegemonia é formada com a utilização do aparato da sociedade civil – igreja, mídia etc – e da sociedade política – o Estado e sua estrutura legal,

educacional etc – para a formação de um consenso acerca do que é importante para a vida da nação e dos indivíduos.

Partindo-se da idéia gramsciniana de que o Estado é conduzido por um grupo dirigente, encarregado de garantir a condução da política nacional em consonância com o interesse da classe dominante e das forças produtivas, pode-se afirmar que as políticas públicas elaboradas nesse Estado carregam em si os princípios da hegemonia vigente.

O Programa Bolsa Família (política pública elaborada no Estado pelo grupo dirigente) se baseia em duas regras principais impostas (coerção) a seus beneficiários (a classe subalterna): o cumprimento das condicionalidades de saúde e educação, partindo da crença na existência do consenso de que essas duas áreas são importantes para a vida do indivíduo e da nação. Educação é, explicitamente, em Gramsci, aparato do Estado utilizado pela classe dominante para construir consenso e estabelecer e manter sua hegemonia.

Essas regras (as condicionalidades) são a materialização da coerção no programa social estudado: o beneficiário que não as cumpre sofre sanções. No entanto, aparentemente, a necessidade de educação e de saúde é consenso. Assim, o beneficiário do programa deveria estar sob esse consenso – o de que essas duas políticas (educação e saúde) oferecidas pelo Estado são importantes – e cumprir as condicionalidades. Se isso não ocorre, ele sofre a sanção.

Apresentado o raciocínio sobre o funcionamento do Programa Bolsa Família a partir de Gramsci, pode-se expor os conceitos de hegemonia, consenso e coerção como dimensões analíticas teóricas que delinearão parte das perguntas do questionário feitas aos entrevistados. Resumidamente,

1) Hegemonia: a visão de mundo da classe dominante se estabelece como consenso a partir da utilização dos aparatos das sociedades civil e política e é absorvida pela classe subalterna (o Programa Bolsa Família foi elaborado pelo grupo dirigente no Estado e reflete assim a visão de mundo da classe dominante);

2) Consenso: aceitação – consciente ou não – pela sociedade da visão de mundo da classe dominante (educação e saúde são importantes para indivíduos e famílias); e

3) Coerção: ato de impor sanções aos indivíduos que não cumprem as regras, estabelecidas dentro de um processo hegemônico (as condicionalidades são impostas aos beneficiários e, se descumpridas, geram a suspensão do pagamento do benefício monetário e até o desligamento do programa).

4.3.2 Dimensões analíticas teóricas weberianas

Como citado anteriormente, a Sociologia, para Weber, busca compreender interpretativamente a ação social e explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. A ação social, para o pensador, é aquela que é realizada considerando o comportamento de outros, no que se refere ao sentido visado pelo agente. (WEBER, 2000:3) Assim, o cientista social deve estabelecer conexões causais que possibilitem a identificação do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação.

Weber estabelece tipos de ação social. Em primeiro lugar, explica a ação racional para fins, aquela orientada pelos fins, meios e conseqüências secundárias sob ponderação racional dos meios em relação às conseqüências secundárias e dos diferentes fins possíveis entre si.

Há ainda as ações de tipo afetivo e de tipo tradicional. A ação afetiva ocorre sob emoções e medidas (orgulho ou desespero, por exemplo), com o agente não

considerando os meios ou fins aonde quer chegar. A ação tradicional, por sua vez, é realizada em função de hábitos e costumes arraigados ou de reações a estímulos habituais. “[...] os comportamentos estritamente tradicional e afetivo estão “no limite ou além daquilo que é ação conscientemente orientada ‘pelo sentido’”. (WEBER, 2000:15)

Daí, pode-se extrair as dimensões de análise weberianas para esta pesquisa:

1) Ação racional referente a fins: baseada em expectativas acerca do comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas. Essas expectativas são condições ou meios para alcançar fins, ponderados e perseguidos racionalmente (Qual é o sentido da ação dessas famílias? Quais são os meios? Quais são as condições? Elas buscam um fim?);

3) Ação afetiva: ação realizada por meio de afetos ou estados emocionais (nessa alternativa de ação, as famílias não cumpririam as condicionalidades utilizando-se de condutas afetivas ou emocionais) ; e

4) Ação tradicional: ação realizada por costumes ou valores arraigados (as famílias não cumpririam as condicionalidades utilizando-se de condutas baseadas em hábitos e crenças).

4.3.3 Dimensões analíticas teóricas da Escolha Racional

Pela perspectiva de análise da Teoria da Escolha Racional, pode-se compreender e explicar o que faz o indivíduo tomar decisões e agir, racionalmente ou não.

Nesse paradigma teórico, um ato racional o é racional porque escolhido entre os melhores atos disponíveis para o agente, dadas as suas crenças e os seus desejos. Os atos racionais maximizam preferências e desejos. Assim, a racionalidade requer que crenças, desejos e ações se relacionem de uma forma particular. Nesse sentido, a

racionalidade sustenta que essa relação seja válida para todas as crenças, os desejos e as ações.

No entanto, há outras possibilidades de compreensão e explicação da conduta dos indivíduos, seja essa conduta perfeitamente racional, imperfeitamente racional ou até irracional.

Daqui, tiram-se três dimensões teóricas desse paradigma:

- 1) Conduta perfeitamente racional: escolhida racionalmente entre os melhores atos disponíveis, dadas as crenças e os seus desejos do agente (Quais eram as crenças dessas famílias? Quais eram seus desejos? Quais foram seus atos?);
- 2) Conduta imperfeitamente racional: orientada pelo valor ou pelo afeto (as famílias não cumpririam as condicionalidades por terem motivos delineados por valores ou afetos); e
- 3) Conduta irracional: pode decorrer da fraqueza de vontade, do excesso de vontade e de distorções na formação das crenças ou preferências (as famílias não cumpririam as condicionalidades por fraqueza de vontade ou distorções na formação de suas preferências).

4.3.4 O Questionário

O questionário foi elaborado no início do trabalho. Sua preparação partiu de dúvidas intrínsecas ao objetivo da dissertação e de dimensões analíticas extraídas da teoria escolhida naquele momento. As perguntas elaboradas a partir dessas dimensões foram as seguintes:

1) Hegemonia: O que é o Estado pra ti? O que tu achas de obrigações impostas pelo Estado? Tu te sentes parte da sociedade? O que tu achas que a sociedade faz por ti?

2) Consenso: Tu achas que é importante estudar? Tu achas importante ir ao posto de saúde? Na tua opinião, o que seria importante os filhos aprenderem em casa? Na tua opinião, o que seria importante os filhos aprenderem na escola? O que significa a bolsa pra ti? É bom receber a bolsa? Qual seria a melhor fonte de renda para a tua família? Tu tens vizinhos ou amigos que também estão no Bolsa Família? Tu sabes se os filhos deles vão à escola e ao posto de saúde como o programa exige?

3) Coerção: O programa tem alguma regra para cumprir? Tu tens dificuldade para cumprir as regras? Tu tens medo de perder a bolsa? Tu achas que não cumprir as condicionalidades é uma coisa vergonhosa? Tu sabes se teus vizinhos ou amigos incluídos no programa perderam a bolsa alguma vez? O que falta pra tua família conseguir cumprir as regras do programa?

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foi identificada a necessidade de adoção de outros paradigmas teóricos para a compreensão do problema da pesquisa. Definiu-se que seriam utilizados conceitos de Weber e da Escolha Racional.

Para se elaborar a compreensão do sentido das ações sociais das entrevistadas, trabalhou-se com as respostas das entrevistadas para as seguintes perguntas: O que tu pensas sobre o Programa Bolsa Família? Tu entendes como ele funciona? Para que este programa serve na tua opinião? Tu acreditas que o programa pode fazer a tua vida e a da tua família melhorar? O programa tem alguma regra para cumprir? Tu tens dificuldade para cumprir as regras? Tu achas que é importante estudar? Tu achas importante ir ao posto de saúde? O que significa a bolsa pra ti? É bom receber a bolsa? Tu tens medo de

perder a bolsa? Tu achas que não cumprir as condicionalidades é uma coisa vergonhosa?

As mesmas perguntas proporcionaram informações também para a compreensão da conduta das entrevistadas dentro da visão da Escolha Racional.

Passa-se agora à análise do conteúdo das falas das beneficiárias entrevistadas (Anexo 1) para se compreender e explicar por que essas famílias não cumprem as condicionalidades do Programa Bolsa Família.

5 Análise das entrevistas: por que as famílias não cumprem?

Nos capítulos anteriores, foram apresentados os paradigmas teóricos adotados neste estudo e o Programa Bolsa Família e algumas das discussões que o cercam. A metodologia também foi abordada, e, aqui, passa-se à análise de conteúdo das falas das titulares legais do benefício do programa, registradas durante a realização de entrevistas semi-estruturadas em Porto Alegre.

É adequado repetir mais uma vez a pergunta de pesquisa: por que as famílias não cumprem as condicionalidades do Programa Bolsa Família? Pode-se também retomar, rapidamente, quais são essas condicionalidades. Essas regras foram criadas, conforme a perspectiva do governo e de alguns estudiosos do programa, para “articular uma transferência de renda com políticas e programas estruturantes”. (SILVA, 2007:1429)

É exigida das famílias a frequência escolar mínima de 85% para crianças e adolescentes entre seis e 15 anos e de 75% para adolescentes entre 16 e 17 anos.

Em saúde, deve ser feito o acompanhamento do calendário de vacinas e do desenvolvimento de crianças menores de sete anos; o pré-natal das gestantes; e o acompanhamento das nutrizes que estão na faixa etária de 14 a 44 anos.

A condicionalidade de assistência social é a frequência mínima de 85% da carga horária nos serviços socioeducativos pelas crianças e adolescentes de até 15 anos em risco social e retirados do trabalho infantil. (PORTARIA GM/MDS 321/2008) Essa condicionalidade, no entanto, não é acompanhada pelos órgãos responsáveis.

O quadro abaixo foi apresentado no Capítulo 3:

QUADRO 1 – Condicionalidades e exigências	
Condicionalidade	Exigência
Educação	crianças e adolescentes entre seis e 15 anos: frequência escolar mínima de 85%
	adolescentes entre 16 e 17 anos: frequência escolar mínima de 75%
Saúde	crianças menores de sete anos: acompanhamento do calendário vacinal e do crescimento e desenvolvimento
	gestantes: pré-natal
	nutrizes na faixa etária de 14 a 44 anos: acompanhamento
Assistência Social	crianças e adolescentes de até 15 anos em risco ou retirados do trabalho infantil: frequência mínima de 85% da carga horária de serviços socioeducativos

As famílias que descumprem as condicionalidades estão sujeitas a sanções que vão da advertência e da suspensão do pagamento da bolsa até o cancelamento da inclusão no programa.

A tentativa de compreensão das motivações das famílias que descumprem as condicionalidades será elaborada a partir dos conceitos apresentados na discussão teórica. Desses conceitos, foram retiradas as dimensões analíticas, as quais embasaram este trabalho desde seu princípio, passando pela elaboração do questionário de entrevistas e chegando à análise de conteúdo neste capítulo.

5.1 As percepções das entrevistadas sobre o programa e as razões do não cumprimento das condicionalidades

A análise das entrevistas permite indicar que as titulares tem uma boa imagem do programa, tentam cumprir as condicionalidades, mas devido a fatores externos à vontade delas, essas regras não são possíveis de serem cumpridas na totalidade.

O Programa Bolsa Família é considerado “bom” pela maioria das entrevistadas. Ele “[...] significa tudo..., enquanto eu não arrumar trabalho e arrumar a creche também, pra mim significa tudo. É o sustento da casa.” (VIOLETA:73)⁶

Na visão geral dessas mulheres, o Bolsa Família é “uma ajuda, uma assistência.” (FLORA:36) Entre os exemplos de destino do dinheiro, todas citam a compra de alimentos, material escolar, roupas, calçados e remédios.

A ideia de que o programa é “pra eles ajudar pessoas que tem a baixa renda, ajudar já pra quem precisa” (MEL:99) e, principalmente, ajudar quem não tem trabalho, também aparece:

“[...] gosto porque eu preciso..., mas queria que os meus filhos pudessem estar bem empregados para não precisar, deixar até pra quem precisasse, porque eu preciso, tenho necessidade, tenho necessidade mesmo de receber.” (MARGARIDA:54)

Apenas uma entrevistada tem a noção do recebimento da bolsa como direito. Ela diz: “Porque já estava acostumada todo mês ir ali pegar, comprar coisas para crianças, roupa... [...] Eu acho que é um direito que a gente tem, e eu não fico com vergonha.” (ROSA:66)

No caso específico abaixo, a entrevistada comenta que acha o Bolsa Família positivo, citando, exatamente, uma das principais metas do programa:

⁶ Neste capítulo e nas transcrições das entrevistas, os nomes das titulares legais e de alguns dependentes foram substituídos por codinomes para garantir o anonimato dos indivíduos. A íntegra das entrevistas pode ser consultada no Anexo 1.

“[...]tem muitas crianças na rua que é... Muitas crianças na rua, atirada na rua, e tem então esse programa, já entrou pras crianças sair da rua. E eu acho que funcionou bastante pra quem tinha... a maioria das crianças que pedia na beira das esquina, em sinaleira... Eu acho que sim, ajuda a melhorar sim, principalmente, a educação dos filhos. Eu acho que sim.” (MEL, 2009:100)

No entanto, as críticas aparecem. Algumas titulares consideram que o valor da bolsa é muito baixo: “É pouco, muito pouquinho, super pouquinho [...]”. (MARGARIDA, 54)

Outras acreditam que tem quem não precise e esteja no programa recebendo a bolsa: “[...] é muito injusto porque tem gente que não precisa e recebe e tem gente que precisa e não recebe.” (ESMERALDA:86)

Todas demonstraram conhecer as regras do programa. Apesar da unanimidade acerca da necessidade da existência dessas regras, há algumas mães que as consideram injustas, não porque existem, mas porque não são adequadas, especialmente, na aplicação das sanções à toda a família porque algum filho faltou aula. “Eu acho que é injusto um pagar pelos outros”. (ESMERALDA:92)

No entanto, apesar da aprovação do programa e da aceitação e concordância com suas exigências, todas as entrevistadas são titulares de famílias que descumpriram essas regras e perderam a bolsa ou foram advertidas. A grande causa é uma só: o não cumprimento da frequência escolar exigida. Esse fato, constatado na amostra, reflete a estatística de que o descumprimento é mais elevado nessa condicionalidade – na média nacional, em educação, estão 97,8% dos descumprimentos.

Destaca-se também o fato de que a maioria dos casos relatados nas entrevistas era de descumprimento por filhos adolescentes. Essa constatação também pode ser

corroborada pelas estatísticas: enquanto o descumprimento entre alunos de seis a 16 anos, em Porto Alegre, se aproxima da média geral de descumprimento no Brasil – 7,3% –, entre os adolescentes de 16 a 18 anos, esse índice salta para 17,07% (esses dados estatísticos – de descumprimento por condicionalidade e por faixa etária –, foram apresentados nos capítulos anteriores).

A falta de controle dos adolescentes pela titular do benefício se sobressai:

“tem uma idade que a gente não manda mais neles. [...] quando eles são pequenos, eles fazem as coisa do jeito que a gente quer, só que tem uma hora que eles não querem mais.”
(ESMERALDA:86)

Violência na escola também é recorrente:

“Foram umas dez, eu acho, que bateram nela. Na hora do recreio, ela saiu para ir no banheiro e daí, pegaram... Bateram a cabeça dela na parede e derrubaram ela no chão e chutaram ela no chão até se mijar todinha.[...] Daí, cada vez que ela chegava no colégio, ela passava mal, ela vomitava, ela sentia dor de cabeça... Daí, antes que desse um troço nela, se ficasse pior... Daí eu tirei.” (ROSA:61)

Aparecem ainda relatos de perda da bolsa porque os filhos passaram por problemas, e a mãe não tinha clareza sobre as providências que deveria tomar:

“Aí, eu fiquei com choque. Daí, elas me explicaram: ‘não, Paz, quando eles abaixaram o presídio, era pra vir um papel com o lado do policiamento, pra mostrar pro colégio e tudo’”. (PAZ:30)

Apenas uma entrevistada fala que não manda os filhos para o colégio porque avalia que devem ficar em casa:

“[tenho dificuldade] De mandar eles pra aula porque eu não quero que eles vão, vão levantar, porque tá frio, porque tá chovendo. Eu prefiro deixar eles ali.” (HORTÊNCIA:12)

Não houve relato de dificuldade importante para cumprir as condicionalidades devido à deficiência de serviços públicos, como falta de vagas na escola, falta de escola próxima de casa ou falta de atendimento no posto de saúde.

5.2 A visão das entrevistadas sobre o programa: sob a hegemonia?

Foi adotada neste estudo, como grande dimensão analítica a partir do pensamento de Gramsci, a noção de hegemonia. Se a hegemonia da classe dominante está estabelecida quando o consenso sobre seus interesses se instala, mesmo que esse equilíbrio seja instável, a análise das entrevistas mostra que o Programa Bolsa Família é desenvolvido sob uma bem sucedida formação de consenso entre as entrevistadas – mulheres oriundas das classes subalternas –, acerca dos temas contidos nessa dimensão de análise.

Essa primeira dimensão de análise, o consenso, pode ser identificada na crença de que as duas condicionalidades – definidas pelo grupo dirigente –, estudar e cuidar da saúde, são importantes para a família.

É unanimidade entre as entrevistadas que estudar é importante tanto para si quanto para os filhos. MARGARIDA (56) diz: “Mesmo que eu nunca tenha... estudei, mas para os meus filhos eu acho muito importante porque eu vejo por mim [...] porque

eu não sei nada”. E ROSA (64) concorda: “Pra arrumar serviço, pra qualquer coisa, tem que ter um estudo”.

No entanto, algumas dúvidas sobre as possibilidades de vida a partir da conquista do estudo aparecem:

“[Estudar é importante] Pra ser alguém na vida. Apesar de que, hoje em dia, quem tem estudo tá limpando chão igual. Mas acho que estudo ajuda bastante. Dá pra subir de cargo, tudo, né.” (SOL:112)

Ir ao posto de saúde também é considerado importante pelas entrevistadas:

“Eu tenho neto fichado ali, os filhos. Eu acho importante ir. Mesmo que se eu tivesse neném pequeno, eu iria levar toda a vida para pesar. Porque se pesasse ele, é uma etapa que não pode deixar, tem que levar porque isso aí ajuda.” (FLOR:21)

A ideia de que escola e posto de saúde são importantes é consenso, é reconhecida pelas mães mesmo antes da necessidade de coerção:

“Antes deles receber essa bolsa, a minha cabeça também ó: é o colégio e o Cevi⁷], já bota direto. E o meu gurizinho de quatro anos, vai fazer quatro anos agora em maio, e a creche. Eles começa pela creche, depois termina no colégio. Antes de eu ter a bolsa, antes de eu sonhar ter a bolsa, eu primeiro, eu boto na creche; depois da creche, eu boto no

⁷ Cevi é o apelido antigo do Centro Regional de Assistência Social Eixo-Baltazar e Nordeste. Os centros regionais ainda são chamados por essas siglas nas comunidades, siglas anteriores à reforma da assistência social no município de Porto Alegre, realizada na década de 1990.

presinho, do presinho vai pro primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... Aí se vai...” (GRAÇA: 8)

A definição de qual é a melhor fonte de renda familiar também é compartilhada por todas as entrevistadas. Para elas, é bom receber a bolsa no momento de vida em que estão e diante das necessidades que tem, mas elas afirmam que é bom trabalhar, ter um negócio próprio ou outra fonte regular de renda, como aposentadoria. “Da bolsa é bom, mas do trabalho é melhor ainda.” (ROSA:66)

Perguntada sobre qual acredita que seria a melhor fonte de renda para a sua família, GRAÇA responde:

“Não dá nem pra fazer pergunta: trabalhar, né? Pra ter um agito [...] arrumar uma máquina de reciclagem, sabe aquela máquina, fazer que nem você cria, faz dentro de casa mesmo, faz fralda ou... Já que eu não posso trabalhar fora, eu queria fazer um invento dentro de casa mesmo. Levar uma máquina pra dentro de casa, fazer uma fralda, tem uma máquina ligada na luz, fazer uma reciclagem só pra ter um dinheiro pra ajudar mais a família... Realizar uma coisa que eu nunca tive na minha vida. [...] E eu quero dar o melhor pros meus filhos, não quero deixar eles mal aqui na Terra.” (GRAÇA:5)

Há compartilhamento de ideias ainda sobre o que se deve aprender na escola e em casa. Em casa, as entrevistadas citam que os filhos devem aprender tarefas domésticas, a “ter respeito pelo próximo” (SOL:112) e pelos pais, a importância de estudar, os cuidados de higiene pessoal, a ter responsabilidade.

Na escola, devem aprender “tudo que muitas mãe não tem capacidade, não tem coragem de ensinar” (HORTÊNCIA:14). Devem “aproveitar alguma coisa utilizável, coisa importante, utilizável pro futuro”. (MARGARIDA:58) Além disso, as entrevistadas citam que os filhos e netos devem fazer cursos; aprender o conteúdo das disciplinas, destacadamente, Português e Matemática; aprender a ter educação com os professores e colegas; e respeito.

Todas as entrevistadas tem conhecimento – ou algum conhecimento – sobre as regras impostas pelo programa, e todas acreditam que é bom ter regras:

“Ah, às vezes eu acho chato. Às vezes eu acho muito chato. Mas conforme o tempo passa, eu começo a analisar. Eu acho que tá de acordo, porque o mundo já tá bem virado. Se não seguir... Ninguém gosta de seguir regras, sabe, mas no momento que tu começa a ter noção delas, tua vida melhora muito.”
(HORTÊNCIA:17)

Além das regras serem aprovadas por todas, em um caso, uma mãe pediu mais regras:

“Então eu acho que tinha que ter uma regra, uma regra, assim, as mãe ir uma vez por mês no colégio, uma semana, duas semana, pra ver como é que os filho tá.”(PAZ:33)

É necessário ressaltar que, nesse caso, a mãe também pede mais informação e envolvimento, pede para não ser surpreendida pelo corte da bolsa.

Todas também tem medo de perder a bolsa ou vergonha diante do não cumprimento da regra, o que mostra que a coerção é reconhecida, como pode ser visto na fala abaixo:

“Pra mim, era uma vergonha tá pegando aquele dinheiro, continuar pegando aquele dinheiro. Foi até um alívio quando veio uma moça, que eu ia perder. Tava lá. Eu me aliviei. [...] Senti aliviada por causa da vergonha, daí eu não ia passar vergonha mais. Tá pegando aquele dinheiro e eles não tavam frequentando a escola. [...] Em relação a mim, de pegar e não conseguir manter eles mais na escola e tá continuando pegar aquele dinheiro.” (SOL: 114)

Se, a partir da análise das respostas das entrevistadas na perspectiva das dimensões teóricas, observa-se que há consenso sobre as regras e que há identificação da possibilidade de sanção, inclusive com a manifestação de sentimentos de medo, culpa e vergonha, por que ainda assim ocorre o descumprimento da condicionalidade?

As causas do descumprimento citadas no item 3.1 deste capítulo parecem extrapolar o poder e o controle das entrevistadas. A hegemonia não atinge os jovens das classes subalternas? Eles não reconhecem o consenso, não tem consciência da coerção?

Pode-se retomar aqui as discussões sobre a concepção de programas de transferência condicionada de renda. A partir das entrevistas analisadas, pode-se apreender que o interesse dessas mulheres de que seus dependentes estudem e venham a “ser alguém na vida” e de cuidar da saúde deles é anterior ao programa e suas condições. Assim, há necessidade de condicionamento da transferência de renda a essas famílias à frequência escolar e aos cuidados com a saúde?

5.3 As ações das entrevistadas e as condicionalidades: faz sentido?

Para Weber, a Sociologia é uma ciência que busca compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. A ação social é realizada pelo indivíduo considerando o comportamento de outros no que se refere ao sentido visado por ele.

Em sua pesquisa, o cientista social deve metodizar a compreensão das ações estudadas com o estabelecimento de conexões causais que possibilitem a identificação do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação. Sua explicação visará à compreensão desse sentido, do andamento e dos efeitos da ação de um ou mais indivíduos em relação a outro ou outros.

Quando se fala em sentido não se trata da gênese da ação, mas para o que ela aponta, para o objetivo visado nela, para o seu fim. É por meio da compreensão do sentido que se pode identificar os nexos entre os elos de um processo de ação e reconstruir esse processo como uma unidade. Realizar isso é precisamente compreender o sentido da ação. Esses pontos do pensamento de Weber foram abordados no Capítulo 2.

Dito isso, e considerando-se que o agente individual é a única entidade capaz de conferir sentido às ações, passa-se à reconstrução do encadeamento dos elos dos processos de ação das titulares do benefício do Programa Bolsa Família a partir da análise do conteúdo de suas entrevistas. Essa tarefa foi sistematizada nos quadros abaixo, nos quais se tenta reconstruir os processos como unidades.

5.3.1 A análise das ações individuais

A análise de cada entrevista se inicia com a busca da compreensão do processo de ação da titular do benefício por meio da identificação dos elos que encadeiam as

ações. Os elos identificados são os seguintes: 1) Observa que a vida da família melhora com o PBF; 2) Avalia que o PBF é bom; 3) Conhece as regras do PBF e concorda; 4) Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde; 5) Busca cumprir as regras; 6) Tem condições irregulares para o cumprimento; 7) Tem medo de perder a bolsa; 8) Descobre que houve descumprimento; 9) Identifica o prejuízo; 10) Mantém os outros cumprindo; 11) Busca ajuda para reverter a situação; 12) Cobra em casa e 13) Pensa no futuro.

Esses elos demonstram cálculos, mesmo que mínimos, por parte das entrevistadas sobre a sua situação e correspondência com o Programa Bolsa Família.

No primeiro caso analisado, exposto no Quadro 2, a entrevistada de nome Graça avalia que o Bolsa Família auxilia no sustento da família, portanto, é sensacional. Ela conhece as condicionalidades e acha que estudar e ir ao posto de saúde são atitudes importantes. Procura fazer as coisas corretamente e observa os filhos. É sozinha com os cuidados e orientação de todos os dependentes e tem medo de perder a bolsa. Quando descobre que uma filha faltou aulas e a família perdeu a bolsa, percebe que o sustento dos filhos foi por água abaixo e busca reverter a situação: vai ao centro de assistência social, à prefeitura e entra em outro programa, o Peti. Toda a família se revolta com a perda da bolsa e cobra da irmã. Depois de ter buscado ajuda, aguarda a resposta de Brasília sobre o retorno da bolsa.

QUADRO 2 – Entrevista 1 – Graça		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- com a Bolsa Família eu comprava roupa pras crianças, o alimento pras crianças, nunca faltou nada perante a Bolsa Família. Assim, ter uma passagem... - Ajuda nas coisas do colégio, no alimento dentro de casa - Comprava um tênis pra ele, comprava material pro colégio, comprava uma

		<p>coisa ou outra pra ele ir pro colégio, faceirinho, merenda deles levar</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Bolsa Família era um sustento pras crianças, com material, com colégio, com tudo, né? - consegui comprar um tanquezinho pra mim lavar minha roupa, a roupa do meu filho, consegui arrumar meu banheiro
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	<ul style="list-style-type: none"> - A Bolsa Família defendia muito [...] que o único braço direito que eu tinha era o Bolsa Família. - Mudou tudo, defendeu tudo. - A Bolsa Família foi sensacional.
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	<ul style="list-style-type: none"> - A pesagem das crianças tem que tá em dia, a vacina tem que tá em dia, a consulta tem que tá em dia, e as crianças no colégio, corretas no colégio.
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Eu acho importante estudar. Porque estudar... Sabe muita coisa da vida. Sai do mal do caminho. Que o caminho o mal ensina. - Antes deles receber essa bolsa, a minha cabeça também ó: é o colégio e o Cevi, já bota direto. [...] Eles começa pela creche, depois termina no colégio. Antes de eu ter a bolsa, antes de eu sonhar ter a bolsa, eu primeiro, eu boto na creche; depois da creche, eu boto no presinho, do presinho vai pro primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... Aí se vai... - O posto de saúde e aqui o Cevi são uma maravilha pras crianças.
Elo 5	Busca cumprir as regras	<ul style="list-style-type: none"> - Que quando eles dão, assim, no papelzinho, “hoje tu tem que ir, amanhã, dia 30, tu tem ir se apresentar lá no posto pra fazer a entrevista pra assistente social, pra menina lá do posto”, aí, tudo marcadinho, entra na minha cabeça e faço correto as coisas. - Um dia eu desconfiei “ué, mas como que essa guria vai pro colégio e daqui a pouco tá em casa?”. Eu fui lá no colégio e vi. Daí não deu mais tempo, que elas já tinha mandado o papel pro governo, né. - Se eles falhar o colégio, é porque tão doente; mas, mesmo assim, eu vou no colégio e aviso as gurias.
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	<ul style="list-style-type: none"> - é uma ladainha: meus guri pequeno, são cinco guri pequeno que eu tenho, são sempre chamado aqui no Cevi, quando não era chamado aqui no Cevi, era no colégio, no hospital, tem que levar, fazer exame, fazer isso, fazer aquilo, ou o juiz tá chamando, ou o conselho tá chamando... Eu sou só, eu pra tudo - só que nem todos tem a cabeça no lugar
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	<ul style="list-style-type: none"> - Tinha. [medo] - Não, eu não fiquei com culpa nenhuma, porque não foi da minha parte nem dos pequenos nem da minha parte, foi da parte da guria mesmo.
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	<ul style="list-style-type: none"> - Eu mandava ela pro colégio, eu pensava que ela ia pro colégio, mas ela não ia pro colégio, só entrava no colégio e almoçava e saia fora.
Elo 9	Identifica o prejuízo	<ul style="list-style-type: none"> - Aí, depois, como eles me cortaram, aí eu to, to mal - Cheguei chorar no dia que eu perdi a bolsa. Pensei: bah, o sustento das crianças foi por água a baixo. - Aí, depois, como eles me cortaram, aí eu to, to mal
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	<ul style="list-style-type: none"> - Como o João, o José e o Manoel, são os que nunca falha o colégio, nem com chuva nem com vento nem com temporal.
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	<ul style="list-style-type: none"> - aí, hoje eu peguei “vou lá no Cevi e vou conversar com o rapaz” - Fui até lá prefeitura atrás da Bolsa Família. Fui lá na prefeitura, peguei, conversei com a moça [...] - eu só entreguei na mão de Deus. Um dia ou outro, eles vão entender o que se passou. - Meu marido falou: “deixa que uma hora eu vou lá, mato uma jornada e vou conversar com eles”. Mas é hoje, é amanhã e ele nunca vinha, aí hoje eu peguei “vou lá no Cevi e vou conversar com o rapaz”.

		- conversei com o rapaz, e hoje ele ia adiantar pra mim, a renovar os papel. - Fui até lá prefeitura atrás da Bolsa Família. - como agora o Peti tá fazendo. O Peti tá fazendo também.
Elo 12	Cobra em casa	- eles tão revoltados, que todo mês, dia 18, eu recebia
Elo 13	Pensa no futuro	- O rapaz já tinha feito. Já fez tudo no papel, já mandou lá pra Brasília, agora tem que esperar de lá, né?

Nos próximos quadros, a explicação está inserida em formato de legenda.

QUADRO 3 – Entrevista 3 – Flor		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- a maioria era alimento - lanche, material escolar, uma roupa pra ir no médico, uma meia, uma calça
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- programa bom, que me ajuda muito - era um dinheiro que tava ajudando - uma melhora pros menor, pras crianças, pra família - ajuda as famílias, não só a minha, mas ajuda todo mundo em geral
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- sim, eu tenho visto por causa da frequência escolar - não pode deixar faltar o colégio - o governo fez isso aí pra manter mesmo as família, pra ter obrigação - isso eu acho uma coisa necessária - passa a ter obrigação também, de cumprir isso aí - acho que é certo porque tem que ter compromisso
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- pra mim, eu acho [importante estudar] - Eu acho importante ir [ao posto de saúde]. - Eu tenho neto fichado ali, os filhos. Mesmo que eu tivesse neném pequeno, eu iria levar toda a vida pra pesar, é uma etapa que não pode deixar
Elo 5	Busca cumprir as regras	- eu, seis e meia da manhã, eu já tô apelando pros meus levantar..., tenho que estar sempre em cima
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- sou só uma pessoa, não tem outra pra ajudar
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- fiquei chocada - senti medo
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Que eu não tava em casa dessa vez aí que tive problema com doença, minha guria teve que baixar no hospital... precisava de alguém pra exigir [os demais faltaram no afastamento da mãe]
Elo 9	Identifica o prejuízo	- to desempregada e tô precisando - fez falta de montão - tá fazendo falta pra material escolar, pra tudo, do alimento do dia a dia, foi uma falta

		- tem que tá pedindo pro guri pra ele ir entregar panfleto
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	[todos os filhos homens faltaram no afastamento enquanto a mãe acompanhava a filha durante uma internação hospitalar]
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- tô fazendo a procuração de novo
Elo 12	Cobra em casa	- eu chamei a atenção deles e disse pra eles "isso aí não pode ficar fazendo mais... vocês tem que saber que é um compromisso de vocês" - chamei eles no apito - "Quando a mãe não tá em casa, vai resolver alguma doença, alguma coisa, vocês sabem que tem que ter aquele compromisso. Bote o relógio pra despertar, prepara as mochilas, as roupas pra ir pro colégio." [...]
Elo 13	Pensa no futuro	- se vocês voltar de novo a ganhar, vocês tem que saber que é um compromisso de vocês, vocês não podem perder

Aqui, Flor conta que pode comprar alimentos, material escolar, roupas e calçados para os filhos com o Bolsa Família, avaliando, assim, que o programa é uma ajuda. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras e acha que estudar e ir ao posto de saúde são atitudes importantes. Exige diariamente que os filhos acordem cedo para ir para a escola. É solitária nos cuidados e na orientação de todos os dependentes e tem medo de perder a bolsa. Quando se afasta de casa para acompanhar uma filha doente em sua hospitalização, os demais filhos relaxam na frequência às aulas. Chocada, percebe que a bolsa faz falta e busca reverter a situação indo ao centro de assistência social e providenciando a documentação que lhe pedem. Chama a atenção dos filhos em casa e salienta que ir à aula era um compromisso deles, dizendo que, se voltarem a receber o benefício, não podem repetir a atitude.

QUADRO 4 – Entrevista 4 – Paz		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pagar as contas, comprava as coisas pra eles nas loja - dá pra comprar uma roupa - comprar uma alimentação - eu bebia..., mas eu nunca me achava que o dinheiro da bolsa... Que eu sentia que aquele dinheiro era pra eles - falta um arroz, tu não precisa ficar se humilhando, pedindo pros outros
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- Já é um dinheirinho que a gente conta naquele mês - porque tem muita gente que, às vezes, não tem serviço pra trabalhar - porque 15 pila é dinheiro pra gente - ajuda a pessoa que não consegue trabalho
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- os menino tem que ir no colégio, crianças de 3 anos, 4 anos tem que pesar no posto de saúde - eu pensava que se um faltasse e os três tavam indo direitinho ... nunca ninguém desligava da bolsa - eu me sentia assim muito orgulhosa, sabendo que eles tava cumprindo a regra na escola, não faltar aula e tudo. Então era um compromisso meu também - tinha compromisso da gente com a bolsa e compromisso com as criança - eu acho que tinha que ter uma regra, assim, as mãe ir uma vez por mês no colégio pra ver como é que os filhos ta [...]
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- eu acho que é muito importante estudar - até pra pegar um emprego, tem que saber ler os produtos. Agora, pra ser faxineira, tem que saber ler - acho muito importante estudo pra eles [os filhos] - No caso, eles já achavam que estudo não faz falta - Eu acho que a gente tem que passar pelo médico

Elo 5	Busca cumprir as regras	- as criança que tão matando aula, e eu corria no colégio, perguntava se eles tava cumprindo - eu ia no colégio perguntar, por causa que tinha mais dois pequeno - ia falar com a direção do colégio - procuro recurso - tudo isso eu fazia
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- tive dificuldade quando eles completaram 14 anos - às vezes, depende da boa vontade das criança - tô com dois jovens, 16 e 17 anos, que agora eles querem achar que são grandão - Começou a crescer, com 14, 15 anos, daí que eu já me perdi o equilíbrio deles
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- aí, eu ficava com medo - Eu tinha. [medo] - nunca tive vergonha - fiquei com choque
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- por causa de um filho, eu fiquei três meses sem - Esses adolescentes com 16 anos, 15 anos, às vezes, não querem mais estudar, querem procurar serviço - por causa dos dois adolescentes
Elo 9	Identifica o prejuízo	- como faz falta
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- os outros que são pequenos, que tão indo, seguindo a aula
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- era pra eu ter trazido um papel na escola, quando a minha cabeça tava muito enrolada [um dos filhos que faltou à aula foi preso]
Elo 12	Cobra em casa	[entrevistada assume a responsabilidade pelo descumprimento dos filhos]
Elo 13	Pensa no futuro	[não houve referência a futuro na entrevista]

Paz podia comprar alimentos, roupas e calçados para os filhos com o Bolsa Família, assim, avalia que o programa ajuda. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras e acha que estudar e ir ao posto de saúde são atitudes importantes. Procura estar sempre informada sobre a presença dos filhos na escola. Passa a ter dificuldade com o controle dos filhos adolescentes e tem medo de perder a bolsa. Quando descobre que dois deles faltaram aulas, fica chocada e identifica que a bolsa faz falta. Mantém os demais indo à escola, vai ao centro de assistência social e providencia a documentação necessária. Acredita que tem culpa sobre a conduta dos filhos.

QUADRO 5 – Entrevista 6 – Vitória		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pra comida, pra material do colégio - compra uma mistura, uma fruta - um lápis, um caderno, uma borracha - não andar pedindo esmola - não continuam [na sinaleira] por causa dessa bolsa
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- ajudou muito a sair da sinaleira - pra tirar da sinaleira - é pouco, mas serve, servia - tem mais atividade [pra eles no colégio] - é bom
Elo 3	Conhece as	- Conheço. Postinho, as crianças vai pra consulta, não faltar a escola

	regras do PBF e concorda	- não tem do que reclamar. As regras são até boas... Eu acho que é certo. Deveria [ter regra] porque muitas crianças, às vezes, não querem ir no colégio, não vão ao médico.
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- O estudo é a melhor coisa que tem - ser alguma coisa na vida - pra subir na vida - o estudo é importante - É importante [ir ao posto de saúde]
Elo 5	Busca cumprir as regras	- eu pedia, pra minha guria mais velha, e ela não dava bola
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- faz dez anos que eu dependo do carrinho..., mas continuo porque Deus vai me dando força pra não deixar eles ir pra sinaleira - quando eu trabalho na rua, não tinha como eu mandar... largar o carrinho e vir socorrer pra eles ir na aula, empurrar - eu dependo do carrinho pra sobreviver e dar de comer pra eles - às vezes é difícil [ir ao posto de saúde] porque tem que ter dinheiro pra passagem, e, às vezes, eu não tenho e tenho de ir a pé - Tenho. [dificuldades com distância] - Não, não tem. [dificuldade com vaga na escola]
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Tinha [medo]. - Foi, foi [uma coisa constrangedora, vergonhosa]... Porque muitos tava recebendo e dizia pra mim ... "nós recebemos, tu não, por quê?", daí eu ficava sem jeito
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Gostam da escola, faltaram por bobagem - [o casal de filhos adolescentes] Faltaram aula porque eu não tinha voz que falasse mais alto - eles faltavam porque eles queriam - É pra jogar bola, essas coisas
Elo 9	Identifica o prejuízo	- agora... minhas criança falaram "mãe, eu vou voltar pra sinaleira pedir, se te cortarem a bolsa" - pra mim, faz falta
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- [o menor] não precisa nem mandar
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- Não sei o que vão resolver, se vão continuar me dando ou não
Elo 12	Cobra em casa	- "vai pro colégio que a mãe vai ver se consegue falar pra eles voltar a receber esse dinheiro pra comprar as coisas pra vocês" - agora, eu tô sempre em cima, eu trabalho na rua ainda, mas tô sempre em cima deles, antes de eu sair pra rua trabalhar eu digo "ó, não falte aula, se vocês faltar, eu vou tomar outra atitude", e eles continuam, vão a aula.
Elo 13	Pensa no futuro	- agora, eu estou conseguindo controlar eles

Vitória pode deixar de pedir esmola e pode comprar alimentos, roupas e calçados para os filhos com o Bolsa Família, assim, avalia que o programa ajuda, principalmente a tirar os filhos da sinaleira, apesar de ser pouco. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras e acha que estudar é a melhor coisa que tem e ir ao posto de saúde é importante. Pede para os filhos não deixarem de ir à escola. Envolvida diariamente em seu trabalho a pé com o carrinho de coleta de lixo seco, tem medo de perder a bolsa. Quando é advertida porque dois deles faltaram aulas por bobagens, fica constrangida e se preocupa porque a bolsa vai fazer falta, e os filhos correm o risco de ter que voltar à sinaleira para pedir. Mantém o filho mais novo indo à escola e vai ao centro de assistência social para tentar resolver. Passa a se esforçar mais no controle da conduta dos filhos e observa que está tendo sucesso.

QUADRO 6 – Entrevista 7 – Margarida		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- dá pra comprar uma roupa, uma comida pra eles comerem. É pouco, muito pouquinho, super pouquinho, mas dá igual - eu compro uma comida, um ranchinho
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- é uma coisa boa pra gente que não tem benefício nenhum - Eu até gosto porque eu preciso...
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- a gente não pode deixar os filhos falharem no colégio. - Mas é correto. Porque... geralmente, se as mães realmente precisarem desse dinheiro que o governo dá, as mães tem que atender as regra direito, mesmo, para o bem do próprio filho. Geralmente... mãe já atende aos próprios compromissos porque elas querem e precisam daquele dinheiro - enquanto a gente tá recebendo isso aí, a gente fica naquela obrigação pelo menos de não deixar os filhos faltarem aula
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Mesmo que eu nunca tenha estudado, mas para meus filhos, eu acho muito importante - eu quero é que meus filhos estudem - acho importante é eles aproveitar alguma coisa utilizável, coisa importante, utilizável pro futuro - Acho. [importante ir ao posto de saúde];
Elo 5	Busca cumprir as regras	- quero que meus filho estudem. Sempre quis, fico ali em cima para botar meus filhos no colégio
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- eu não trabalho, meus filhos, os três, estão desempregado - não tenho muito tempo pra quase nada. Eu deixo em casa esse monte de crianças; estou me vendo é com as passagens [de ônibus para ir ao atendimento de saúde]
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- realmente, eu não acho que seja uma coisa vergonhosa
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- tem dia que tenho que sair, daí, não tenho quem fique lá com os pequeno [...] daí, eu deixo o João. - vai nas mais importantes, nas mais importantes e que sejam boas para o teu futuro,
Elo 9	Identifica o prejuízo	- Se eu perder, realmente eu não vou ter nem como dar nada para os meus filho comer - acho que vai ficar ruim para mim porque é um dinheiro que não entra
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- a minha neta está indo a todas as atividades
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- eu vim falar com a guria aqui, com a guria da bolsa aqui.
Elo 12	Cobra em casa	[não há o que cobrar, as faltas foram erro dela]
Elo 13	Pensa no futuro	[não houve referência a futuro na entrevista]

Margarida pode comprar alimentos e roupas para os filhos com o Bolsa Família, assim, avalia que o programa é uma coisa boa, apesar da bolsa ser muito pouquinha. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras, quer que os filhos estudem é acha que ir ao posto de saúde é importante. Busca colocar os filhos no colégio. Responsável por vários familiares, precisa que o adolescente mais velho a ajude nos cuidados com os mais novos. Determina que ele vá apenas às atividades mais importantes da escola e não acha que isso é uma coisa vergonhosa porque ela precisa dessa ajuda. Quando descobre que as faltas ultrapassaram o limite, fica constrangida e se preocupa porque

faltarão comida em casa. Os mais novos vão à escola, e ela vai ao centro de assistência social para tentar resolver o problema.

QUADRO 7 – Entrevista 9 – Violeta		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- é fralda e leite, o alimento..., roupa, material
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- Ótimo. Ótimo pra quem não trabalha por enquanto... Por enquanto tá sendo muito útil - para beneficiar os mais necessitados. - é uma ajuda, sim... ela é mais útil para quem não trabalha, porque precisa - significa tudo..., enquanto eu não arrumar trabalho e arrumar a creche também, pra mim significa tudo. É o sustento da casa
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- Eu sei que tem regra... Tem que pesar no posto, as vacinas em dia, e as crianças no colégio. Se tem mais, eu não sei - Por mais que tem gente que não goste, eu acho que é bom, ainda mais pelo negócio do colégio - acho que todo o benefício que tem..., a não ser só o Bolsa Família, eu acho que todos tem que ter regras. Eu acho útil também ter regras. Tu imagina só ir lá pegar o dinheirinho, não se preocupar mais com nada, não sabe nem quando que vai perder. Por mais que tu não sabe se foi o certo, tu vai continuar recebendo
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Estudar? Sim, lógico. Sim, porque estudar... Melhor do que eu, parei nova, com 15 - [cuidar da saúde] eu acho importante. A minha eu relaxo, deixo de lado, mas a deles não.
Elo 5	Busca cumprir as regras	- Eu levo eles direitinho -os meus, às vezes, também querem: "a mãe, eu não tô a fim", mas eu falo: "não, pode ir"
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- Só não vão quando tem muita chuva. Eu moro na Restinga Velha..., fica muito ruim pra trazer - um colégio, pra mim, seria melhor ali perto. Que levar eles, de repente, assim, no inverno, como eu trago eles junto com o meu bebê, fica ruim de trazer os dois sem o guardachuva. Ah, eu tenho medo de ele faltar mais no inverno
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Tenho, tenho. [medo] - Imagina se eu perco a bolsa - Eu ia chorar, lógico! De onde é que eu ia tirar? Imagina - não fiquei envergonhada
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Eu não sei o que eu fiz - Olha, não sei. Tenho dois no colégio, mas qual deles, eu não sei... de repente, descumpriu com alguma unidade de presença - Um tem sete, outro tem oito e outro tem nove [anos]
Elo 9	Identifica o prejuízo	- Ah, eu tomei um susto
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	[não sabe quem teve problema de frequência]
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- Eu tenho que fazer uma transferência [pra uma escola mais perto de casa] [estava no centro de assistência social para descobrir a causa da advertência]
Elo 12	Cobra em casa	[ela mesma leva os filhos, que são pequenos]
Elo 13	Pensa no futuro	- De repente, eu vou ver se esse ano, eles não falte tanto como no ano

	passado
--	---------

Violeta pode comprar alimentos, roupas e material escolar para os filhos com o Bolsa Família, assim, avalia que o programa é ótimo. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras, e acha que estudar e ir ao posto de saúde são atitudes importantes. Leva os filhos ao colégio e diz “não” quando eles pedem para faltar aula. Tem dificuldades de carregar os três filhos pequenos a pé para a escola, que é distante, especialmente em dias de chuva. Tem medo de perder a bolsa e não sabe exatamente qual foi o filho, ou filhos, que teve problema com a frequência. Quando é advertida, se assusta com a possibilidade de perder a bolsa. Vai ao centro de assistência social para se informar e reverter o problema. Tentará transferir os filhos para uma escola mais próxima de casa e tentar reduzir as faltas das crianças à escola.

QUADRO 8 – Entrevista 10 – Glória		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pra mim tá sendo muito bom, sempre foi bom
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- Eu acho que isso aí é bom. Tem gente que precisa realmente - Ajuda
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- Da frequência da escola, sim. [do posto de saúde] o meu bebê já tem vacina pra fazer este ano - Seria mais essa da frequência das crianças - Regra eu acho que deve
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Acredito [que é bom estudar]. Porque sem estudo a gente não consegue nada na vida... - A sobrevivência, principalmente, pra sobrevivência, tem que ter estudo para conseguir um bom emprego, senão não consegue. - Sim [acha importante ir ao posto de saúde]
Elo 5	Busca cumprir as regras	- E aqui, nessa escola aqui, começaram a dizer que ela não tava indo à escola, mas ela estava indo à escola. Aí um dia eu peguei e disse pra ela [a assistente social]: exatamente as frequências dela, mas ela não me deu, terminou o ano e, aí, agora, esse ano, elas me deram
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- Dependendo acho que muito da condição da família... tu não tem como pegar [o filho] e botar lá dentro [da escola] - eles estuda aqui dentro mesmo, e a guria estuda no colégio aqui do lado - porque as crianças estão com certa idade que não tem como chegar e botar lá dentro do colégio, obrigar eles estudar
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Tenho, na verdade eu tenho, mas... [medo] - Vergonhoso não é
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Ela é mais rebelde. Tem dias que não quer fazer Educação Física. Ela faz tratamento no psicólogo
Elo 9	Identifica o prejuízo	- mas agora não tenho nem renda
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- O outro gosta de ir pro colégio
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- só que eu não sabia que o colégio não fazia a transferência, que eu tinha que vir aqui atualizar o cadastro e a transferência pra aqui. - Mas eu trago os atestado tudo.
Elo 12	Cobra em casa	Mas esse ano ela está indo para aula. Está faltando alguns dias porque ela está indo pro médico.
Elo 13	Pensa no futuro	- Aí, eu tenho mais uma renda que é o plano de pensão pra velhice.

Glória avalia que o programa é bom e ajuda. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras, e acha que, sem estudo, não se consegue nada na vida e que ir ao posto de saúde é importante. Procura se manter informada sobre a frequência escolar dos filhos. Tem dificuldades de controlar os filhos adolescentes. Tem medo de perder a bolsa. Quando descobre que a filha adolescente

faltou demais e que ficará sem nenhuma renda, mantém o outro filho indo ao colégio e vai centro de assistência social para se informar e reverter o problema. Descobre que não conhecia um trâmite burocrático. A filha passa a ir à aula, e Glória espera poder entrar no plano de previdência de um dos filhos que trabalha.

QUADRO 9 – Entrevista 11 – Esmeralda		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- compra um arroz, um feijão, isso, aquilo, aquilo outro,...uma bolacha, uma coisa, um leite... até um sapato, um sapato pra eles ir no colégio
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- é bom por um tempo. Se a pessoa não tem uma renda, se a pessoa não tá trabalhando, ajuda a pessoa... é muito injusto porque tem gente que não precisa e recebe e tem gente que precisa e não recebe - era a única renda que eu tinha - Eu acho que é bom... que nem agora, eu tô sem trabalhar, ... daí, tu pega aquele dinheirinho
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- Tem que ter [regra]... se não tiver, ... daí, ninguém vai pro colégio, ninguém dá vacina, ninguém faz nada - acho que é injusto por um, os outros... [perderem a bolsa] - Eu acho que é injusto um pagar pelos outros - O que é certo é que tem que ir pro colégio: com bolsa escola, sem bolsa escola - eu acho que tem que ter regra
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- se a gente não estuda, a gente não vira nada. Eu ia pegar um emprego bem bom, pra mim e pra ele... Eu só não peguei porque eu não tenho estudo - to sempre dizendo pra eles: "sem estudo a gente não vai a lugar nenhum. Tem que estudar" - tem que ir pro colégio, porque tem que ser alguém - Claro! Tem sim [que ir ao posto de saúde]
Elo 5	Busca cumprir as regras	- to sempre dizendo pra eles: "sem estudo a gente não vai a lugar nenhum. Tem que estudar" - eu transferi
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- tem uma idade que a gente não manda mais neles... quando eles são pequenos, eles fazem as coisa do jeito que a gente quer, só que tem uma hora que eles não querem mais; o colégio é bem pertinho. Eu moro aqui, o colégio do meu guri é aqui - que eu sou sozinha - eu não posso ficar vigiando ele... Eu não posso andar atrás deles... porque eu também tenho que trabalhar - Eu quero que ele estude, só que nem tudo é do jeito que a gente quer - Eu acho que é uma injustiça... se ele disser assim pra mim: "mãe, eu vou sair", abre a porta e sai... eu não posso pegar ele no colo porque ele é maior que eu
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Não [tem medo]. Se tiver que perder, tem que perder. Medo, eu não tenho. Não [acho vergonhoso].
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Ele não quer mais ir pro colégio... não quer mais estudar porque deram nele no colégio, tiraram o tênis dele, machucaram ele. Daí, ele desanimou - [queria] estudar de noite - Ele se acha um adulto, mas não é tanto
Elo 9	Identifica o prejuízo	- Só que agora não tô recebendo mais
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- Os outros pequenos, eu largo na creche, eu largo no colégio, eu sei que eles estão ali

Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- Vou tentar transferir ele de novo de colégio - vou matricular ele agora no colégio
Elo 12	Cobra em casa	- Daí, eu conversei com ele, expliquei pra ele, e ele disse pra mim: "tá, mãe, eu vou ver se consigo estudar de manhã"; "... alguma coisa tu tem que fazer, porque tu tem que me ajudar"
Elo 13	Pensa no futuro	- isso aí [o programa] não vai durar pra sempre, tem uma hora que vai acabar.

Esmeralda pode comprar alimentos e calçados e avalia que o programa é bom enquanto a família precisa porque ajuda. Ela conhece as condicionalidades, concorda com a existência de regras, mas as acha injusta porque toda a família paga por um filho faltar às aulas. Acha que, sem estudo, não se vai a lugar nenhum e que tem que ir ao posto de saúde. Transferiu os filhos de escola quando foi necessário e repete sempre pra eles que tem que estudar. Tem dificuldades de controlar os filhos adolescentes e diz que não pode vigiá-los o tempo inteiro porque trabalha. Não tem medo de perder a bolsa. Quando o filho adolescente se nega a ir à escola porque sofreu violência de colegas, mantém os pequenos indo. Vai transferi-lo de escola e dialoga com o filho sobre o problema. Acredita que não teria o programa para sempre.

QUADRO 10 – Entrevista 13 – Sol		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pra manter eles com o material, até uma roupa - a alimentação deles
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- é um programa bom, uma ajuda boa pra manter os filhos na escola e tudo - Serve pra mandar eles pra escola, né... uma ajuda bem boa pra eles - é uma ajuda bastante importante... Chegava no dia, tava lá tudo
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- leva os filhos no médico, mantém o filho no colégio - Um pouco, sim, um pouco, não... Por um lado, é bom regras, por outro não. É um compromisso, a gente tem que pegar compromisso... A gente leva os filhos no médico, mantém o filho no colégio... E, por outro lado, tem muita cobrança - Alguma cobrança tem que dar, porque... esse dinheiro é de graça. Então, eu acho que as regras são boa
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Eu acho [importante estudar]. Pra ser alguém na vida. Apesar de que, hoje em dia, quem tem estudo tá limpando chão igual. Mas acho que estudo ajuda bastante. Dá pra subir de cargo - Bastante importante [cuidar da saúde]
Elo 5	Busca cumprir as regras	- A gente leva os filhos no médico, mantém o filho no colégio... - Quando eu chego ao meio-dia, eles já não tão em casa. Eu tenho que sair atrás deles...
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- Tenho bastante [dificuldade pra cumprir as regras]. As faltas, né, principalmente dos meninos. São muito andarilho, ... é difícil de conseguir fazer ir pra escola - Não, não, é pertinho [a escola] - Por causa do meu serviço e do tamanho da família...
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- É vergonhosa sim, pra mim é... até tirei um peso da consciência porque eles não querem levantar pra ir pra escola... Pra mim, era uma vergonha tá pegando aquele dinheiro... Foi até um alívio... perder... Tá pegando aquele dinheiro e eles não tavam frequentando a escola... [envergonhada] em relação a mim... não conseguir manter eles na escola - E aí, tem aquele medo. Tu vai depender daquele dinheiro...
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- teve esse problema do filho adolescente de 16 anos... ele é atrasado na escola, então ele tem um constrangimento porque ele tá na terceira

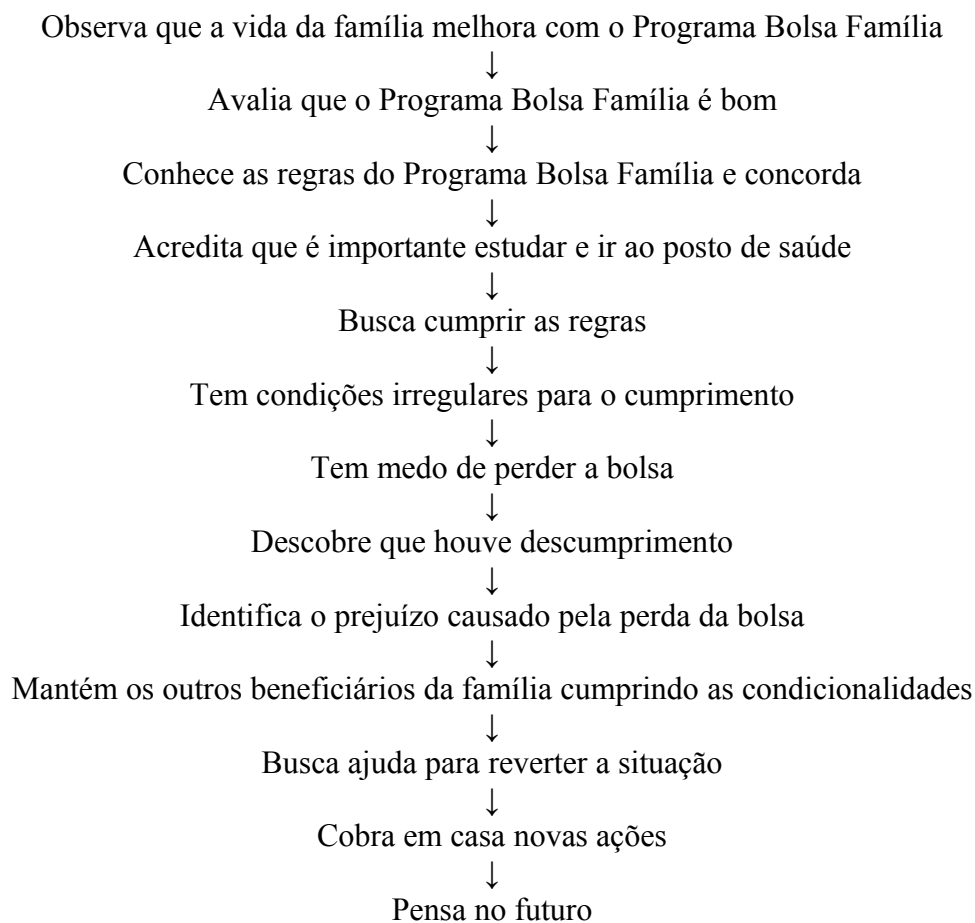
		série. Cada vez que passa, tem dificuldade de aprender - Dois é que estão dando dificuldade
Elo 9	Identifica o prejuízo	- e como é que eu vou perder isso aí?
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- tem o meu filho pequeno, tem minhas duas outras meninas
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- Agora, eu quero ver quando eu sair do Peti... quero ver se eu consigo arrumar isso aí
Elo 12	Cobra em casa	
Elo 13	Pensa no futuro	- quero ver se eu consigo arrumar isso aí

Sol pode comprar material escolar, alimentos e roupas e avalia que o programa é uma ajuda boa, bastante importante. Ela conhece as condicionalidades e concorda com a existência de regras, achando que elas exigem compromisso, mas são também cobrança. Acha importante estudar para ser alguém na vida e ir ao posto de saúde. Procura levar os filhos ao médico e mantê-los na escola, mas tem dificuldades de controlar os filhos adolescentes. Acha uma vergonha não conseguir cumprir as regras e se sente até aliviada com sua consciência se perde a bolsa. Apesar disso, quando os dois adolescentes tem a frequência escolar abaixo do exigido, preocupa-se em como será a vida se perder a bolsa. Os menores continuam indo à escola. Vai ao centro regional de assistência social para resolver e consegue entrar no Peti. Espera resolver o problema com o Bolsa Família.

QUADRO 11 – Entrevista 14 – Céu		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- Ajudava muito, pelo menos pra comprar porque, às vezes, falta tudo - é uma ajuda que chega bem na hora que eu tô mais precisando
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- é uma boa... é uma ajuda muito boa pra mim - é pra ajudar quem precisa mesmo
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- Essas do Bolsa Família é boa... Deve ter regra. Senão, vai todo mundo ir receber
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- ... é bom, vai ser bom pra ela - Ah, eu acho [bom estudar]. Eu até queria voltar... Muito importante... eu queria que eles fosse alguma coisa que eu não pude ser... Ser ao menos uma secretária... Eu queria que eles fosse médico - É muito bom [ir ao posto de saúde]... que quem tem problema tem que se tratar... Então eu acho que o posto é muito importante
Elo 5	Busca cumprir as regras	- E eu converso, converso com ela pra ela não faltar, continuar indo
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- Isso aí, não tive problema nenhum [distância do colégio e do posto, falta de vagas]
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Não [tinha medo], porque tava tudo bem... Não tive medo e acabei perdendo mesmo
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- Por vergonha. Ela diz que os colegas começam a rir dela porque a barriga tá grande, ela tá com três meses, mas tá bem gordinha... ela tá com vergonha
Elo 9	Identifica o prejuízo	- Agora, pra mim, não tá sendo bom porque eu não tô ganhando
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	[não menciona problema com os demais]
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- Ah, eu corri muito atrás porque era o dinheiro que me ajudava
Elo 12	Cobra em casa	- vou tentar convencer ela a voltar estudar de novo - ela tá fazendo o pré-natal direitinho
Elo 13	Pensa no futuro	- Entrei no INSS pelo benefício... eu não tinha mais condições de trabalhar. Botei na Justiça, tá pra sair agora. Não sei quanto eu vou

Nesse último quadro, Céu pode comprar coisas para a família e avalia que o programa é uma ajuda muito boa. Ela conhece as condicionalidades e concorda com a existência de regras. Acredita que o estudo ajuda a ser alguma coisa na vida e que ir ao posto de saúde é muito bom. Procura manter diálogo com os filhos e convencê-los a não faltar aula, mas tem dificuldades de controlar a filha adolescente. Não tinha medo de perder a bolsa, mas vê que perdeu e que isso não é bom para a família. Corre atrás para reverter a situação e tentar convencer a filha adolescente, grávida, a voltar a estudar. Tenta se aposentar.

A partir da análise desses quadros, pode-se identificar que, dos 14 indivíduos entrevistados, oito mantem padrão recorrente no encadeamento dos elos de suas ações – salienta-se que na Entrevista 9, a mãe não sabe exatamente como ocorreu o descumprimento, mas o encadeamento de suas ações está dentro do padrão das demais. O encadeamento identificado é o seguinte:



Em duas entrevistas, os indivíduos relataram que retiraram os filhos do colégio devido a situações de violência. Em um caso, a mãe teme pela integridade física da filha adolescente diante de atos de violência sofridos na escola. No outro caso, a morte trágica de um familiar fez a família mudar-se para a casa de outra parenta, levando os dois filhos pré-adolescentes a faltarem aulas. Os dois casos estão abaixo:

QUADRO 12 – Entrevista 8 – Rosa		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- comprava roupa pra minha guriuzinha menor - pra comprar alimento, pra comprar remédio, roupa - o Bolsa Família ajuda; comprar comida, leite
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- Eu acho legal pra família. É bom. Ajudou um monte quando eu estava pegando - Todo dia certinho, eu recebia - se eu tivesse trabalhando, ganhando bem, eu acho que eu deixaria pra outra pessoa que precisasse, mais pobresinha
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- porque é bom ter as crianças no colégio...
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- pra ser alguém na vida - [estudar] é importante por causa que... Pra arrumar serviço, pra qualquer coisa, tem que ter um estudo - [cuidar da saúde] Porque é bom, porque tem muitos tipo de doença
Elo 5	Busca cumprir as regras	
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- o colégio mais perto é a 20 minutos, então, dia de chuva, é ruim de levar ela... quando tá chovendo muito forte, daí não dá, porque se eu chegar lá no colégio, vou ter que voltar..., porque ela vai tá toda molhada
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Sentia [medo] porque ajudava - Eu não acho porque faz falta pra gente. Eu acho que é um direito que a gente tem, e eu não fico com vergonha
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- eu tirei minha guriazinha mais velha do colégio, porque bateram nela no colégio... - Na hora do recreio, ela saiu pra ir no banheiro e aí pegaram - começaram a ameaçar - daí, cada vez que ela chegava no colégio, ela passava mal, ela vomitava, ela sentia dor de cabeça
Elo 9	Identifica o prejuízo	- agora, eu não posso comprar mais nada - as minhas conta de água, já não pago mais - Porque me fez uma falta agora. Porque os material tudo, eles ganharam de uma amiga minha, porque eu não tinha dinheiro para comprar. Que o Bolsa Família ia comprar. - fiquei mal
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	- mas as outras, as outras não tem nada e vai pro colégio.
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	
Elo 12	Cobra em casa	
Elo 13	Pensa no futuro	

Rosa pode comprar alimento, remédio e roupas para os filhos e avalia que o programa é bom, ajuda muito. Ela conhece as condicionalidades e concorda com a existência de regras. Acredita que o estudo ajuda a ser alguém na vida e que ir ao posto de saúde é bom. Afirma que o colégio é longe e que em dias de chuva é ruim levar os filhos para a aula. Ela acha que o recebimento da bolsa é um direito e tem medo de perdê-la. Precisou tirar a filha da escola por temer pela saúde da adolescente diante de atos de violência e ameaças no colégio. Como não pode mais comprar o que comprava, avalia que o programa

faz falta. Mantém os demais filhos indo ao colégio. Vai ao centro de assistência social para reverter a situação.

QUADRO 13 – Entrevista 12 – Mel		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- comprar material, pra mim comprar um calçado pra eles quando precisa, comprar uma roupa quando eles precisa - pra caderno, pra uma roupa, pra um calçado, pras coisas deles
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- esse dinheiro que vem não é pra mim, é pra eles - Ah, isso aí é uma ajuda, né! Ajuda principalmente pra eles. Eu, na minha opinião, é pra eles - é pra ajudar as pessoas que tem a baixa renda, ajudar pra quem precisa. E tem muita gente que tá no Bolsa Escola, que eu sei, ... que não precisa - esse programa já entrou pras crianças sair da rua. E eu acho que funcionou bastante pra quem tinha, a maioria das crianças que pedia na beira das esquina, em sinaleira... - Ajuda a melhorar sim, principalmente a educação dos filhos - Se fosse um pouquinho mais, seria melhor - as crianças estão sem um calçado, tu tem essa bolsa no teu mês, tu sabe que tu pode comprar um calçado pra eles
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- as crianças tem que frequentar a escola, sem falhar a escola - Da regra de saúde eu to meio por fora. A minha gurria vai fazer 15 e meu guri vai fazer onze... Os meus já não tem mais essa [fase de vacinação] - Eu acho correto sim. Se aquilo ali é uma ajuda pra eles, eles tem que frequentar a escola sim... Porque, se não tiver regras, então não vai ter ninguém que vai querer ir pra escola
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Claro que é [importante estudar]. Faz falta... é bom porque, amanhã ou depois, pode ter um emprego bom. Não precisa tá se matando pra ganhar mixaria... O estudo é fundamental
Elo 5	Busca cumprir as regras	- eu sempre dou a opinião pros meus filhos: "estudam bastante pra vocês ter um futuro pela frente - já tive conversando [com a professora];
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- aqui em casa, a única que tá trabalhando sou eu - as crianças entraram agora na escola... os... dois primeiros dias, parece, que eu não mandei eles pra escola porque não tinha dinheiro nem pra comprar um caderno pra eles, nem pra comprar um lápis - Faltaram aula nos primeiros dias por falta dos material - A minha filha estuda aqui..., que é aqui de frente...Ela vem a pé... Ela vai e vem... - Não, de jeito nenhum [empecilho ir a pé] - tô tendo uma dificuldade... com meu gurizinho... caderno que é bom... esse ano, ele tá terrível - Eles ficam assim: "ah, mãe, todo mundo vai com mochila nova, todo mundo vai com caderno, vai com seus material, e chegar ali sem nada pra poder escrever..."
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- eu tinha medo, sim - É vergonhoso... de repente, tu vai e passa o cartão ali, e a moça fala: "ô, não deu"... tu sai dali toda chateada
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- tive um problema o ano retrasado por cerca de um familiar... deu a frequência de as crianças não poder ir pra escola, porque eu fiquei muito doente [mudou-se para a casa de uma irmã com os filhos] - eu perdi um irmão de uma forma muito grave

		- Um tem dez e a outra tem 14 - eu me mudei também de endereço e de escola - Nem eles quiseram ir [sem o material para a escola] - E ela acabou tendo o acidente dela, que ela perdeu uma perna, a perna esquerda dela
Elo 9	Identifica o prejuízo	- me faz falta - Fiquei desesperada... eu tava até sem a comida dentro de casa
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	[ambos faltaram devido à tragédia familiar]
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- eu ligava... pra pegar informações, eu queria saber por que, só que eles não me davam a resposta certa - Aí, eu passei na Caixa dava via calendário... eu ia no mês certo... Chegava lá, tava cortado. Daí, eu fui no centro social, e tudo - já tô aqui pra poder resolver - eu ligava pra lá também pra lá pra pegar informações
Elo 12	Cobra em casa	[ambos faltaram devido à tragédia familiar]
Elo 13	Pensa no futuro	

Mel pode comprar roupas, calçados e material escolar para os filhos e avalia que é uma ajuda. Ela conhece as condicionalidades e concorda com a existência de regras. Acredita que com estudo se pode arrumar um emprego bom no futuro e procura estimular os filhos a estudar com diálogo. Além disso, mantém contato com os professores. Tinha medo de perder a bolsa, mas diante de uma tragédia familiar precisou se mudar para a casa de uma irmã levando os filhos, os quais acabaram faltando aula. Sentiu falta da bolsa para comprar comida, e resolveu procurar a Caixa Econômica Federal e o centro regional de assistência social para tentar reverter a situação. No entanto, voltou a sofrer uma nova tragédia familiar.

No próximo caso, a titular enfrentou a doença da filha beneficiária e enganou-se com os prazos para levar o atestado médico à escola. Destaca-se que o grau de instrução da entrevistada é quarta série incompleta do ensino fundamental.

QUADRO 14 – Entrevista 5 – Flora		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pra comprar as coisas pra ela, caderno, roupa, um calçado - vou comprar remédio, fruta - comida
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- Eu acho bom pra criança que tá no colégio. É um dinheiro que ajuda - é uma ajuda, é uma assistência - se faltar caderno, essas coisas, eu compro do dinheiro dela
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- Tem regra. Se a criança faltar no colégio, um dia ou dois, eles deixa dois ou três meses sem dar. Porque faltou - tem que levar no médico, tem que pesar, tem que fazer vacina - Ah, pra eles controlar... tem gente que pega a Bolsa Família pra comprar outras coisas, em vez de comprar coisas pras crianças
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de saúde	- Acho importante [estudar]... pra ser alguém na vida - Acho [importante ir ao posto de saúde] - saber ler, saber escrever, ser alguma coisa no futuro
Elo 5	Busca cumprir as	- quando ela baixou o hospital, eu levei [o atestado]

	regras	
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- Nenhuma [dificuldade para cumprir as regras] - Ela consulta mesmo é aqui - o colégio também é perto
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Tinha. [medo]
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	- ela ficou em casa três dias doente. Ai, eu nem tinha levado no médico... não levei atestado nenhum [antes da hospitalização]
Elo 9	Identifica o prejuízo	[não houve referência a prejuízo na entrevista]
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	[a filha é a única beneficiária]
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	- a gurria foi baixada no hospital, e eu levei os atestado, e os professores não botaram na pasta
Elo 12	Cobra em casa	[neste caso, não há necessidade de cobrança dos filhos]
Elo 13	Pensa no futuro	- tô tentando me aposentar

Flora pode comprar comida, roupas, calçados e material escolar para a filha e avalia que o programa é uma ajuda, uma assistência. Ela conhece as condicionalidades e concorda com a existência de regras. Acredita que com estudo se pode ser alguém na vida e que é importante ir ao posto de saúde. Ela levou a justificativa da ausência da filha à escola, mas a tolerância de faltas havia sido ultrapassada porque antes de ser hospitalizada, a filha ficou em repouso em casa. Tenta se aposentar.

A construção da ação social orientada pelo fim permite, para Weber, compreender a ação real, influenciada por irracionalidades de toda a espécie como desvio do desenrolar a ser esperado no caso de um comportamento puramente racional. A ação racional para fins é orientada pelos fins, meios e conseqüências secundárias sob ponderação racional dos meios em relação às conseqüências secundárias e dos diferentes fins possíveis entre si.

Se as entrevistadas, após entrarem no Bolsa Família: observam que a vida da família melhora e avaliam que, por isso, o programa é bom; conhecem as regras do Programa Bolsa Família, concordam com elas, acreditando que é importante estudar e ir ao posto de saúde, e buscam cumpri-las; tem condições irregulares para o cumprimento e sentem medo de perder a bolsa; quando identificam que houve descumprimento, preveem o prejuízo, mantém os outros beneficiários da família cumprindo as condicionalidades e buscam ajuda para reverter a situação; além disso cobram em casa novas ações e pensam em alternativas para o futuro, pode-se dizer que suas ações são racionais para fins.

Esse tipo de ação social é determinada também por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como condições ou meios para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente. A expectativa maior das entrevistadas é de que os filhos frequentem a escola, e elas perseguem esse fim, ao manterem-se atentas às diversas questões que envolvem a vida da família e as regras impostas. No entanto, há interferência de elementos não pertinentes a suas ações individuais, o que é previsto na teoria quando o autor reconhece que tipos ideais não correm na experiência empírica.

Por que não cumpriram? Porque elementos não pertinentes a sua ação – ação dos filhos adolescentes, tragédias familiares, erros de decisão – influenciaram o sentido imaginado para suas ações.

5.3.2 Afeto

A ação social afetiva, especialmente, emocional, é determinada por afetos ou estados emocionais atuais. Apenas no caso abaixo, pode-se caracterizar a atitude da entrevistada como exemplo desse tipo de ação social.

QUADRO 15 – Entrevista 2 – Hortência		
Processo de Ação da Titular do Benefício		
Elos	Ações dos Elos de pensamento	frases das entrevistadas
Elo 1	Observa que a vida da família melhora com o PBF	- pra comprar comida
Elo 2	Avalia que o PBF é bom	- já mudou bastante a vida - um salário a mais - Eu acho que é bom receber. É uma ajuda grande.
Elo 3	Conhece as regras do PBF e concorda	- ah, tem, que, não pode faltar aula - não acho justo isso porque, às vezes, aqui no sul, é muito frio - se meu filho não foi à aula é porque algum motivo ele teve
Elo 4	Acredita que é importante estudar e ir ao posto de	- claro que é [bom estudar] - eu acho importante estudar - a minha filha mais velha... se eu tivesse condições de dar uma

	saúde	faculdade pra ela, ou então pagar um curso técnico, ela não tinha necessidade nenhuma de tá limpando chão - eu acho importante ir ao posto de saúde
Elo 5	Não busca cumprir as regras	- gosto dos meus filhos por perto, então é muito difícil pra mim ter que chamar eles pra ir pra aula, pra um passeio [do colégio] - E as minhas crianças sempre estudaram de manhã, e eu fico com pena deles, e daí, é motivo pra eles faltar - [pena] de mandar eles pra aula porque eu não quero que eles vão, vão levantar, porque tá frio, porque tá chovendo. Eu prefiro deixar eles ali - eu tenho pena de mandar eles levantar de manhã cedo pra botar eles no colégio.
Elo 6	Tem condições irregulares para o cumprimento	- ... é muito frio aqui. - Não. Nada disso. [fala de vaga, de transporte, distâncias longas]
Elo 7	Tem medo de perder a bolsa	- Tenho, tenho medo. - Eu nunca tive vergonha, né. [por perder a bolsa]
Elo 8	Descobre que houve descumprimento	
Elo 9	Identifica o prejuízo	- Então, no momento que não tem ele, aí me faz uma falta muito grande. - me privou bastante - minhas contas, deixei de pagar - ia mandar fazer o óculos da minha menina, não pude - faz uma falta muito grande - um salário a menos
Elo 10	Mantém os outros cumprindo	
Elo 11	Busca ajuda para reverter a situação	
Elo 12	Divide a responsabilidade com os filhos	- meu filho me pediu pra comprar uma coisa e eu disse que não tinha dinheiro porque ele faltou a aula porque eu estava com pena dele
Elo 13	Pensa no futuro	

Hortência pode comprar comida e avalia que o programa é um salário a mais em casa, uma ajuda grande. Ela conhece as condicionalidades, mas não as acha justas porque faz muito frio no inverno para mandar os filhos para o colégio, e ela tem pena de acordá-los cedo da manhã. Diz que tem medo de perder a bolsa, mas que não tem vergonha disso, admitindo que a bolsa faz uma falta grande. Quando um dos filhos pede dinheiro para comprar algo, ela diz que não tem dinheiro porque perdeu a bolsa por ele ter faltado aula porque ela teve pena e não os mandou para a escola.

A pena de acordar os filhos cedo e mandá-los para a escola com frio e chuva faz a mãe agir no sentido do não cumprimento da condicionalidade e da perda da bolsa, o que caracteriza sua atitude como uma ação social afetiva.

5.3.3 Legitimidade

A legitimidade de Weber é aquela cujo conteúdo de sentido é incorporado pelos agentes como uma regra orientadora da sua conduta na medida em que é aceito como

legítimo. A explicação das ações sociais das entrevistadas pode levar à compreensão de que as titulares do benefício incorporaram o conteúdo de sentido legítimo da ordem, a importância de estudar e cuidar da saúde.

Uma das formas de determinação da ordem é a do direito, quando ela está garantida externamente pela probabilidade da coação, física ou psíquica, exercida por determinado quadro de pessoas cuja função específica consiste em forçar a observação dessa ordem. Essa seria claramente a forma de determinação da ordem no Bolsa Família, a probabilidade da coação é física – o corte da renda –, mas também é psíquica, como pode-se compreender das falas onde as entrevistadas falam em medo, vergonha e cobrança.

Entre outras formas, a legitimidade pode ser garantida pela situação de interesses: é do interesse das titulares do benefício reconhecer a legitimidade das condicionalidades – a ordem – porque precisam continuar recebendo o recurso monetário mensal.

5.4 A conduta das entrevistadas: escolha racional?

Pela perspectiva de análise da Teoria da Escolha Racional, pode-se examinar outro aspecto das condutas dos indivíduos estudados nesta pesquisa. Essa teoria busca compreender e explicar o que faz o indivíduo tomar decisões e agir racionalmente ou não.

Adotando-se a ideia de que um ato racional é um ato que foi escolhido porque está entre os melhores disponíveis para o agente, dadas as suas crenças e os seus desejos, e que a racionalidade requer que crenças, desejos e ações se relacionem, pode-se afirmar que as condutas dos indivíduos entrevistados, diante das regras impostas para que se mantenham recebendo a bolsa do programa, compreendidas a partir da análise do

conteúdo de suas falas, nos moldes do item 5.3 deste capítulo, podem ser consideradas atos racionais.

Na medida em que elas acreditam que é bom receber o benefício do Programa Bolsa Família; de que acreditam nas regras e na importância de estudar e cuidar da saúde; que desejam continuar recebendo o benefício; e empreendem os esforços que estão ao seu alcance para continuarem incluídas no programa; pode-se afirmar que suas condutas são racionais.

No entanto, suas condutas podem ser compreendidas como de racionalidade limitada, que é aquela onde o agente não busca o ótimo global em seu conjunto de resultados factíveis. Ele tende a fixar-se na taxa mínima de vantagem e adota um curso de ação que satisfaça esse mínimo esperado.

A taxa mínima de vantagem das titulares poderia ser, por exemplo, a confiança em que seus filhos estejam frequentando a escola e, muitas vezes, só irem averiguar isso depois da advertência ou da suspensão da bolsa. Poderia ser também a tentativa de evitar o custo dessa averiguação: ir à escola custará uma jornada a menos de trabalho na reciclagem, ou um carrinho de coleta de lixo reciclável parado, ou duas passagens de ônibus, por exemplo.

O fracasso também é reconhecido nesta teoria como tema recorrente na vida diária dos indivíduos, mas esse fracasso não implica falta de racionalidade. Pode-se errar por auto-engano, por agir pelo subjetivo, por confiar nos filhos, citando-se o exemplo anterior.

Deve-se considerar ainda o que dizem FERREJOHN *et al* (2001): “[...] as escolhas feitas pelos agentes devem ser explicadas em termos da variabilidade dos constrangimentos materiais enfrentados por eles”. Além disso, na Escolha Racional

reconhece-se que as intenções podem não se realizar porque são inerentemente irrealizáveis.

É plenamente realizável uma mãe manter a frequência escolar de seus filhos adolescentes em 75% diante de elementos da realidade material dessas famílias, como a violência na escola ou o frio e a chuva e a falta de roupas e calçados adequados para ir a pé, por exemplo?

Para finalizar, pergunta-se novamente: por que não cumprem? Porque o não cumprimento tem origens em situações que não estão contidas nos desejos, crenças e condutas individuais das entrevistadas, de acordo com a Teoria da Escolha Racional.

5.5 O programa e a questão de gênero

Diante da forma como são conduzidos o CadÚnico e o Bolsa Família e diante das estatísticas, a questão de gênero não pode ser ignorada quando se trata do programa. Esse tema não é o foco desta pesquisa, mas é válido apresentar algumas informações coletadas durante o trabalho.

Ao Cadastro Básico Social do Governo, oito das 14 titulares entrevistadas se declararam solteiras, viúvas ou divorciadas – na época das entrevistas, suas idades variavam entre 26 e 56 anos. Nove se declararam autônomas sem previdência social, quatro, analfabetas, e as demais, com ensino fundamental incompleto. Metade delas disse que era branca, sendo que todas as demais, negras e pardas.

Sós, com baixo ou nulo grau de instrução e renda miserável oriunda de trabalhos precários, elas são responsáveis por um número de pessoas que varia de três a 12 dentro de suas casas. Os dados das titulares estão sistematizados na Tabela 10 abaixo:

TABELA 10 – Dados do cadastro pessoal das entrevistadas						
Entrevista/ Codinome	Idade	Raça/Cor	Grau de Instrução	Estado Civil	Situação no Mercado de Trabalho	Pessoas na Casa
1/Graça	45	Branca	Analfabeta	Casada	Autônomo sem previdência social	9
2/Hortência	46	Branca	5ª a 8ª série incompleta*	Casada	Autônomo sem previdência social	12
3/Flor	50	Branca	Até a 4ª série incompleta*	Solteira	Autônomo sem previdência social	6
4/Paz	38	Negra	5ª a 8ª série incompleta*	Casada	Autônomo sem previdência social	7
5/Flora	52	Negra	Até a 4ª série incompleta*	Solteira	Autônomo sem previdência social	3
6/Vitória	48	Branca	Até a 4ª série incompleta*	Solteira	Autônomo sem previdência social	4
7/Margarida	56	Parda	Analfabeta	Viúva	Não trabalha	8
8/Rosa	33	Não Informou	Analfabeta	Solteira	Não trabalha	4
9/Violeta	26	Parda	5ª a 8ª série incompleta*	Solteira	Não trabalha	5
10/Glória	47	Branca	5ª a 8ª série incompleta*	Divorciada	Não trabalha	3
11/Esmeralda	31	Negra	5ª a 8ª série incompleta*	Solteira	Autônomo sem previdência social	6
12/Mel	40	Branca	Até a 4ª série incompleta*	Solteira	Autônomo sem previdência social	5
13/Sol	34	Parda	Analfabeta	Solteira	Autônomo sem previdência social	7
14/Céu	42	Branca	5ª a 8ª série incompleta*	Casada	Não trabalha	5

Fonte: Cadastro Básico Social do Governo/Fase
* do ensino fundamental

Em nenhuma das entrevistas, mesmo entre as das casadas, aparece citação de que algum companheiro as ajuda com a orientação e os cuidados com os demais integrantes da família. No entanto, as reclamações acerca da responsabilidade que tem por toda a família são exceções:

“Eu sou só, eu pra tudo, marido é só pra trabalhar, ele não tem hora pra chegar e tomar a rédea de ir pra um hospital, ir pra um juiz, ir pra um conselho tutelar, não, isso aí não faz, quem faz tudo sou eu, eu sozinha, na luta com as crianças, eu to sozinha [...]”
(GRAÇA:3)

Diante disso, é necessário admitir que os resultados desta pesquisa estarão marcados pelas matizes da visão de mundo feminina, especialmente, do mundo onde essas mulheres vivem. Deixa-se, aqui, a sugestão de que outros estudos sejam realizados a partir da ótica de gênero dos beneficiários legais do Programa Bolsa Família.

6 Conclusão

Nesta dissertação, tratou-se de pesquisar uma questão sobre o Programa Bolsa Família que, apesar de relevante, é pouco estudada. Buscou-se compreender e explicar o seguinte: por que as famílias não cumprem as condicionalidades?

Foram realizadas 26 entrevistas semi-estruturadas com titulares do benefício do programa em todos os centros regionais de assistência social da Prefeitura de Porto Alegre. Em um reflexo das estatísticas e da gestão do CadÚnico, todos os titulares, abordados aleatoriamente, foram mulheres. De todas as entrevistadas, 14 atendiam à necessidade da pesquisa de chefiarem famílias em descumprimento de condicionalidades.

Apesar do não cumprimento das condicionalidades ser contabilizado pelo programa como de toda a família, foram analisados os conteúdos das falas das titulares legais porque, apesar de serem falas de um indivíduo, estão relacionadas a atitudes de toda a família, de uns integrantes em relação aos outros e da família em relação ao programa.

Após a transcrição do material, passou-se a análise de seu conteúdo. Essa análise, temática e sequencial, buscou explicar e compreender elementos intrínsecos à ideologia, à ação social e à conduta de grupos ou indivíduos que não obedecem às regras impostas. Três paradigmas teóricos nortearam, assim, a análise.

Foi adotada a perspectiva coletiva marxista de Antonio Gramsci, a individual de Max Weber e a da Escolha Racional, como desdobramento da corrente individual, a partir, especialmente, de Jon Elster. Essa categorização das teorias como coletivistas e individualistas foi adotada a partir da parte de sociologia das aulas da disciplina Paradigmas em Ciências Sociais, do Ceppac, ministrada pela professora Fernanda Sobral.

Na escolha de paradigmas teóricos talvez incompatíveis, buscou-se ampliar as alternativas de elaboração de conhecimento sobre o tema estudado, mesmo reconhecendo-se que isso é incomum nas Ciências Sociais. Partiu-se da noção de que há respostas para perguntas de pesquisa social na análise das falas de indivíduos, independente do paradigma adotado, e decidiu-se assumir o risco do exercício dos contrastes.

É importante destacar alguns contrastes existentes entre essas teorias e pertinentes ao tema desta pesquisa e que impediriam sua utilização na mesma análise. O primeiro paradigma, o coletivista de Gramsci, tem a ideologia como objeto de análise, enquanto Weber estuda a ação social, e a Escolha Racional, a conduta individual.

Para Gramsci, a consciência do homem é resultado da relação social, sendo, dessa forma, a própria relação social. Weber diz que não se pode investigar o nível de consciência do indivíduo. Incansável em sua preocupação com o método, Weber enfatiza que estudar a consciência do indivíduo não é uma tarefa do cientista social.

Considerando-se essas diferenças, foram feitas duas análises dos textos das entrevistas: uma a partir das dimensões analíticas gramscinianas e outra a partir das dimensões analíticas weberianas e da Escolha Racional.

Em uma análise inicial, a partir das respostas das entrevistadas à pergunta “Por que sua família descumpriu a condicionalidade”, pode-se observar que a maioria delas relatou dificuldades com o controle dos filhos, especialmente, dos adolescentes. Houve ainda relatos de problemas de violência na escola, tragédia familiar, e falta de informação adequada na condução de procedimentos burocráticos.

Não houve relato de dificuldade importante para cumprir as condicionalidades devido à deficiência de serviços públicos, como falta de vagas na escola, falta de escola próxima de casa ou falta de atendimento no posto de saúde.

Sob a ótica gramsciniana, a dúvida que se sobressai é a seguinte: por que algumas famílias não cumprem as regras do programa, criado pelo Estado, e correm o risco de sofrer a sanção, o cancelamento do benefício? Deve-se salientar que a sanção é a materialização da coerção. Eles não foram atingidos pela perspectiva hegemônica? Ocorreu ausência de referencial de coerção partida do Estado? Há consenso sobre as regras?

A partir da análise das respostas das entrevistadas na perspectiva das dimensões analíticas gramscinianas, observou-se que há consciência e consenso sobre as regras existentes e que há identificação clara da possibilidade de sanção, inclusive com a manifestação de sentimentos de medo, culpa e vergonha.

Por que ainda assim ocorreu o descumprimento da condicionalidade? Porque as situações vividas ultrapassam a ideologia das entrevistadas. Elas concordam com a forma como o programa é desenvolvido, mas não conseguem, principalmente, controlar os filhos adolescentes. Aqui, colocam-se novas perguntas de pesquisa: a hegemonia não atinge os jovens das classes subalternas? Eles não reconhecem o consenso? Não tem consciência da coerção?

Retoma-se, neste ponto, as discussões sobre a concepção do programa de transferência condicionada de renda. A partir das entrevistas analisadas, identificou-se que a preocupação dessas mulheres com que seus dependentes estudem e venham a “ser alguém na vida” e de cuidar da saúde deles é anterior ao programa e suas condições – a coerção. Assim, há necessidade de condicionar-se a transferência de renda a essas famílias à frequência escolar e aos cuidados com a saúde?

Essa questão indica a necessidade de mais pesquisas sobre o foco e a abrangência efetiva dos programas sociais e se há conhecimento suficiente por parte do Estado sobre a realidade da população a ser contemplada pela política social. Também seria interessante pesquisar historicamente os filhos das beneficiárias para verificar quais os possíveis efeitos causados em termos de valores nessas crianças que crescem sob a idéia de que a educação é um bem monetário, de que só se estuda com bolsa.

Paralelamente à análise com as dimensões teóricas coletivistas de Gramsci, utilizou-se a ferramenta weberiana de reconstrução dos nexos entre os elos do processo de ação social de um indivíduo para identificar o sentido dessa ação dele.

Identificou-se o seguinte processo de ação social: após entrarem no Bolsa Família, as entrevistadas observaram que a vida da família melhorou e avaliaram que, por isso, o programa era bom; conheciam as regras do Programa Bolsa Família, concordavam com elas, acreditavam que é importante estudar e ir ao posto de saúde, e buscaram cumpri-las; tinham condições irregulares para o cumprimento das exigências e sentiam medo de perder a bolsa; quando identificaram que houve descumprimento, previram o prejuízo, mantiveram os outros beneficiários da família cumprindo as condicionalidades e buscaram ajuda para reverter a situação; além disso, cobraram em casa novas ações e pensam em alternativas para o futuro.

Qual foi o sentido de suas ações e que fins queriam alcançar? O sentido foi de cumprir as regras do programa, ter os filhos estudando e sob cuidados básicos de saúde e de garantir o recebimento mensal do recurso monetário. Com a identificação desse encadeamento de elos e desse sentido, afirma-se que as ações dos indivíduos entrevistados foram racionais para fins.

Esse tipo de ação social, no entanto, é determinada também por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como condições ou meios para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente.

A expectativa maior das entrevistadas era de que os filhos frequentassem a escola, e elas perseguiram esse fim ao se manterem atentas às diversas questões que envolvem a vida da família e as regras impostas. No entanto, houve interferência de elementos não pertinentes a suas ações individuais, o que é previsto na teoria quando o autor reconhece que tipos ideais não ocorrem na experiência empírica.

Assim, por que não cumpriram? Sob a perspectiva weberiana, porque elementos não pertinentes a sua ação – ação dos filhos adolescentes, tragédias familiares, erros de decisão – influenciaram o sentido imaginado para suas ações. Em certa medida, independentemente das teorias abordadas, as entrevistadas indicaram que não descumpriram, necessariamente, mas foram levadas a descumprir.

Ainda sob a ótica das dimensões weberianas: a legitimidade das condicionalidades não foi incorporada pelos beneficiários? Uma das formas de determinação da ordem é a do direito, quando ela está garantida externamente pela probabilidade da coação, física ou psíquica, exercida por determinado quadro de pessoas cuja função específica consiste em forçar a observação dessa ordem. Essa seria

claramente a forma de determinação da ordem no Bolsa Família, a probabilidade da coação é física – o corte da renda –, mas também é psíquica, como pode-se compreender das falas onde as entrevistadas falam em medo, vergonha e cobrança.

Entre outras formas, a legitimidade pode ser garantida pela situação de interesses: é do interesse das titulares do benefício reconhecer a legitimidade das condicionalidades – a ordem – e elas reconhecem, porque precisam continuar recebendo o recurso monetário mensal.

Por fim, pela ótica da Escolha Racional e utilizando-se a reconstrução do processo de ação das entrevistadas, conclui-se que, na medida em que elas acreditam que é bom receber o benefício do Programa Bolsa Família; de que acreditam nas regras e na importância de estudar e cuidar da saúde; que desejam continuar recebendo o benefício; e empreendem os esforços que estão ao seu alcance para continuarem incluídas no programa; pode-se afirmar que suas condutas são racionais.

No entanto, suas condutas são compreendidas como de racionalidade limitada, que é aquela onde o agente não busca o ótimo global em seu conjunto de resultados factíveis. Ele tende a fixar-se na taxa mínima de vantagem e adota um curso de ação que satisfaça a esse mínimo esperado.

A taxa mínima de vantagem das titulares poderia ser, por exemplo, a confiança em que seus filhos estejam frequentando a escola e, muitas vezes, só irem averiguar isso depois da advertência ou da suspensão da bolsa. Poderia ser também a tentativa de evitar o custo dessa averiguação: ir à escola custará uma jornada a menos de trabalho na reciclagem, ou um carrinho de coleta de lixo reciclável parado, ou duas passagens de ônibus, por exemplo.

O fracasso também é reconhecido nesta teoria como tema recorrente na vida diária dos indivíduos, mas esse fracasso não implica falta de racionalidade. Pode-se errar por auto-engano, por agir pelo subjetivo, por confiar nos filhos, citando-se o exemplo anterior.

Pode-se fracassar ainda porque o que se pretendia não é realizável. É plenamente realizável uma mãe manter a frequência escolar de seus filhos adolescentes em 75% diante de elementos da realidade material dessas famílias, como a violência na escola ou o frio e a chuva e a falta de roupas e calçados adequados para ir a pé, por exemplo?

A pergunta básica desta dissertação foi respondida, considerando-se a análise das entrevistas feitas a titulares do benefício residentes em Porto Alegre. A partir dos pontos de vista coletivista gramsciano, da ação individual weberiana e da Escolha Racional, o não cumprimento tem origens em situações que não estão contidas na ideologia, nos desejos, crenças e condutas individuais das entrevistadas.

Observou-se, neste estudo, que o principal motivo de não cumprimento das condicionalidades entre as famílias entrevistadas foi a falta de controle dos filhos adolescentes. Sugere-se, assim, que novas pesquisas sejam realizadas tendo os adolescentes como indivíduos estudados. Além de outras pesquisas com mães de outras regiões brasileiras com vistas a cotejar os resultados encontrados nas entrevistas feitas em Porto Alegre.

7 Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 7. ed. Portugal: 2008
- CERVO, A. L., BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- COHN, Gabriel. *Weber*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- ELSTER, Jon. A possibilidade da política racional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v. 14, n. 39, fev. 1999.
- _____. *Ulises y las sirenas: estudios sobre a racionalidad e irracionalidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- FEREJOHN, J. *et al.* A Teoria da Escolha Racional na Ciência Política: conceitos de racionalidade em teoria política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v. 16, n. 45, fev. 2001.
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para Normatização de Publicações Técnico-Científicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Antonio Gramsci – cadernos do cárcere*. Org. Carlos Nelson Coutinho. V. 3., 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *Antonio Gramsci – escritos políticos*. Org. Carlos Nelson Coutinho. V. 1, 1910-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- _____. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Trad. Luiz Mário Gazzaneo. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.
- IBASE. Repercussões do Programa Bolsa Família na segurança alimentar e nutricional: relatório síntese. Rio de Janeiro: IBASE, 2008.
- INTERNACIONAL POVERTY CENTER. Cash Transfers – Lessons from Africa and Latin America. *Poverty in Focus*. Brasília, n. 15, aug. 2008.

IVO, Anete B. L. Georg Simmel e a “sociologia da pobreza”. *Caderno CRH*. Salvador: v. 21, n. 52, jan./abr. 2008.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Desigualdade e Pobreza: lições de Sen. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v. 15, n. 42, fev. 2000.

MACCIOCCI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. Trad. Angelina Peralva. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 180.

MDS. Relatório de Condicionalidades – 1º semestre de 2009. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

MONNERAT, G. L. *et al.* Do direito incondicional à condicionalidade do direito: as contrapartidas do Programa Bolsa Família. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: v. 6, p. 1463-1452, 2007.

MORAES, L. F. R. *et al.* O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*. Curitiba: v. 7, n. 2, abr./jun. 2003.

RANINCHESKI, S. M. *Reforma do Estado no Governo Collares: um governo de centro-esquerda em um ambiente neoliberal*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: 1998.

RAUPP, H. C. (coord). *A Gestão da Informação e a Assistência Social no Município de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2008.

SENNA, Mônica de Castro Maia *et al.* Programa Bolsa Família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira? *Revista Katál*. Florianópolis: v. 10, n. 1, p. 86-94, jan./jun. 2007.

SILVA, MOS. O Bolsa Família: problematizando questões centrais na política de transferência de renda no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: v. 6. p. 1429-1439, 2007.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Trad. Regis Barbosa *et al.* 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. v. 1.

ZIMMERMANN, Clóvis Roberto. Os programas sociais sob a ótica dos direitos humanos: o caso do Bolsa Família do governo Lula no Brasil. *Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos*. São Paulo: v. 3, n. 4, jun. 2006.

Sites visitados

Confederação Nacional de Municípios (CNM), disponível no endereço eletrônico:
<http://www.cnm.org.br/irfs/padrao.asp>, último acesso em 15/02/2010.

Decreto Nº 5.209 de 17 de setembro de 2004, disponível no endereço eletrônico:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5209.htm,
último acesso em 11/01/2010.

Decreto Nº 6.917, de 30 de julho de 2009, disponível no endereço eletrônico:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6917.htm,
último acesso em 08/01/2010.

Lei Nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, disponível no endereço eletrônico:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.836.htm,
último acesso em 11/01/2010.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, disponível no endereço eletrônico:
<http://www.mds.gov.br/>, último acesso em 08/01/2010.

Portaria GM/MDS Nº 321, de 29 de setembro de 2008, disponível no endereço eletrônico:
http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/menu_superior/legislacao_e_instrucoes/portarias-1/, último acesso em 12/01/2010.

Portaria Interministerial Nº 2, de 16 de setembro de 2009, disponível no endereço eletrônico:
http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/menu_superior/legislacao_e_instrucoes/portarias-1/, último acesso em 31/01/2010.

Prefeitura de Porto Alegre, disponível no endereço eletrônico:
<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>, último acesso em 15/02/2010.

Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, disponível no endereço eletrônico:
<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp>; último acesso em 12/02/2010.

Sistema Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), disponível no endereço eletrônico:
<http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CE9229431C90122A3B25FA534A2.htm>, último acesso em 15/02/2010.

The Millennium Development Goals, Report 2009. UN. New York, 2009, disponível no endereço eletrônico:
http://mdgs.un.org/unsd/mdg/Resources/Static/Products/Progress2009/MDG_Report_2009_En.pdf, último acesso em 08/01/2010.

8 Anexos

Anexo 1 – Entrevistas com Titulares Legais do Benefício do Programa Bolsa Família - Íntegra

Entrevista 1

Codinome⁸: Graça

Dia: 14 de abril de 2009

Região: Nordeste

Eu queria saber o que tu pensas sobre o programa Bolsa Família?

A Bolsa Família foi o maior reforço da minha vida. Que com a Bolsa Família eu comprava roupa pras crianças, o alimento pras crianças, nunca faltou nada perante a Bolsa Família. Assim, ter uma passagem... A Bolsa Família defendia muito. Antes, como era 95, e agora mesmo defendia mais ainda, que antes eu não recebia programa nenhum; o único programa que eu recebia era a Bolsa Família. Aí, depois, como eles me cortaram, aí eu to, to mal, que o único braço direito que eu tinha era o Bolsa Família.

Pra que ele serve, o programa, na tua opinião?

Na minha opinião, serve muito, porque eu to desempregada. Meu marido trabalha na reciclagem. Ganha muito pouco, ele ganha pro que ele faz lá dentro, conforme o negócio que ele faz lá dentro, ele recebe. Mas não chega a receber um salário. Que nem esse mês agora, ele recebeu cento e pouco. Pra quem tá cheio de conta, como eu sempre vivo, não dá nem pra nada. Aí, a Bolsa Família ajuda muito. Ajuda nas coisas do

⁸ Nas transcrições e na análise de conteúdo das entrevistas, os nomes das titulares legais foram substituídos por codinomes para garantir o anonimato dos indivíduos. Isso também foi feito em alguns trechos onde os nomes de filhos e netos são citados.

colégio, no alimento dentro de casa, ajuda pra fazer um pulo no hospital, ajuda pra tudo. A Bolsa Família apareceu na minha vida pra ajudar tudo. Mudou tudo, defendeu tudo.

E tu conhece como ele funciona?

Conheço. A pesagem das crianças tem que tá em dia, a vacina tem que tá em dia, a consulta tem que tá em dia, e as crianças no colégio, corretas no colégio. Como o João, o José e o Manoel, são os que nunca falha o colégio, nem com chuva nem com vento nem com temporal. Se eles falhar o colégio, é porque tão doente; mas, mesmo assim, eu vou no colégio e aviso as gurias. Mas, mesmo assim, eles não falha o colégio, só essa minha gurua que começou a falhar, e de outubro pra cá eles cortaram a bolsa. Aí, deixou os irmão revoltado, como o João. Tem 11 anos, eles tão revoltados, que todo mês, dia 18, eu recebia. Comprava um tênis pra ele, comprava material pro colégio, comprava uma coisa ou outra pra ele ir pro colégio, faceirinho, merenda deles levar, como agora que ele tá no timezinho do Grêmio, ele quer uma bolsa do Grêmio e a roupa todinha do Grêmio, só o [...] do Grêmio e aquela merendeira pra levar as coisas pro Grêmio, e como ele não recebe mais, só no dia que chega, dia 18, ele não recebe mais, ele ficou revoltado. De uns tempos pra cá, ele tá bem revoltado sobre a Bolsa Família, que, desde outubro pra cá, nunca mais recebi. A Bolsa Família ajuda muito, ainda mais eu que não...

Tu acha que esse programa pode melhorar a vida da sua família, dos seus filhos?

Melhora, melhora muito.

E com relação ao futuro, tu achas que pode melhorar também? Por quê?

Porque o futuro... Eu vi que o futuro tinha ali, que a Bolsa Família, toda hora tava dando no rádio, que era pra, depois que acabava o período da criança, que ia ter, como se diz, um curso pra família fazer. Eu sou analfabeta, meu marido também, mas eu preciso

trabalhar, que não é toda vida que o governo manda pra gente. Eu reconheço isso aí. Eu queria trabalhar, meu sonho é trabalhar, antes de morrer, eu quero trabalhar. Mas é que assim é uma ladainha: meus guri pequeno, são cinco guri pequeno que eu tenho, são sempre chamado aqui no Cevi, quando não era chamado aqui no Cevi, era no colégio, no hospital, tem que levar, fazer exame, fazer isso, fazer aquilo, ou o juiz tá chamando, ou o conselho tá chamando... Eu sou só, eu pra tudo, marido é só pra trabalhar, ele não tem hora pra chegar e tomar a rédea de ir pra um hospital, ir pra um juiz, ir pra um conselho tutelar, não, isso aí não faz, quem faz tudo sou eu, eu sozinha, na luta com as crianças eu to sozinha, por isso que eu acho que a Bolsa Família foi um agrado muito grande na minha vida, como agora o Peti tá fazendo. O Peti tá fazendo também. Olha, eu já consegui comprar um tanquezinho pra mim lavar minha roupa, a roupa do meu filho, consegui arrumar meu banheiro, eu que o sonho meu é comprar uma casa mais grande pros meus filhos, uma casa pra montar num terreno próprio, pra eles mesmo ter o terreno deles pra quando eu morrer, não fica pra mim, mas fica pra eles, em relação a tudo eu queria ter. É realização. Vou conseguir, vou chegar lá e vou conseguir, assim como eu consegui meus filhos tá no timezinho do Grêmio. Tá até aqui no papelsinho que o rapaz me deu, ó.

E a senhora tem dificuldade pra cumprir essas regras? Quais são as maiores dificuldades pra cumprir as regras do programa?

A única dificuldade, que eu não sei se eu já disse, é que eles não dão por horário, é aquela palestra do posto, que eles não dão por escrito pra gente, sabe? Que quando eles dão, assim, no papelzinho, “hoje tu tem que ir, amanhã, dia 30, tu tem ir se apresentar lá no posto pra fazer a entrevista pra assistente social”, pra menina lá do posto, aí, tudo marcadinho, entra na minha cabeça e faço correto as coisas. Mas aqui no Cevi, eles me chamaram, eu vim, deixei a roupa pra lavar, vim, e se me chama agora pra uma consulta

pra esses guri aqui, e amanhã tem que fazer um exame lá perto da Ipiranga, lá, já vim aqui, peguei e fichinha, amanhã vou levar ele, depois, dia 24, tenho que levar meus dois guri na consulta e eu vou.

E a senhora acha importante ir ao posto de saúde?

O posto de saúde e aqui o Cevi são uma maravilha pras crianças. Eu não tenho queixa nenhuma, nem do posto nem do colégio também, porque ali eles tão procurando um futuro, já que o pai e a mãe não têm.

E a senhora acha importante estudar?

Eu acho importante estudar. Porque estudar... Sabe muita coisa da vida. Sai do mal do caminho. Que o caminho o mal ensina. Eu não fui criada com mãe e com pai. Eu não tenho ninguém pra mim, mas, os meus filhos, eu não quero que eles sejam que nem eu. Eu nunca me atirei na droga, não fumo cigarro, não bebo, não faço nada, sou como Deus me botou no mundo. Só fim de ano, que às vezes eu ando muito atacada, atacada mesmo, na última aí eu vou pra casa de uma vizinha pra desabafar um pouco, aí, eu não digo que eu não bebo, só no final do ano. Mas não bebo muito, de cair assim... De me torná incomodação pros vizinhos.

E o que tu acha importante pras crianças aprenderem em casa?

Aprender em casa?

O que é importante ensinar pra eles em casa?

Aprender em casa é assim: querer... Ser... Aprender a ser alguém na vida, ter bom estudo, ensinar as coisas que eu não sei... Assim: “ó, mãe, a senhora não sabe o seu nome, bota o caderno aí que eu vou lhe ensinar a senhora”, fazer as lidas do meu pai, que ele não pode fazer mais, eu faço em casa, aqui do Cevi vão sair com curso, como já saíram. Uma saiu com o curso do, daquele ... Todos eles que passaram aqui pelo Cevi

tinha cada um seu curso, só que nem todos tem a cabeça no lugar pra fazer o curso que eles mandam aqui no Cevi. Aí, esses meus pequeno tem o curso do Grêmio, tão fazendo correto. Agora, esse aqui não quis, esse pequeno meu não quis o curso do Grêmio, porque ele quer um curso que dá dinheiro pra ajudar a família. O pensamento deles é “não quero curso que não paga”. Eles querem um curso que... Daquele tamanho eles quer trabalhar pra ajudar a mãe em casa. Principalmente, este de onze anos... Querem ser dependente da mãe e do pai. Eles querem que é... Mãe... Eles querem dar pra mãe, não querem tirar da mãe, dar pra mãe. Principalmente, o João, principalmente o Manoel. O Manoel era pra tá no time do Grêmio, mas não quis. “Não, não tem, bem assim”. Queria que nós fizesse... “Ah, mãe, eu quero, eu queria uma renda. Não tendo uma renda, não vou”. Bem assim o Manoel diz. Ele tem nove anos. “Eu quero uma renda, porque, se não tiver uma renda, eu não vou”. Vocês já vão ganhar a Bolsa Família. “Não. Eu quero uma renda pra chegar em casa e dar pra senhora tudinho o dinheiro”.

Qual a senhora acha que é a melhor renda? A senhora gostaria de ter renda de onde?

Ah, a renda, a renda... Não dá nem pra fazer pergunta: trabalhar, né? Pra ter um agito [...] arrumar uma máquina de reciclagem, sabe aquela máquina, fazer que nem você cria, faz dentro de casa mesmo, faz fralda ou... Já que eu não posso trabalhar fora, eu queria fazer um invento dentro de casa mesmo. Levar uma máquina pra dentro de casa, fazer uma fralda, tem uma máquina ligada na luz, fazer uma reciclagem só pra ter um dinheiro pra ajudar mais a família... Realizar uma coisa que eu nunca tive na minha vida. Por parte de mãe e de pai, eu não tive. E eu quero dar o melhor pros meus filhos, não quero deixar eles mal aqui na terra.

E o que a senhora acha importante pra eles aprenderem no colégio?

Aprender?

O que eles deveriam aprender no colégio?

Aprender tudo. A matemática, as profissão, aprender tudo que conseguir nesse mundo, aprender tudo. Tudo. Não deixar passar nada. Porque... Eu tive oportunidade, mas eu joguei fora, eu e meu marido. Vai namorar, mas não saber nada da vida, né? Queremos começar a vida mais novo, não demo bola pra coisa que passou na nossa frente. O que deu agora? Nós dois somos analfabeto, nem eu tenho serviço nem ele... Ele tá num serviço, mas não é de carteira assinada.

E o que significa a bolsa pra vocês nessa realidade? A Bolsa Família.

A Bolsa Família ajuda muito. A Bolsa Família, quando ele tava desempregado, ela sustentava em casa. A Bolsa Família sustentava a casa antes, quando meu marido tava desempregado, e eu também to desempregada. A Bolsa Família era um sustento pras crianças, com material, com colégio, com tudo, né? A Bolsa Família foi sensacional.

E tu tinha medo de perder a bolsa?

Tinha. Cheguei chorar no dia que eu perdi a bolsa. Pensei: bah, o sustento das crianças foi por água a baixo. Cheguei no meu marido e falei: “bah, por que a única coisa que as criança tinha, o governo tirou?”.

E a senhora ficou com raiva de alguém?

Não, eu só entreguei na mão de Deus. Um dia ou outro, eles vão entender o que se passou. Aí, meu marido chegou do serviço, que ele ligou pra uma colega dele, “mas, Graça, por que eles tiraram a Bolsa Família, se os guri pequeno tão correto no colégio?”. A guria não tá correta no colégio, eles afasta a guria do colégio, aquela que não vai correta no colégio, e deixa aqueles que tão correto. Aí eu disse assim: “ah, mas eu já falei pro rapaz, já falei, mas parece que não entra na cabeça dele”. Meu marido falou: “deixa que uma hora eu vou lá, mato uma jornada e vou conversar com eles”.

Mas é hoje, é amanhã e ele nunca vinha, aí hoje eu peguei “vou lá no Cevi e vou conversar com o rapaz”. Aí, agora, não precisou. Ele chegou lá na sala onde é que eu tava e “ah, dona Graça, eu quero conversar com a senhora”. E tem das outras gurias também, que fez a inscrição da Bolsa Família, mas não veio nada ainda no nome delas. A minha guria, a Michele, [...] tá no [...], também tá correta no colégio, e hoje eles tão conversando que tem que seguir em frente com as crianças, tem que seguir em frente.

E o que é que a senhora...

Até essa semana, minha guria pegou, foi no posto, pesar a guriuzinha dela, que tem problema no pezinho, aí a moça falou “você tem que pesar as crianças. O mês tá chegando, da Bolsa Família, já tá vencendo o mês pra chegar o dinheiro e nada de vocês pesar as crianças”. Aí eu peguei e disse “não, eu não to recebendo mais, desde outubro de 2008 não to recebendo mais”. “Mas vai lá onde tu fez a inscrição, conversa direitinho com o rapaz e manda ele deixar aqueles que são correto e tirar aqueles que não são correto”. Eles sabe. Vou fazer tudo de novo. O rapaz já tinha feito. Já fez tudo no papel, já mandou lá pra Brasília, agora tem que esperar de lá, né?

E a senhora teve alguma vergonha ou alguma culpa quando aconteceu de não cumprir a condicionalidade e perder a bolsa?

Não, eu não fiquei com culpa nenhuma, porque não foi da minha parte nem dos pequenos nem da minha parte, foi da parte da guria mesmo. Eu mandava ela pro colégio, eu pensava que ela ia pro colégio, mas ela não ia pro colégio, só entrava no colégio e almoçava e saía fora. Um dia eu desconfiei “ué, mas como que essa guria vai pro colégio e daqui a pouco tá em casa?”. Eu fui lá no colégio e vi. Daí não deu mais tempo, que elas já tinha mandado o papel pro governo, né. Aí, quando eu fui receber, cheguei aqui pra explicar pras gurias... “Não, já foi cortado, não tem mais”.

A senhora sabe o que é o Estado? A senhora tem alguma ideia do que é o Estado?

Fui até lá prefeitura atrás da Bolsa Família. Fui lá na prefeitura, peguei, conversei com a moça, a moça dizendo que “não, tu vai lá onde tu fez a inscrição e pede pra colocar as criança que tão correta no colégio. Os que tão correto no colégio, não pode ficar fora da bolsa”. Foi aonde que eu peguei e vim. Vim aqui, conversei com o rapaz, e hoje ele ia adiantar pra mim, a renovar os papel.

O que a senhora acha dessas obrigações que o Estado impõe?

Eu não acho nada.

Porque é obrigado a ir no colégio, pra poder receber a bolsa... A senhora acha certo, acha errado, acho bom, acha ruim...

Antes deles receber essa bolsa, a minha cabeça também ó: é o colégio e o Cevi, já bota direto. E o meu gurizinho de quatro anos, vai fazer quatro anos agora em maio, e a creche. Eles começa pela creche, depois termina no colégio. Antes de eu ter a bolsa, antes de eu sonhar ter a bolsa, eu primeiro, eu boto na creche; depois da creche, eu boto no presinho, do presinho vai pro primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... Aí se vai... Ai é onde que não tem culpa nenhuma.

E essas coisas que assim, essas obrigações que é imposto pras pessoas, o que a senhora acha disso? Obrigação de ir ao colégio, obrigação de, por exemplo, não cometer um crime, o que a senhora acha disso?

Eu não quero que eles fazem é nunca passar pela cabeça deles é cometer um envolvimento de crime. Isso aí eu não quero, eu luto até o fim pra não acontecer. Aí, depois, quando eles tiver de maior de idade, a gente não sabe o que passa pela cabeça deles, não pode fazer mais nada. Mas eu sempre mando eles pra linha certa, não pra linha errada.

A senhora tem vizinhos no Bolsa Família?

Tem, tem, as minhas, as minhas gurias, que tão na espera da Bolsa Família e sempre quando ela vem aqui dá errado, o endereço tá errado, ou não entrou ainda no sistema, sempre tem... Agora, minha gurias, a Michele, a Franciele também, tá, tem que voltar aqui pra poder ver o que vai acontecer sobre elas.

E, no caso de vizinhos, que não são da família, também a senhora conhece alguém do Bolsa Família?

Lá, vizinho, acho que não tem vizinho lá que tá na Bolsa Família.

A senhora sabe o que é inclusão social? A senhora tem uma ideia?

Exclusão... social...?

Inclusão social.

Inclusão... Ih...

Não? A senhora se sente parte da sociedade, parte da comunidade?

Onde é que nós moremo não tem endereço certo, é área verde invadida, sabe? Ele vão tirar nós e levar lá pra Protásio Alves. Não tem como dizer... É uma invasão terrível que é a invasão nossa ali. É morte 24 horas, isso aí eu não quero pros meus guri. Já pedi um terreno pro conselho tutelar conseguir pra mim, que eu quero sair dali daquele beco, que ali não é bom futuro pros meus guri. Ainda mais esse de onze anos, outro de 10, o outro de nove. Eu não quero. Ali é o ensinamento da arma, revólver na mão, eu não quero. Tô louca pra sair dali. O conselho tutelar ficou encarregado de arrumar um terreno pra mim, com uma casinha em cima, que eu não tenho condições de comprar. Mas desde 2008 eu tô esperando.

O que a senhora acha, a senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora, pela sua família?

A sociedade ali? Ali na onde é que eu moro? Ali, a associação que tem ali, a única coisa que eles ajudam é um papel que a gente pede, que eles dão um desconto, que é o papel que eles dão ali, redigido por caneta, que é o endereço onde é que eu moro, pra dar o endereço onde é que a gente mora, só nisso que eles ajuda. Não há comida, nem o posto de saúde também não ajuda em mais nada. A única coisa que o posto de saúde tá fazendo agora é só: tu marca uma consulta hoje, lá pela segunda-feira tu é atendido, que tá uma falta de médico. Só isso. E a ajuda de mais nada tem naquele beco. Ali daquele lado que a gente mora não ta saindo mais nada. Depois das morte que tá saindo ali, não tem ajuda de mais nada. Só as verdura, no caso, que eles dão ali, mas a maioria das verdura é podre. A Ceasa doou ali pra associação do Paulinho, o Paulinho pegou e fez uma doação pro povo ali de trás do Rubem Berta. Agora, como ele é governador, ele pegou e botou outra pessoa pra ficar ali pra dar verdura pro pessoal, aí vem comida. A Ceasa manda comida pra dar pro povo: vem comida, vem azeite, vem leite, vem tudo pra cá, pro povo ali, o povo ali detrás do posto de saúde. Talvez eles faz, a maioria das coisas eles esconde e dão a maioria coisa podre pro pessoal. Um dia eu vou ter que arrumar o telefone do Diário Gaúcho, vou ter que filmar tudinho o que eles tão fazendo com a gente aqui. Que eles ganharam aquela ajuda ali através de nós, principalmente da minha família, que só num pátio só, mora 10 pessoas num pátio só. Então só ali ele ganhou a verdura na Ceasa, ganhou um depósito cheio de comida pra dar no Natal pras pessoa, ganhou pão, ganhou roupa, ganhou calçado, tudo pra doar pro povo, leite, tudo, tudo que o povo tem direito, ele não deu. Não dá. Agora ele é governador, tá lá em cima, esqueceu do povo, esqueceu do povo.

Entrevista 2

Codinome: Hortência

Dia: 14 de abril de 2009

Região: Nordeste

Pra que tu achas que o programa serve, na tua opinião?

Ah, acho que serve pra comprar comida. O ideal, essa é o... Como é que eu posso me explicar... Essa é... Foi assim, ai meu Deus... Não vai sair. [...] Ai... Essa é uma coisa bem... Ai, ai... Como é que eu vou explicar mesmo... Ai, não vai vir, não vai vir.

Então vamos adiante. Tu acredita que ele pode fazer a tua vida e a dos teus filhos melhorar?

Acredito. Já mudou bastante.

Em que sentido tu achas que melhora?

Ah, antes de eu ganhar Bolsa Escola... Agora mesmo, cortaram esses três meses, me privou bastante. Porque... Minhas contas, deixei de pagar porque tava contando com ela; eu ia mandar fazer o óculos da minha menina, não pude porque mandar fazer porque tava contando com esse dinheiro. Então, no momento que não tem ele, aí me faz uma falta muito grande.

E tu sabe quais são... Se o programa tem regras pra cumprir?

Não...

Tem alguma regra pra cumprir, o programa?

Ah, tem o que não pode faltar aula, eu não acho justo isso, porque, às vezes, aqui no sul, é muito frio, todo mundo sabe que é muito frio aqui. E as minhas crianças sempre estudaram de manhã, e eu fico com pena deles, e daí é motivo pra eles não faltar.

Então o único motivo...

É a falta de aula. Não tem outro.

Isso que eu ia te perguntar, se tu tem dificuldades pra cumprir as regras impostas.

Em relação à aula, sim.

Quais são as principais dificuldades que tu sente?

De mandar eles pra aula, porque eu não quero que eles vão, vão levantar, porque tá frio, porque tá chovendo. Eu prefiro deixar eles ali.

E tua acha que é importante estudar?

Claro que é.

Por que você acha que é importante?

Ah, com estudo, a gente... Eu tive dez filhos. Hoje são cinco maiores e cinco pequenos. Então eu acho importante estudar. Porque a minha filha mais velha tem o Segundo Grau e a minha filha limpa chão. Então se ela tivesse condições, eu tivesse condições de dar uma faculdade pra ela, ou então pagar um curso técnico, ela não tinha necessidade nenhuma de tá limpando chão.

E ir ao posto de saúde, tu também achas importante ir ao posto de saúde?

Eu acho importante ir ao posto de saúde. Só que meus filhos não tão na bolsa escola através do posto de saúde, que o menor tem dez anos. Eles vai só no colégio mesmo.

Não tua opinião, o que tu acha que é importante os filhos aprenderem em casa?

Ah, eu acho que hoje em dia não tem mais nada pra fazer em casa. Porque antigamente a mãe ensinava a bordar, ensinava a ser uma dona de casa.... Hoje em dia as crianças não tem nada pra fazer dentro de casa, porque já nasce sabendo, né!?

E sobre a vida, o que a senhora acha importante eles aprenderem dentro de casa?

Ah, um monte de coisa. Sabe? Eu tive dez filhos e eu tenho uma menina com dezessete anos que tá grávida. Então, se eu tivesse... Eu não tive nenhuma educação com a minha mãe, mas se eu tivesse um pouquinho mais de noção de vida, com certeza ela não teria engravidado.

E de onde tu acha que poderia vir essas noções? Além da fami... Só da família?

Ah, a escola ajuda. Ah, não sei, acho que teria que ter mais campanha.

Pra que tu acha que serve a escola? Que nem tu tá me dizendo que, no caso, ela não teria engravidado se ela tivesse tido mais informações e que poderia ter pela escola. O que tu acha que a escola deve ensinar?

Tudo que muitas mãe não tem capacidade, não tem coragem, não é capacidade, é coragem de ensinar. Eu não tive coragem de dizer pra ela “minha filha, usa camisinha. Minha filha, se cuida”, porque eu acho que isso daí, ao mesmo tempo, é um incentivo que a escola dá, mas, ao mesmo tempo, é uma boa de uma civilidade, sabe?

E o que a bolsa significa pra ti, pra tua vida e pra vida da tua família?

Um salário a mais.

O que tu acha da bolsa? Tu acha que é bom receber?

Eu acho que é bom receber. É uma ajuda grande.

E qual seria a melhor fonte de renda? Que fonte de renda tu preferiria pra tua vida, pra vida da tua família?

Como assim fonte de renda?

Que tu tá recebendo a bolsa porque a renda, que tu precisa de um complemento de renda. Qual a fonte de renda que tu acha que seria mais importante pra sua vida, mais adequada?

Não entendi. Qual...

Assim: porque a bolsa é um salário a mais e pras pessoas que tão com alguma defasagem de renda no momento da sua vida, né? E tu acha que teria alguma outra fonte de renda que tu preferiria?

Não.

Tu prefere receber a bolsa?

É. Porque eu vou saber o que fazer do dinheiro. Não é porque o governo vai me dar um pacote de comida que eu vou precisar só da comida.

E renda financeira, dinheiro? Que fonte tu acha que seria a principal, a que tu mais gostaria de receber? A bolsa mesmo?

A bolsa mesmo.

Ou algum trabalho?

Ah, pode ser uma renda assim... Que nem no meu caso: hoje to com 46 anos e o meu maior sonho é aprender, eu descobri que eu gostaria de costurar. Já me inscrevi nesse programa do governo novo agora que tá aí e já tão, todas as vagas tão preenchidas. Então daqui a seis meses é que eu vou, posso saber se eu vou entrar ou não, fiquei numa turma de reserva. Então, eu acho que o ideal é o dinheiro.

Da bolsa é o ideal pra vida?

É.

Outra dúvida: tu tens medo de perder a bolsa?

Tenho, tenho medo. Eu não to nem acreditando que vou voltar pegar.

E o que representa, pra ti, perder a bolsa?

Ah, é um salário a menos.

Tu acha que não cumprir a condicionalidade é uma coisa feia, vergonhosa?

Não, não.

O que tu acha que é não cumprir?

Eu acho que é normal, porque se o meu filho não foi na aula é porque algum motivo teve. Não no meu caso, eu sei que eles não são tão doente, mas eu tenho pena de mandar eles levantar de manhã cedo pra botar eles no colégio.

É...

Também acho estranho isso, moça, porque eu... Uma vez que o meu filho falta aula no mês, o governo sabe; e eu tenho vizinhas que as criança falta aula o mês todo e o governo não sabe...

Essa é uma pergunta que eu ia fazer mais na frente: se tu tem vizinhos ou amigos no Bolsa Família.

Tenho.

Tem família?

Não, família não. Só vizinhos.

Vizinhos sim?

É.

E os filhos deles vão pro colégio?

Não. Muito pouco.

E eles já perderam a bolsa alguma vez?

Acho que não. A gente conversa muito, mas a esse respeito, não. Ela nunca me disse “ah, hoje eu não ganhei a bolsa”. Ela nunca disse...

Os filhos também não foram de vez em quando? Tu acha que eles vão menos do que os teus?

Bem menos. Porque eu cobro muito deles. Agora mesmo, agora quando eu perdi a bolsa, eu tive que responder pra ele que me pediu dinheiro, eu chamo ele de meu lindo, “ah, mãe, eu preciso de dinheiro pra comprar uma coisa”, aí, eu disse: “meu lindo, eu não tenho dinheiro porque tu faltou aula.” [risos]

E aí, o que ele disse?

“Por que não me chamou de filho?”. A mãe tava com pena de ti. [risos]

E eles gostam de ir pro colégio?

Não. Esse de 14 anos tá desistindo já. Ele tá indo obrigado. Só os outros dois que gosta.

Qual tu acha que é a maior dificuldade pra cumprir essas condicionalidades, de ir pro colégio, por exemplo?

Qual a maior dificuldade?... Moça, eu sou que nem galinha. Meus filhos é perto de mim tudinho. Entende? Então é muito difícil, pra mim, ter que chamar eles pra ir pra aula, pra um passeio, e hoje em dia tudo isso conta ponto. A aula tem cinco períodos, então, um que eles falte já é cobrado como falta. Então, a questão é só da aula, da aula mesmo.

E tem algum problema assim de transporte, de distância do colégio?

Não. Nada disso.

O que é o Estado pra ti? Tem alguma ideia do que é o Estado?

Não. Não tenho noção nenhuma.

O que tu acha das outras regras que esse Estado impõe pras pessoas? Quais regras a gente tem que cumprir, por exemplo, não cometer um crime, ir ao colégio... O que a senhora acha dessas regras?

Ah, às vezes eu acho chato. Às vezes eu acho muito chato. Mas conforme o tempo passa, eu começo a analisar. Eu acho que tá de acordo, porque o mundo já tá bem virado. Se não seguir... Ninguém gosta de seguir regras, sabe, mas no momento que tu começa a ter noção delas, tua vida melhora muito.

O que é inclusão social pra ti? Tem ideia do que é inclusão social?

Eu acredito que inclusão pra mim é... Assim, hoje que nem no meu caso, quando eu não ganhava bolsa escola, eu tinha bastante dificuldade dentro de casa, então, do momento que eu passei a ganhar, ela deu uma boa melhorada na minha vida.

Tu te sente incluída?

É, eu me sinto mais, como diz a minha mãe, mais gente.

E o que tu acha que a sociedade faz por ti?

Acredito que nada. Se a gente não lutar pela gente, a sociedade não se importa.

E tu acha que essas condicionalidades podem te fazer lutar melhor sozinha? Por exemplo, tu acha que pode fazer diferença nessa luta solitária?

Acredito que sim.

Entrevista 3

Codiname: Flor

Dia: 14 de abril de 2009

Região: Nordeste

Eu queria saber o que a senhora pensa sobre o programa Bolsa Família.

É um programa bom, que me ajuda muito, me ajudava muito, que eu senti até falta. Eu to desempregada e tenho um filho, que tá até separado da mulher, agora tá morando comigo, retornou para morar comigo, eu sou viúva, tenho nove filhos, mas já tem muitos casados. Só tá morando comigo, bem dizer, seis, na casa, mais o neto, mais a filha; e aí eu perdi o Bolsa Família, desde setembro que eu perdi. Então, eu to desempregada e to precisando. É uma ajuda. Aparece faxina lá uma vez ou outra.

A senhora sabe quais são as regras do programa?

Sim, eu tenho visto por causa da frequência escolar. Foi isso que eu falei pro meu guri, que não era para ele ter faltado, que era um dinheiro que estava ajudando. E ele faltou, inclusive eu não notei isso aí, e aí veio a cancelar o cartão. Mas fez falta de montão, tanto é que to fazendo a procuração de novo.

E para que serve o programa na sua vida? Para que a senhora imagina que serve o programa?

Ah, melhora, uma melhora pros menor, pras crianças, pra família. Ajuda muito.

E a senhora acha que ele possibilita uma melhora de vida geral?

Melhora muito. Os meus, eu comecei a receber desde pequenos. E eu não tinha condições mesmo. Que, no entanto, agora com eles grande tá fazendo falta para material

escolar, para se vestir, do alimento do dia a dia está fazendo falta; então, isso aí, para mim, como é que eu vou te dizer, foi uma falta. Faltou mesmo. To desempregada.

E a senhora sabe quais são essas regras que tem que ser cumpridas?

Sim. É por causa que não pode deixar faltar o colégio. Foi aí que eu fiquei sabendo que não pode faltar colégio.

E o que a senhora acha do estudo? A senhora acha que é importante estudar?

Para mim, eu acho. Eu não tive estudo. Os meu, agora, que formou um agora, no início do ano, tá no primeiro grau; eu tenho o outro na sétima série; tem esse aí que tá de noite, que é o de maior, que tá com 20 anos, tá estudando aqui pra se formar; tem a outra gurria que também tá no primeiro grau; e tem o pequeno, que tá na sétima aqui; e tem o neto, que tá na creche, do lado. Então, tudo isso aí para mim faz falta, porque eu não tive estudo, e o alimento também dentro de casa, que é o que eu passo necessidade, quando não tem, tem que correr atrás.

E a questão de ir ao posto de saúde, a senhora tem criança?

Tenho, eu tenho ficha família, eu tenho pressão alta e eu recebo remédio ali quando tem.

E a senhora acha que é importante ir ao posto de saúde, manter a família toda indo ao posto?

Acho. Eu tenho neto fichado ali, os filhos. Eu acho importante ir. Mesmo que se eu tivesse neném pequeno, eu iria levar toda a vida para pesar. Porque se pesasse ele é uma etapa que não pode deixar, tem que levar porque isso aí ajuda.

E se não tivesse essas obrigações para manter a bolsa, a senhora acha que teria as mesmas preocupações, com relação a levar no posto, a manter na escola?

Não, pelo o que eu acho assim do governo, que ele fez isso aí para manter mesmo as família pra ter a obrigação, que eles também tão tendo a obrigação deles, que é de dar o auxílio para família. Então é isso que eu acho uma coisa necessária.

O que a senhora acha mais importante os filhos aprenderem em casa? Na educação de casa.

Educação, que, hoje em dia, não tá fácil. Tem educação.

Quais são os princípios que a senhora acredita que é importante pra levar de casa?

Eu acho que eles tem que aprender no colégio a ter respeito, ter respeito em casa. Eles tem que ter respeito, educação, porque, hoje em dia, do jeito que tá aí, não tá fácil. Eu crio eles com a palavra de Deus, que eu sou cristã, sou da Igreja Universal, então eu sempre ensino o que é certo para eles. Eles aprende.

E no colégio? O que a senhora acha importante?

No colégio, eu digo para eles não ser mal-educado com as professora. Que as professora tão ali para fazer o papel de mãe. Eu acho assim que tem que ter educação, porque a educação vem através do estudo. Que eles tão aprendendo ali, e tem alguém ali que tá ensinado eles.

O que a senhora acha que é ter educação?

Eu acho que é ser educado, que eu me criei com a minha mãe viva, o meu pai vivo. Eu acho que educação é tudo. Porque uma pessoa de idade, mais velha, não está ali para ouvir maus tratos, tem que ser educado com aquela pessoa.

E o que a senhora acha da bolsa? A senhora acha que é bom receber a bolsa?

É bom, ajuda as famílias, não só a minha. Mas ajuda todo mundo em geral.

E além da bolsa, qual a senhora acha que seria a fonte de renda ideal? De onde a senhora gostaria de tirar dinheiro?

Eu estava pegando a renda de cento e poucos até duzentos. E a minha base de eu gastar em casa era duzentos pila. Eu gastava com rancho, com material escolar para eles, eu nunca comprei nada para mim, porque roupa, tudo, eu ganho das patroa; então, o que eu posso ganhar também pra eles vestir, eu ganho. Mas o necessário, uma roupa pra ir no médico, eu comparava pra eles, uma meia, uma calça, e a maioria era o alimento. Só que agora, de uns tempos para cá, depois que eu fui cancelada, eu me apertei.

E a senhora acha que quando se deixa de cumprir as regras pode ser uma coisa vergonhosa, ou não, ou só “perdi a bolsa”? Ou a senhora acha que a senhora fica constrangida, culpada, porque perdeu?

Eu, quando perdi, fiquei chocada. Porque aquilo ali estava fazendo falta, assim como faz falta para outras famílias, estava fazendo falta para mim, porque eu me senti medo, porque desempregada, como to até hoje, e tem que tar pedindo pro guri pra ele ir entregar panfleto, eu saio e deixo ele por conta. Ele tem o compromisso de ir pro colégio, e vou para fazer faxina. Então tem que sair para rua para buscar; e a minha faxina, elas não querem pagar tudo o que a gente pede. É de trinta a quarenta real... E não dá para te manter, porque só o gás já tá quarenta, quase cinquenta. Então, é um sofrimento.

A senhora sabe o que é o Estado?

O Estado, eu não tenho muita...

O que a senhora acha das obrigações impostas pelo Estado, por exemplo, tem que ir na escola, tem que cumprir as leis, o que a senhora acha disso?

Eu acho importante, porque o governo, mais os outros que tão fazendo isso aí, eles tão fazendo o que é certo, que é pra pessoa ter esse dinheiro. Então os pais tem que ter a obrigação também, de cumprir isso aí.

A senhora concorda, por exemplo, com essas regras do Bolsa Família, de ir na escola, no posto de saúde, a senhora acha que é certo ter essas regras?

Sim. Eu acho que é certo, porque tem que ter compromisso. Eu, seis e meia da manhã, eu já to apelando pros meus levantar. “Levanta, vamo pro banho”, eu tenho que está sempre em cima. Que eu não tava em casa dessa vez aí que tive problema com doença, minha guria teve que baixar lá no hospital de clínicas, lá na Glória, por causa que ela entrou em depressão, ela ganhou nenê e entrou em depressão pós-parto, aí eu tive que correr. Quer dizer que alguém precisava [...] e ninguém veio. E eles tiveram frequência, aqui no colégio que eles tão, aqui. Agora, no fim do ano, esse o maior, o mais velho, se formou porque ele correu. Então ele está estudando no Porto, no Cristóvão, e eu tenho só um aqui, os outros dois lá. Mais agora, esse que veio, que se separou da mulher, e vai estudar de noite aqui. Então, isso tudo para mim, eu sou uma pessoa sozinha, é pesado. Então é que nem eu disse: tem que ter responsabilidade.

E a senhora tem vizinhos, ou amigos, ou irmãs que tão no Bolsa Família também?

Tenho. Eu tenho um vizinho.

E a senhora sabe se eles conseguem cumprir as condicionalidades?

Conseguem. Eles cumprem sim, eles tão sempre em cima dos filhos.

E a senhora sabe de algum deles que tenha perdido a bolsa?

Não, vai resolve ali não tem ninguém, tem gente que está ganhando. Só eu que perdi, inclusive, a minha vizinha que se ausentou por causa de doença... Que foi uma coisa que não era...

Como a senhora se sente em relação à senhora ter perdido a bolsa, a senhora se sente chateada, constrangida, ou não?

Sim, eu me sinto chocada, porque aquilo ali faz falta.

Então é pelo valor mesmo do dinheiro.

É. Faz falta. Sim, uma pessoa só, não tem outra pessoa para ajudar.

A senhora saberia explicar o que é inclusão social? Na sua opinião, o que é inclusão social?

Eu entendo, assim, que seja para ajudar as pessoas necessitadas.

E a senhora se sente incluída?

Eu, faz anos que eu sou daqui, a assistente social me conhece. Pode perguntar para ela se ela conhece a Flor, ela já conhece faz tempo, porque meus filhos tiveram no programa aqui, no Cecove e tudo.

E o que a senhora acha que a sociedade faz pela senhora? A senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora, pela sua família?

Sim, quando a gente está precisando de ajuda, ajudam mesmo. E muitas vezes, eu precisei de ajuda e vim procurar eles.

E no caso das pessoas que a senhora conhece, com quem a senhora trabalha, eles também ajudam?

Também me ajudam. Eu tenho uma patroa muito boa. Ela reconhece o que é necessidade. Que, inclusive, ela tem a casa dela assim e tudo, é uma pessoa de bem, sabe, ela não dá bola para essas coisas de riqueza, sabe. Que nem ela diz: “eu sou a mesma coisa, que nem tu. Tenho as coisas e, ao mesmo tempo, passo a não ter, por isso não me acostumo com riqueza”. Então, inclusive, eu entendo ela.

E em relação ainda às regras do Bolsa Família, quais foram as maiores dificuldades que a senhora encontrou para manter os filhos indo no colégio, para ir no posto de saúde, que ainda acabou perdendo, quais foram as maiores dificuldades para cumprir essas exigências?

Depois que eu perdi, eu chamei eles à atenção e disse para eles “isso aí não pode ficar fazendo mais. Se vocês voltar de novo a ganhar, vocês têm que saber que é um compromisso de vocês, vocês não podem perder”. Chamei eles no apito. “Quando a mãe não tá em casa, vai resolver alguma doença, alguma coisa, vocês sabem que tem que ter aquele compromisso. Bote o relógio para despertar, prepara as mochilas, as roupas pra ir pro colégio”. Tem que estar sempre falando com eles. Porque eu me criei sozinha. Minha mãe morreu já faz seis anos já. Desde os treze anos, eu não tinha mãe e eu sabia o que era fazer os dever na hora certa, obedecer, ter educação com os outros. Esse meu guri que separou da mulher, eu to dando muita força pra ele agora, porque ele se desesperou, queria até matar a mulher. Eu disse pra ele “isso aí não se faz. Deixa.” e ele foi gritando junto comigo e eu disse “olha, não adianta tu botar isso na cabeça, vai estragar tua vida, vai tirar a vida de outra pessoa, não resolve, então tu deixa. Continua trabalhando”, porque ele é de maior, “e a mãe faz as outras partes e te ajuda”, é o que eu explico para eles assim. Porque ele disse pra mim, quando chegou em casa com as bolsa, com as roupa dele, tudo, “imagina se eu não tivesse a porta da casa da minha mãe, onde é que eu ia me enfiar?”. E eu peguei e aceitei ele ali.

Mãe é mãe.

Ainda disse pra ele assim: “Imagina se eu te desse as costas, como é que ia ser, né?”.

Entrevista 4

Codinome: Paz

Dia: 15 de abril de 2009

Região: Noroeste

Paz, eu queria saber o que tu pensa do programa Bolsa Família?

Eu acho que ajuda a gente. Já é um dinheirinho que a gente conta naquele mês. E esse mês, no meu caso, eu... Me ajudava, assim, a pagar as contas, que eu comprava as coisas pra eles nas loja. Aí, quando eu entrei em pânico por causa dos dois adolescente.

Tu sabes como o programa funciona? Quais são as regras?

Sei. Os menino tem que ir no colégio, as criança de 3 anos, 4 anos tem que pesar no posto de saúde. Tudo isso eu fazia.

E pra que tu acha que o programa serve?

Porque tem muita gente que, às vezes, não tem serviço pra trabalhar. E quinze pila, agora aumentou vinte... porque quinze pila, é dinheiro pra gente...

E tu acha que esse programa ajuda a melhorar a tua vida?

Ajudou muito as pessoa. Ajuda a pessoa que não consegue trabalho, que as vezes tem filho bastante também. Cada criança é quinze, agora subiu cinco reais. E eu to só com dois agora, vinte reais, mas pra mim dá. Vinte reais já dá pra poder comprar uma roupa, pagar uma conta que é pra eles mesmo, pra comprar uma alimentação.

E tua acha que pode melhorar tua vida pro futuro também? Pode ficar bom, no caso, pro futuro, ou só no momento mesmo?

Eu sube o fato de que eles tão pra tirar a bolsa, a Bolsa Família. Aí tem muita gente que diz... Porque dá mais trabalho, mas trabalho seria bom também. Porque as pessoa acha que é com 16 anos, com 15 anos já sai da bolsa. Que é o que aconteceu comigo. Meus filhos fizeram 16 anos, com 17 anos, já saíram, com 15 já não recebiam mais. Porque, pra mim, me ajudava.

Tu tens muita dificuldade pra cumprir as regras do programa?

O problema é, no caso, aumentar... Esses adolescentes com 16 anos, 15 anos, às vezes não querem mais estudar, querem procurar outro serviço. Daí prejudica com os outros que são pequenos, que tão indo, seguindo na aula. As vezes, só pro caso das duas criança que tão já na idade pra sair da bolsa prejudica as outras de menor.

Tu acha que é importante estudar?

Eu, pra mim, quando... Eu tava estudando, eu tava na segunda série, passei pra sexta série, aí agora eu acho que é muito importante estudar. Porque, às vezes, a gente, até pra pregar um emprego, também tem que saber lá ler os produtos. Agora, pra ser faxineira, tem que saber ler.

E pros filhos, é importante estudar?

Pro meu caso, eu acho muito importante estudo pra eles. Até fui estudar de noite pra ver se queria, mas a mesma coisa, eu não consegui, com esse meu ritmo. No caso, eles já achavam que estudo não faz falta.

E ir no posto de saúde, cuidar da saúde, tu acha importante?

Ah, eu acho. Eu sou uma. Quando eu to com dor, dor no corpo, eu não gosto de dar remédio por conta, assim, também. Eu acho que a gente tem que passar pelo médico. Eu tenho medo de tomar, assim, remédio em vez de ter receita, então já procuro recurso ou procuro alguma pessoa que trabalha no posto que me explica a situação.

O que é a bolsa pra ti? O que significa o dinheiro que tu recebe do Bolsa Família?

Porque tem que nem... Tinha assim, quando eu bebia, eu achava que eu gastava o dinheiro com a bebida, e eu não. Ali eu agarrava, pagava minha dívida, mas eu nunca me achava que o dinheiro da bolsa... Que eu sentia que aquele dinheiro era pra eles. Como eu não comprava roupa pra eles, mas eu comprava alimentação alguma coisa da loja. Então eu me sentia assim muito orgulhosa, sabendo que eles tava cumprindo a regra na escola, não faltar aula e tudo. Então era um compromisso meu também, que aí eles ia pro colégio. Só que teve a dificuldade quando eles completaram 14 anos, que teve mais... Que foi difícil, né?

Tu acha que é bom receber essa bolsa?

Eu acho que é bom receber, porque tem criança que precisa; porque às vezes a mãe... Falta um arroz e tu não precisa ficar se humilhando, pedindo pros outros. Emprego tá difícil. Ai de quem ... Quando a gente tá estudando assim também, tá difícil emprego.

Tu preferiria receber dinheiro de outra fonte, assim, por exemplo, de trabalho? O que tu preferiria?

Eu sempre trabalhei. E eu sempre trabalhei, sempre foi trabalhando com trabalho de reciclagem, mas eu sei que eu recebia essa ajuda do governo. Quando tinha aquela parte de noventa reais, pra cada família, então aqueles noventa reais eu pagava... Era uma festa pra gente, por causa do meu serviço, o caso é mais ou menos o que a gente ganha. A gente mais para em casa, a gente contar com aquele dinheiro. Enquanto não tinha, eu era uma assim, bah, entrava em pânico. Aí é uma coisa que tá acontecendo, é as criança que tão matando aula, aí eu corria no colégio, perguntava que eles tava cumprindo, aí ela falava que “não, Paz, o João e o José não tão vindo mais”. Aí é problema. Aí que eu

via que eu já tava sentindo que eles tavam matando aula. Eu pensava que eles tavam no colégio, eles já se ia pros outros lado.

Tu tens medo de perder a bolsa? Tu tinhas medo antes de ter passado por isso?

Isso. Eu ia no colégio perguntar, por causa que tinha mais oito pequeno, tinha mais dois pequeno antes de ser adolescente, ai eu ficava com medo, ai eu ia lá falar com a direção do colégio, ai eles explicava “não, Paz, se tá acontecendo um problema, a gente é obrigado a... Não podemos esconder que eles não tão vindo na aula. Tem que tentar resistir, que tu pode, na hora pra outra, perder a bolsa por falta de dois, de dois... Se um tá na bolsa, todos perde a bolsa”.

E tu tinhas medo de perder a bolsa?

Eu tinha.

Tu acha que é vergonhoso perder a bolsa porque não cumpriu essas regras?

Eu acho... Eu nunca tive vergonha, né. Quando eu, da última vez quando eu perdi, eu procurei ter sinceridade, eu chegar e falar “acontece isso, tá acontecendo isso”, com meus dois adolescentes, um foi preso, o outro foi... Daí era pra eu ter trazido um papel na escola, quando a minha cabeça tava muito enrolada. Não tive contato. Não tive... Pediram um papel pra não cancelar a bolsa. Ela disse que nunca tinha acontecido, na escola, se um aluno fosse preso, ela desligar o aluno da bolsa. Na outra vez, aí agora já sei por que foi também. Porque nunca tinha acontecido comigo. Porque naqueles meses tava uma benção. Eu ia lá, recebia. Aí que deu problema mais. Aí eu fiquei com choque. Daí elas me explicaram “não, Paz, quando eles abaixaram o presídio, era pra vir um papel com o lado do policiamento, pra mostrar pro colégio e tudo”. Daí “mais dois tão vindo no colégio”, “mas prejudica, é a mesma coisa. Se um falta, da família, prejudica, é os três que não tão vindo no colégio”. Daí deu pra mim entender. Eu pensava que se um

faltasse e os três tavam vindo direitinho na escola, nunca ninguém desligava da bolsa. Aí que deu esse motivo daí. Porque eu entrei como faz falta mesmo. Por causa de uma criança às vezes a mãe arrisca perder a bolsa. Foi o que aconteceu comigo. Só por causa de um filho eu fiquei três meses sem receber aqueles momentos... Daí eles disseram: “não, vai lá, da parte, que eles ficou sem receber, que tu vai receber”. Eu sei. Só que não. Pensei: “vai ser uma benção eu receber os três meses”. Recebi que nada, recebi só aquele momento que ele ficou desligado da bolsa. Daí eu recebi. Daí, mês de janeiro, por exemplo, que eu fui desligada, eu não recebi aqueles três mês fora, que deu problema... Daí eu não recebi. Eu recebi só normal daquele jeito que os outros dois tavam cumprindo a regra de tá na escola.

Tu tens alguma dificuldade pra cumprir as regras, por exemplo, a escola é muito longe, não tem ônibus, não tem como ir a pé?

Não, é preguiça mesmo. Depende da boa vontade das crianças, porque é que nem eu disse. Na época, a gente não tinha dificuldade, assim, né, hoje, agora, momento, as criança tem, tem recurso. Tá faltando roupa, a gente ganha muita ajuda. Antigamente, a gente tinha que trabalhar mesmo pra poder comer, agora, eles tem liberdade só pra aquilo. Por isso que eu acho assim... Que eu gostava da bolsa porque tinha compromisso da gente com a bolsa e compromisso com as criança na escola.

Tu sabe o que é o Estado?

Não sei explicar.

O que tu acha que das obrigações, das leis, que o Estado impõe na vida das pessoas? Por exemplo, todas essas leis, essas regras que as pessoas tem que cumprir, o que tu acha?

Eu acho um pouco doloroso, porque, no meu caso, to assim com dois jovens, 16 e 17 anos, que agora eles querem já achar que tão grandão, e um dos pais tem que assumir.

Que nem outra vez, o outro meu guri com 13 anos, fui interna... Sabe, pedi uma matéria pra ele poder estudar de noite comigo. Assim, eu tava segurando ele. Depois teve um tempo que ele abandonou até estudar de noite. Eu continuei estudando; ele, não.

E o que tu acha das regras do Bolsa Família? Tu acha que devem existir regras pra poder receber a bolsa?

É, porque tem muita gente que não tá nem aí, né. Chega na manhã... Às vezes, tem mãe que a gente acha que é importante aquele dinheiro tá ali aquele mês, mas não vai no colégio explicar por que que o filho tá doente. Eu conheço um bocado de gente que usa... Que não tão nem aí pros filhos. E tem muitas mãe que aquele mês o dinheiro tem que tá lá... E às vezes culpa, às vezes, as professora... Mas não vão lá ver se os filhos tão dentro da sala de aula. Eu era uma. Eu só ia quando a professora me chamava, mas eu nunca fui lá, tirar um dia pra conversar com uma professora, saber como é que tá meu filho... Então, era só na hora quando chamavam a gente, que era uma emergência. Então eu acho que tinha que ter uma regra, uma regra, assim, as mãe ir uma vez por mês no colégio, uma semana, duas semana, pra ver como é que os filho tá.

E tu conhece outras mães que tão no bolsa família? Outras famílias que tão no bolsa família?

Conheço um bocado de gente.

E tu sabe se elas tão cumprindo as regras?

Tem uma... Sem comentários.

Ela já perdeu a bolsa ou não?

Já perdeu, mas voltou. Voltou. Que nem eu digo, às vezes elas não bate a regra, o culpado não é as crianças. Naquela idade de dez anos, nove anos, a mãe tem que tá presente. Eu até ali eu tava como sempre presente. Só que começou a crescer, com 14,

15 anos, daí que eu já me perdi o equilíbrio deles, mas sempre presente. Porque tem muitas mãe que acha que tem que tá o dinheiro lá, daí não sabe como é que tá o filho com nove anos, como é que tá, se tá na casa, se tá na outra. Vai, chega aquele mês, a mãe agarra, vai pra farra... Porque tem muitas pessoa que não lembra do filho que tá na escola, que precisa também. Não adianta só pensar nelas. Que tem muitas pessoas que eu conheço que usam esse dinheiro da bolsa pra certas coisas, não pra cumprir a regra do mandamento do estatuto.

O que tu acha que é família?

Eu, pra mim, minha família são tudo que Deus me deu. Eu acho assim que na hora que a gente mais precisa, a gente tem que tá presente, basta que doer, a gente tem que ser unido. Basta que, às vezes, que magoa a gente, mas tem que dar o braço a torcer, né.

Tu sabes o que é inclusão social?

Eu acho a excrusão... Eu tinha, no caso, no começo na escola, por causa da cor. Porque o meu mais pretinho, ele era muito excluído das raça. Aí eu fui acompanhando ele, tirando isso pra ele, que ele era bonito, não precisava ter charme. Que da raça até eu, uma vez, também eu tive uma excrusão sobre da cor. Graças a Deus eu consegui ser o que a gente é, a gente não pode...

Tu te sentes parte da sociedade?

Eu me sinto, porque às vezes quando eu bebia demais, eu era muito excruída, mas achava, na hora da bebida, eu achava que todo mundo me excluía. Ninguém me olhava do jeito que eu tava precisando de ajuda. Eu me achava assim. Agora que eu vejo que não era isso que eu queria pra minha vida.

Tu acha que a sociedade faz alguma coisa por ti?

Eu acho. Pra mim, eu tive bastante ajuda. Só que eu não soube ser corajosa, ver a realidade na hora da bebida por causa... Que, pra mim, agora, eu vejo que é uma droga. Porque a cachaça, porque basta o problema que seja longe das droga. Agora que eu vejo que é importante a pessoa não usar essas drogas.

Entrevista 5

Codiname: Flora

Dia: 15 de abril de 2009

Região: Leste

O que a senhora pensa sobre o programa Bolsa Família?

Ah, o que eu penso? Eu acho bom pra criança que tá no colégio, né. É um dinheiro que ajuda pra comprar as coisas pra ela, caderno, roupa, um calçado. É o que eu compro.

Pra que ele serve pra senhora, o programa?

É uma ajuda, uma assistência.

A senhora entende como é que ele funciona? Se tem regra, se não tem regra...

Tem regra... Tem. Se a criança faltar no colégio, um dia ou dois, eles deixa dois, três meses sem dar. Porque faltou, né...

A senhora acredita que esse programa pode fazer a sua vida melhorar e a da sua família?

Como é que é?

A senhora acredita que esse programa pode fazer a sua vida e a da sua família melhorar?

Pode.

Em que sentido?

Quando falta as coisas pra guria... Meu marido ganha pouco, ele ganha duzentos real.

Mas é de... Assim de... Ele trabalha de biscate, sem carteira assinada. Aí, pelo menos, pra guria, ajuda, porque se faltar caderno, essas coisas, eu compro do dinheiro dela.

A senhora conhece todas as regras que tem que cumprir?

Conheço. Tem que levar no médico, tem que pesar, tem que fazer vacina...

E a senhora acha que deveria ter essas regras?

Eu acho que sim.

Por quê?

Ah, pra eles controlar. Porque tem gente que pega Bolsa Família pra comprar outras coisas em vez de, de comprar tudo pras crianças.

A senhora acha que é importante as crianças estudarem? Acha que é importante estudar, ir ao colégio?

Ah, eu acho. Acho importante.

Por quê?

Porque, pra ser alguém na vida, né. Eu estudei pouco e não sou nada, sou uma burra.

O que a senhora acha que é ser alguém na vida?

Assim, ter que... Porque depois cresce, tem que ter um serviço, tem que ter um estudo, tem que ter um curso... E sem ter estudo, sem ter curso, ninguém arruma emprego.

Agora tá assim, né?

E o posto de saúde? A senhora acha importante cuidar da saúde?

Acho.

Por quê?

Ué, porque sim. Eu sou uma pessoa doente, tenho problema de pressão, tenho lesão no coração, tenho um monte de coisa, e tenho que me tratar, né?

E o que significa a bolsa pra senhora?

Bolsa Família? É uma ajuda, né, do governo, principalmente pras crianças. Que eu, eu pego o dinheiro da minha filha, eu vou comprar remédio, ela tem anemia, daí eu compro fruta pra ela, compro roupa, como eu já lhe disse, né?

E a senhora acha bom receber a bolsa?

Acho.

Teria alguma fonte de renda que a senhora preferiria, ou a bolsa é boa, é suficiente? A senhora preferiria receber dinheiro de uma outra fonte de renda?

Eu to tentando poder me aposentar, né, que eu não posso trabalhar mais. Aí, esse dinheirinho aí ajuda, que eu posso comprar as coisas pra ela. Aí, quando meu marido recebe, eu junto os dois dinheiro e compro. Tem o Bolsa Família pra ajudar, pra comprar as coisas pra criança, comprar fruta, né? E eu compro comida também.

A senhora já teve a bolsa bloqueada, não?

Já.

Antes de estar bloqueada, a senhora tinha medo de perder a bolsa?

Tinha.

E como foi quando bloquearam? A senhora se preocupou?

Bloquearam porque a guria foi baixada no hospital com meningite viral, e eu levei os atestado pro colégio, e os professores não botaram na pasta. Daí, eles começaram a bloquear por... Vai fazer uns dois anos agora, já. Daí, eu fui lá no colégio, falei com a diretora, e eles arrumaram.

E a senhora acha que, no caso de quem não cumpre porque não mandou o filho pro colégio, por exemplo, é uma vergonha isso? Ou não? O que a senhora acha disso? A senhora acha que é constrangedor perder a bolsa porque não cumpriu as regras?

Ah, eu não sei. Pelo menos pra minha filha faz falta, porque ela reclama, né, que agora diminuíram. Ela recebia sessenta e dois, aí aumentaram pra oitenta e dois. Aí, depois, bloquearam, em 2008, bloquearam, aí, eu vim aqui, trocaram as confusão e eu não recebi os atrasado. Era 164. Aí a minha vizinha recebeu, e eu vim receber... Recebi 102. Aí de 62 foi diminuindo pra quarenta, depois pra vinte. Saiu vinte real agora. Por isso eu vim aqui hoje, pra arrumar.

Mudando um pouquinho, assim, de assunto. A senhora sabe o que é Estado?

Quê?

A senhora sabe o que é o Estado?

Não...

E o que a senhora acha das obrigações que o Estado impõe? Por exemplo, assim: cumprir regras, cumprir lei, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo... O que a senhora acha disso? A senhora acha que deveria ter, não deveria ter? Que as regras que existem são boas ou ruins...

É boa.

Por que a senhora acha que são boas?

Porque, como eu disse, pra ganhar as coisas, pra fazer justiça, tem que cumprir as regras.

A senhora tem vizinhos ou amigos no Bolsa Família?

Tenho, tenho. A Maura, minha vizinha, ela também. Agora ela perdeu de vez. Ela tem que deixar uma filha no colégio, a guria nunca faltou no colégio, e ela perdeu a Bolsa Família.

Ela já perdeu então.

Foi essa que eu te falei que ela perdeu 164. E eu não. E ela mora do lado da minha casa. E agora eles engana ela. Diz ela, que ela vem aqui. Ela não recebe há quatro meses. Ela ia receber em março, não, recebeu, em fevereiro. Aí de fevereiro, passaram pra março, não recebeu. Daí só que ela foi receber agora em abril, também não. Amanhã, né, é o dia de receber, ela também não vai receber.

E a senhora sabe o que é inclusão social?

Ãhh?

E a senhora sabe o que é inclusão social?

Ah, eu não sei.

A senhora se sente parte da sociedade, incluída na sociedade?

Ah... Estar na sociedade é pra quem é rico, né. Pobre não...

A senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora?

Acho que faz.

Qual foi a maior dificuldade, que a senhora acha, pra cumprir a regra do Bolsa Família?

Nenhuma.

A sua filha ia pro colégio e depois... Que a senhora chegou a perder a bolsa, né? O que a senhora acha que levou a isso e que causou a dificuldade pra senhora, que foi o problema?

Ah, eu perdi a bolsa dela porque teve doente, ficou em casa três dias doente. Aí, eu nem tinha levado no médico porque ela não queria ir. Aí eu falei no colégio, não levei atestado nenhum. Aí, quando ela baixou no hospital, eu levei. A diretora sabia que ela tava baixando, porque ela ligava na recepção. Mas elas não colocaram na pasta. Daí eu fui lá. Aí, agora, o ano passado, eu fui lá reclamar, daí elas arrumaram.

O que a senhora acha que é família? O que é a família?

Família é importante.

O que é a família? Do que ela é composta?

A família tem que ser unida. Casa onde a família não é unida...

O que a senhora acha que se deve aprender em casa, na família?

Deve aprender respeitar, estudar e ser alguém na vida, que nem eu digo.

E no colégio, o que as crianças devem aprender, os filhos devem aprender?

Ah, tem que aprender... Como assim?

O que o colégio deve ensinar pras crianças? Eles vão pro colégio pra aprender o quê? O que a senhora acha que deveria ser o certo?

Ah, eles têm que aprender a ler, aprender... Porque os colégios também, na verdade, não ensinam quase nada. Nesse colégio, Mariano Becker, que ela tá, eles passam as crianças sem saber fazer as coisas. Passam as crianças, quarta e quinta série, sem saber tudo, sem aprender.

E com relação a ir ao posto de saúde, cumprir as regras, a senhora tinha alguma dificuldade, tipo assim, por ser longe, não tinha ônibus?

Não. Desde que ela... É aqui. Ela consulta mesmo é aqui.

E o colégio também?

O colégio também é perto.

Obrigada.

Entrevista 6

Codinome: Vitória

Dia: 16 de abril de 2009

Região: Sul e Centro-Sul

...Eu acho que é errado. Primeiro tinha que falar com a família para ver o que estava acontecendo, o que estava se passando com a criança pra depois botar isso aí na... Eu acho isso aí errado.

A primeira coisa que eu queria saber: o que a senhora pensa, no geral, sobre o programa? O que o programa é na sua visão?

O que é bom e é ruim?

É, se é bom, se é ruim... O que a senhora pensa sobre o programa em geral?

Para mim, é bom.

A senhora acha que é bom. Para que ele serve, na sua visão?

Serve para várias coisas: pra comida, pra material de colégio, pro ensino da criança também, não andar na rua pedindo esmola, porque tem muitos que eu vejo na sinaleira.

Os meus era um que vivia na sinaleira.

A senhora tinha filhos que trabalhavam na sinaleira. E eles continuam ou não?

Não, não continuam por causa dessa bolsa. Só que quando me cortaram, eu não sei o que deu, porque eu falei com ela agora ali, por causa do colégio, falta no colégio, quando eu trabalho na rua, não tinha como eu mandar, eu vir, largar o carrinho e vir socorrer para eles ir na aula, empurrar. Mas eu pedia pras gurias, pra minha guriazinha mais

velha, e ela não dava bola. Foi isso que aconteceu. Como agora eu to sempre em cima, eu trabalho na rua ainda, mas to sempre em cima deles, antes deles sair para rua trabalhar eu digo “ó, não falte a aula. Se vocês faltarem, eu vou tomar outra atitude”, e eles continuam, vão na aula.

Mas da sinaleira eles saíram...

Saíram.

E a bolsa ajudou então que eles saíssem da sinaleira?

Sim, ajudou muito a sair da sinaleira. E agora, teve uns três dias que minhas criança falaram “mãe, eu vou voltar para sinaleira pedir, se te cortarem a bolsa...”, eu disse “não, não é para fazer isso. O estudo é a melhor coisa que tem pra ser alguma coisa na vida. Como a mãe não sabe muita coisa, mal sabia direito que tinha um nome, vocês tem que aprender pra ser alguma coisa na vida, para subir na vida. Então não tem porque pegar e ir para sinaleira de volta. Vai pro colégio que a mãe vai ver se consegue falar para eles voltar a receber esse dinheiro para comprar as coisas para vocês”. Porque eles pede para mim as coisas e eu não posso dar, porque eu dependo do carrinho para sobreviver e pra dar de comer para eles. É dali que eu tiro o dinheirinho que eu ganho. Não ganho cem por mês, porque, agora, as coisas baixaram tudo os preços. Não tem como eu comprar tudo que eles querem.

Para que a senhora acha que serve o programa?

Para tirar as criança da sinaleira e para comparar material de colégio, o que sobrar a gente compara uma mistura, uma fruta para eles comer. É o que eu acho que serve.

Por que as crianças iam pra sinaleira?

Porque eles queriam ajudar, né. Daí eu dizia pra eles: “não, não dá, porque o conselho não aceita...” Fica ruim, fica ruim para mãe também, porque vão dizer que é a gente que

manda. “Não, mãe, tu não manda, eu que quero ir”, “não, mas é bom que não fosse”. Porque na sinaleira aprende tudo que não presta. Aprende ir pras drogas, aprende várias coisas. Aí, eu comecei...

Então a senhora acha errado ir para sinaleira, ou a senhora acha que era bom, porque tinha uma renda a mais em casa com eles na sinaleira?

Não, eu acho que era ruim, porque aprende muita coisa que não deve na rua. Com uma ajuda do governo, que era o bolsa escola, para mim, estava me ajudando muito. É, claro, é pouco, mas serve, servia, porque eu comparava uma coisinha para eles. E agora sem esse pouco, eu não tenho como comprar, né, daí eu dependo do carrinho. Faz dez anos que eu puxo carrinho. Não aguento mais as dor nas perna de puxar carrinho, e o resto, assim, mas continuo indo, porque Deus vai me dando força pra não deixar eles ir pra sinaleira. Porque pedir para ir para sinaleira, eles pede, eu que não deixo. Porque eu falo pra eles: “o estudo é importante”.

A senhora consegue controlar eles?

Consigo.

Mesmo os mais velhos?

Sim, agora eu consigo controlar, antes eu não conseguia, né. Agora to conseguindo controlar eles.

E a senhora está conseguindo controlar mais agora por quê? A bolsa te dá mais... Por que agora a senhora consegue controlar?

Porque tem mais atividade, pra falar, e antes tinha que se meter, já não conseguia. E esse dinheiro também, que ajudou muito.

A senhora sabe como o programa funciona, se ele tem regras, se não tem regras?

Tem.

A senhora conhece as regras?

Conheço. Postinho, as criança vai para consulta, não faltar a escola...

A senhora acha que esse programa melhora a sua vida e a da sua família?

Melhora. Para mim, melhora.

E a senhora acha que ele planta alguma melhora para o futuro? Ou não?

Sim.

A senhora acha que pode ficar melhoras pro futuro?

Pode sim.

A senhora tem dificuldade para cumprir as regras do programa?

Como assim?

Porque tem que ir à escola, tem que ir ao posto de saúde...

Às vezes é difícil, porque tem que ter dinheiro pra passagem, e às vezes eu não tenho, e tenho de ir a pé.

Então a senhora tem algumas dificuldades, como distância...

Tenho.

Teve algum problema de vaga na escola, não?

Vaga?

É. Vaga na escola, teve problema?

Não, não tem.

O problema é a distância. Tem que ir de ônibus?

Isso.

E o posto de saúde?

Também, porque eu tô acostumada a ir em um posto, aí já depende de passagem, muitas vezes a gente não tem passagem e tem que ir a pé.

A senhora acha que estudar é importante?

É importante.

Por que a senhora acha que é importante estudar?

Porque para ser alguma coisa na vida, saber ler, escrever, ser alguma coisa no futuro.

E cuidar da saúde, ir ao posto de saúde, para senhora é importante?

É importante.

A senhora já achava importante antes do Bolsa Família?

Sim.

O que a senhora acha que os filhos devem aprender em casa? O que a senhora acha que a família deve ensinar em casa?

Em casa, aprender muita coisa. Eu, no meu pensamento, educar, ter respeito com uns aos outros, ter higiene com os dentes, com as mãos. Tudo isso eu acho importante. Não dizer nome, respeitar os vizinhos, que eu acho certo, porque os meus respeitam, se não respeitar, eu tomo uma atitude. Eu acho isso.

E com relação ao que os filhos devem aprender na escola? O que a senhora acha que eles deveriam aprender na escola?

As leis, ter respeito com as professoras, com a diretora, com os alunos...

E a senhora acha que eles estão aprendendo o que é certo na escola, que a escola é boa?

Tão, tão. A escola é boa. Eu creio que é, porque eles entraram agora nessa nova, mas eu creio que é.

O que a bolsa significa para senhora? O dinheiro do Bolsa Família.

Muita coisa. Eu dependia desse dinheiro para comprar uma fruta para eles comer, que eles tem vontade de comer uma fruta, um lápis, um caderno, uma borracha...

A senhora gosta de receber a bolsa? É bom receber a bolsa?

É bom.

A senhora preferiria não receber a bolsa e ter outra fonte de renda ou não?

Não, preferiria porque eu ia ter da onde? Se tivesse, como não tem, né, ter um dinheirinho a mais, aí sim, mas como não tem...

A senhora já teve problema de perder a bolsa?

Já, já tive.

A senhora tinha medo de perder a bolsa?

Tinha.

E a senhora acha, quando a senhora perdeu, foi uma coisa constrangedora, vergonhosa ou não?

Foi, foi.

A senhora se sentiu envergonhada por perder ou não?

Foi, porque muitos estavam recebendo e dizia para mim “ai, já recebi a minha bolsa, nós recebemos, tu não por quê?”, daí eu ficava sem jeito, né?

A senhora teve problemas com o filho no colégio? Qual foi? Uma filha, um filho, todos...

É, foi o Jonas e a Talita, que o José é o mais, assim, pra estudo, não precisa nem mandar. Já é dos primeiros que está na aula. Faltaram três, quatro dia, só que eu acho errado, que eles botaram sem falar com a família, sem perguntar o que aconteceu, que é que houve.

E o que houve que eles precisaram faltar aula?

Foi por isso mesmo. Faltaram porque eu não tinha voz que falasse mais alto.

Eles são adolescentes, não?

São. Como eu trabalho na rua, no carrinho, eu quando eu estava morando na Diário, eles faltavam porque eles queriam. Não tinha um para mandar em nada. Depois, eu disse: “não, agora vai ser do meu jeito”. Aí foi o que aconteceu, eles pegaram e botaram as falta.

A senhora acha que eles gostam da escola, não?

Gostam. Gostam.

Gostam da escola, faltaram por bobagem.

É, para jogar bola, essas coisas.

A senhora tem uma ideia do que é o Estado?

Não.

O que a senhora acha das obrigações que o Estado impõe? As obrigações que o Estado impõe são as leis, por exemplo, as regras do Bolsa Família são algumas obrigação. O que a senhora acha disso?

Eu acho certo.

A senhora acha que elas deveriam mudar, ou são boas assim como são?

Não, são, para mim, não tem do que reclamar. As regras são até boas: não faltar aula, não faltar médico. Eu acho que é certo.

E a senhora acha que o Bolsa Família deveria ter regra, ou deveria pagar a bolsa sem regra?

Deveria, porque muitas crianças, às vezes, não querem ir no colégio, não vão no médico. Eu acho que é certo.

A senhora tem muitas amigas, vizinhas ou irmãs com a família no Bolsa Família? Ou não?

Vizinha? Tem, tem bastante.

A senhora sabe se elas cumprem as regras?

Olha, isso eu não sei.

Nem sabe se elas já perderam a bolsa alguma vez?

Já, já perderam. Umas quantas perderam.

E senhora sabe o que é inclusão social?

Não.

A senhora se sente parte da sociedade?

Se a gente se chama para conversar?

Tudo. Desde se sentir incluída na cidade, quanto aos serviços... No todo.

Não. Não.

A senhora não se sente incluída?

Não.

Por quê?

Porque, não sei.

E a senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora, pela sua família?

Não, não faz. Um que está fazendo agora é essa da bolsa escola, que está ajudando. Tava ajudando, como eu fui cortada... Não sei o que vão resolver, se vão continuar me dando ou não... Porque, para mim, fazia falta.

O que a senhora acha que é família? O que é família para senhora?

Família é que quando tudo unido. Tudo se respeita. Tudo unido.

A senhora acha que tem que ser xxx pessoas, ou pode ser mais amplo, pode ser maior?

Pode.

O que seria ser maior?

Maior assim, tudo unido, tudo junto, conversar, se unir, que eu acho...

Quais são os componentes que a senhora imagina que tem que ser na família? Os integrantes. Quem faz parte da família?

Dentro da casa que mora?

É.

Faz parte só eu e meus filhos.

E qual a senhora acha que é o seu papel de mãe na família? E qual o papel dos filhos?

Papel de mãe é poder mandar, poder educar, poder ensinar como é que é as coisas... É isso.

E qual a senhora acha que é o papel dos filhos?

Papel dos filhos é respeito, que eles tem que respeitar, e dar as regras que a gente ensinar. Ir na aula, não faltar aula. Faz isso, aquilo outro, acho que é.

Muito obrigada.

Entrevista 7

Codiname: Margarida

Dia: 16 de abril de 2009

Região: Sul-Centro Sul

Qual o objetivo de um programa de transferência de renda como o Bolsa Família?

O João faltou um pouco, mas ele teve motivo. Ele faltou porque eu tenho que sair cedo, tenho um filho preso, um, não, eu tenho três filho preso, o mais velho, tem dia que tenho que sair, daí, não tenho quem fique lá com os pequeno, eu tenho criança de dois ano, tenho criança de quatro ano, daí, não tem quem fique, daí, eu deixo o João. Eu digo: hoje, tu não pode ir porque tu tem que cuidar dos pequeno. Porque tem os guri grande, mas os grandes às vez trabalham. E outras vez também, esses dias atrás, ele pegou daqui uns atestado para fazer uma identidade, que ele tinha feito e aí ele perdeu. Até nós fomo para fazer, mas chegemos fora do horário, aí, não deu e voltamo, gastamo com passagem. E agora tem que fazer de novo porque não foi feito, assim, fomo, mas não deu, mas temos que fazer de novo porque ele precisa da identidade para, como nos falaram aqui no Cecopam, para conseguir serviço, para ter o primeiro emprego dele tem que ter um documento.

Que idade ele tem?

O João tem 14.

Só ele faltou ou mais alguém em casa?

Tem também o José que estava faltando aula e inclusive saiu da bolsa. Só que o José tem anemia, às vezes doem as pernas, faltas de roupas. Às vezes, também o João fala

para mim, mudando de assunto de um filho para o outro, o mais velho não quer estudar em colégio que não tem lanche, e é por isso também que às vezes ele falha. É essa parte do alimento, do almoço. Café ele vem e toma aqui, almoço ele também almoça aqui, agora, né, mas antes ele e o outro não conseguiam comer para o colégio, porque o mais novo não freqüentava este posto, ele parou um tempão.

E a senhora chegou a perder a bolsa?

Eu perdi uns dois meses. Foi uma vez em que eu vim falar com a guria aqui, com a guria da bolsa daqui. Aí, ela encaminhou, e eu recebi 160 reais. Chegou a faltar dois ou três meses, acho que na época do colégio que não veio, mas depois eles me deram. Só que realmente agora eu recebo 80 reais.

O que a senhora pensa sobre o Programa Bolsa Família?

Olha, ele é uma coisa boa pra gente que não tem nenhum benefício porque como eu, eu não trabalho, meus filhos os três tão desempregados, os mais velho, com essa bolsa dá pra comprar uma roupa, uma comida para eles comerem. É pouco, muito pouquinho, super pouquinho, mas dá igual, né. Ele compra uma roupa para ele, pega nem que seja 40, 50 reais e compra uma roupa para ele. Só que eu, eu realmente não consegui até agora ter um negócio, ter qualquer coisa e fazer, porque o dinheiro é muito pouco e eu não trabalho, e os meus outros filhos trabalham, mas ganham certinho, sabe, só fazem biquinhos, assim, não é serviço de carteira assinada. Se os meus filhos mais velhos fossem empregados, bem empregados, de carteira assinada, e ainda eu ganhasse essa bolsa, porque no caso talvez eu nem precisasse ganhar, daria, mas não dá para fazer quase nada com 80 reais, mas quebra bastante o galho bastante.

E a senhora gosta de receber a bolsa?

Não. Eu até gosto porque eu preciso, gosto porque eu preciso, mas eu queria, no caso, que os meus filhos pudessem estar bem empregados para não precisar, deixar até para quem precisasse, porque eu preciso, tenho necessidade, tenho necessidade mesmo de receber. Sei que tenho um monte de filho, mas a maioria é maior de idade, uns não moram comigo, uns moram, e tem os pequenos também e neto, neta. Por isso, eu preciso, mesmo.

A senhora sabe como funciona o programa, se tem regras, se não tem regras?

Sim, diz que a gente não pode deixar os filho falha no colégio. Não pode deixar o filho faltar o colégio, senão, o governo tira. Realmente, os meus filhos, às vezes, faltaram e foi suspenso por causa disso. Eu estive falando com a menina aqui na outra vez.

A senhora acredita que o programa pode fazer a sua vida e a da sua família melhor?

No caso, por um lado, sim, né, porque enquanto a gente está recebendo isso aí, a gente fica naquela obrigação pelo menos de não deixar os filhos faltarem aula, né. Só por muita necessidade. O João um monte porque eu tive que ir aqui, ir ali, e eu não tenho com quem deixar as crianças, e ele é o maior da casa. A não ser os outros que trabalham em biscate, ele é o mais grande da casa. Depois, vem a Maria, porque a minha outra neta mora com o pai dela.

E a senhora acha que o programa pode fazer melhor para a sua vida para o futuro também ou é só para o momento?

Para o futuro para as crianças pode porque as mãe precisam daquela bolsa, precisam, daí, elas tem que se sentir na obriga e não deixar os filhos falha aulá, n.

A senhora tem dificuldades para cumprir as regras?

Não, eu até gosto. Não gosto que meus filhos falhem a aula, mas quando eu preciso, tem que falhar, eu vou em cadeia, eu tenho filho preso. Isso é normal dizer, todo mundo está

preso hoje em dia. Eu tenho filho preso, eu vou à cadeia, eu tenho que ir em médico, daí, não tendo outra pessoa maior, eu peço por João ficar em casa cuidando deles. Por isso, ele falta aula, e o José por outros motivos.

Há problemas de falta de vagas no colégio ou de falta de transporte até o colégio?

Tem também. Mais quando eu estava lá, que eu me mudei, isso faz quase um ano, tipo, faz um mês que eu me mudei aqui para Resvalo. Eu morava no Loteamento Cavallhada. Eu estava morando em uma casa lá desde que saí do meu terreno, fui despejada do meu terreno, aí fui morar na Cavallhada. Daí, o João também falhou muita aula porque tinha que ir a pé. Aí, ele perdeu a carteirinha e ficou um tempão também sem ir na aula. Ele vinha na aula, mas tinha que vir a pé e acabou cansando: “ah, eu não vou mais na aula porque não tenho carteirinha”. Ele perdeu porque os motoristas dos ônibus pegaram a carteirinha. Ele ficou sem carteirinha um tempão. Claro, que também por relaxamento porque já era para eu ter ajudado ele a encaminhar. Na real, eu não tenho muito tempo quase para nada. Eu deixo em casa este monte de crianças, o Angélico, que mora em casa, trabalha, o Manoel, também, que são os meus maiores que eu tenho em casa. Tem uma nora que mora comigo, mas ela também tem os problemas dela.

A senhora acha estudar importante?

Eu acho. Mesmo que eu nunca tenha estudei, mas para os meus filhos eu acho muito importante porque eu vejo por mim: a minha mãe, claro, antigamente, não me deu nem um estudo, nunca me botou num colégio, e eu não vou agora, acho que de relaxada porque eu podia bem ir, mas acho que eu penso errado, penso “o que eu quero? Eu vou é dar estudo para os meus filhos, para que eu vou freqüentar fila para ir pro colégio, fazer isso e aquilo? Eu quero é que meus filhos estudem”, mas eu não acho mais graça,

não falo isso para eles, mas não acho graça nenhuma. Eu era para estar estudando porque eu não sei nada, não sei nem ler um ônibus, não sei nada.

A senhora acha importante ir ao posto de saúde, cuidar da saúde?

Acho. Agora inclusive o João tem cirurgia marcada, ele tem um monte de coisa. Tem que fazer uma cirurgia, lá em baixo, no pênis, esta aqui [criança que a acompanha] tem que fazer a dos olhos, porque não vê, nos olhos que é mais grave. Eu tenho um monte de coisa. Estou me vendo é com as passagens: um montão de exames que tenho que fazer e lá pelo Conceição ainda. Montão de exame que tenho que fazer: de sangue, do estômago, esse da azia que fazem, para ver o que eu tenho no estômago. Eu sofro muito. Quando eu estou doente, não gosto de cuidar das crianças. Daí, eu me deito, fico apertando o estômago, tomo um remédio para passar a dor. É uma dor muito terrível a que eu tenho.

O que é importante os filhos aprenderem em casa?

Acho que é importante fazer os filhos aprender, quando vem do colégio, eles tem que fazer os estudos e ajudar as mães, fazer algum serviçinho dentro de casa, varrer um pátio, lavar a loucinha onde almoça. Seja homi ou seja guria. Eu ensino os meus.

E o que é importante aprender na escola?

Acho que o mais importante para os meus filhos, como até já falei no colégio, é que, tem várias atividades no colégio, só que, várias não precisa, eu digo: vai nas mais importantes, nas mais importantes e que sejam boas para o teu futuro, computador, essas coisas, por exemplo. Ontem mesmo, meu filho disse que a minha neta está indo a todas as atividades, mas não precisa, a gente precisa das crianças em casa, não podem ficar direto no colégio. Vai para as atividades de manhã, vem, vai de tarde para o colégio, deixa só uma atividade, a mais importante, a mais importante que vai ser boa

pro futuro. Já falei pro João também: o que tu faz no Cecopam? Se tu só brinca lá, tu tem que fazer algo que vai ser bom pro teu futuro. Já perguntei para ele: tu trabalha, tu fica solto, o que tu faz lá? Daí ele diz: “bah, mãe, tem muita coisa boa lá. Eu faço oficinas, um monte de coisas”. O que eu acho importante é eles aproveitar alguma coisa utilizável, coisa importante, utilizável pro futuro.

A senhora tem medo de perder a bolsa?

Se eu perder, realmente eu não vou ter nem como dar nada para os meus filho comer. Porque, com essa bolsa que eu pego, eu compro uma comida, um ranchinho, pouco, mas quebra o galho, porque se meu filho faz um biscate hoje, ele pega 20, 30, 40 real, mas isso aí não é nada, não é contínuo, é de vez em quando, quando aparece. Ele podia tá trabalhando, mas eu vou segunda, sexta-feira, pego um troco, uns cento e pouco por aí, ele vai e me dá uma parte, é natural porque ele é maior de idade, né.

A senhora acha vergonhoso não cumprir as condicionalidades e perder a bolsa?

Não, realmente, eu não acho que seja uma coisa vergonhosa. Eu perder a bolsa, eu achar que seja uma coisa vergonhosa, eu não acho. Só acho que vai ficar ruim para mim porque é um dinheiro que não entra.

A senhora acha que o programa deve ter regras, como ir ao colégio, ao posto de saúde?

Mas é correto. Porque, geralmente, vou falar bem a verdade, geralmente, se as mães realmente precisarem desse dinheiro que o governo dá, as mães tem que atender as regra direito, mesmo, para o bem do próprio filho. Geralmente, vou dizer, mãe já atende aos próprios compromissos porque elas querem e precisam daquele dinheiro. Bom, eu, Deus o livre, eu quero que meus filho estudem. Sempre quis, fico ali em cima para botar meus filhos no colégio. Só que eles falham, às vezes, por outros motivo.

A senhora tem amigas, parentes, vizinhas no Bolsa Família?

Sim, tenho várias.

A senhora sabe se elas cumprem as regras?

Não, eu não sei porque não me comunico com vizinhos, mas vou dizer assim: existe, eu não me comunico com ninguém, mas que existe, existe, pessoas que deixam os filhos irem para o colégio até porque precisam, não que seja interesse dos filhos estudar, de repente. Eu não convivo com amigos, não vivo em casa de amigos. Só fico dentro de casa. A gente sai pra ir no foro, pra ir no presídio...

A senhora sabe o que é o Estado?

O Estado é o nosso país? É isso?

O que a senhora acha das regras que existem dentro do país?

Tem muitas coisa que deveriam mudar, mesmo, no nosso país. Tem muitas coisas. A TV, às vezes, eu olho. A minha filha emprestou a TV dela pro meu filho lá, daí, eu vejo. Eu olho na televisão que tem muitas coisa que deveriam mudar.

A senhora sabe o que é inclusão social?

Inclusão? Não.

A senhora se sente parte da sociedade, incluída na sociedade?

Ai. Na sociedade? Como assim?

A senhora se sente incluída na cidade, no Estado, no país? A senhora acha que pode utilizar os serviços que existem, que a senhora tem uma vida na comunidade, que se sente incluída nessas coisas todas?

Não porque, de repente, pra mim me sentir incluída nessas coisa todas, eu tinha que ter comunicação com alguém, mas a única comunicação que eu tenho, mesmo, é com os

próprios filhos, com a própria família, é indo no foro, conversando, é indo em presídio.

Porque eu não me comunico com mais nada.

A senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora e pela sua família?

Acho que ninguém, realmente, nos tempos aí que estamos vivendo, ninguém quer fazer nada por ninguém.

O que é família para a senhora?

Família para mim é meus filhos, minha família mesmo, minhas filhas, meus filhos, meus netos.

O que a senhora acha de importante de princípios dentro da família?

Eu acho, assim, que seja o estudo dos filhos. Como eu não tenho, pelo menos eles.

Qual é a responsabilidade da mãe dentro da família?

É isso aí, é ter compromisso com os filhos.

E qual é a responsabilidade dos filhos?

É ter compromisso com as coisas, como colégio, e com o conselho das mães. Obedecer, ouvir.

Entrevista 8

Codiname: Rosa

Dia: 20 de abril de 2009

Região: Restinga e Extremo-Sul

Eu queria saber o que tu pensa, no geral, sobre o programa Bolsa Família?

O que eu penso? Eu acho legal o Bolsa Família. Foi bom, bah. Ajudou um monte quando eu estava pegando, que eu comprava roupa para minha guriuzinha menor, que foi até, foi a minha cunhada, ela tirou na loja que ela comparava a cartão, e eu pagava todo mês um tanto. E agora eu não posso comprar mais nada, porque eles bloquearam, porque eu tirei minha guriazinha mais velha do colégio, porque bateram nela no colégio.

Foi caso de violência no colégio?

Foi. Foram umas dez, eu acho, que bateram nela. Na hora do recreio, ela saiu para ir no banheiro e daí pegaram... Bateram a cabeça dela na parede e derrubaram ela no chão e chutaram ela no chão até se mijar todinha. Ligaram pra mim, que eu estava nessa minha cunhada, ligaram para mim, daí, eu e minha cunhada, a gente fomos buscar ela no colégio.

O que tu acha que as crianças, os adolescentes, as pessoas em geral deveriam estar aprendendo no colégio?

Eu acho que eles devia aprender o que é para aprender, para ser alguém na vida, não para ficarem brigando, se matando... Porque eu ensino pras minhas gurias que colégio é lugar de estudar, não pra briga. No outro colégio, lá no Chapéu do Sol, quando eu

morava lá, elas sempre se deu bem com todos os colega, com todos, desde pequenininha, nunca brigou, nunca ninguém bateu nela lá.

Aí tu tirou ela do colégio porque tu ficou com medo?

Não. Lá, quando eu morava no Chapéu, eu tirei ela do colégio, porque eu vendi minha casa lá e vim morar para cá. Daí, aqui eu botei nesse colégio e depois eu vi que começaram a se encarnar nela e aí bateram nela...

Aí ela parou de ir por medo?

Daí, começaram a ameaçar ela porque disseram que se botasse a guria, essa que arrumou o grupinho para bater nela, disse que se elas tivesse botado ela no Deca, ela ia arrumar mais um monte de guria e espancar ela, fazer coisa pior com ela. Daí, cada vez que ela chegava no colégio, ela passava mal, ela vomitava, ela sentia dor de cabeça...

Daí antes que desse um troço nela, se ficasse pior... Daí eu tirei.

E sobre o programa? Para que tu acha que serve o programa?

Programa?

O Bolsa Família.

O Bolsa Família serve para um monte de coisa, para comprar alimento, para comprar remédio, roupa...

E tu sabe como é que ele funciona, se ele tem regras, se ele não tem regras...

Eu acho que a regra dele, do Bolsa Família, acho que é uma vez por mês. Todo dia certinho pegar. Todo dia, quando eu pegava, todo dia certinho, eu recebia.

E tem alguma regra que a família precisa cumprir, para não perder a bolsa?

Ah, não sei.

Tu acredita que o Bolsa Família pode fazer a tua vida, da tua família melhor no presente?

Eu acho que pode.

Por que tu acha?

Porque ajuda, porque meu marido ganha pouco, mal dá para comprar comida. As minhas conta de água, já não pago mais, porque não sobra dinheiro, né. Daí, o Bolsa Família ajuda.

E tu achas que ele pode ajudar pro futuro da vida tua e da tua família ou mais é momentâneo?

Acho que sim.

Tu acha que pode ajudar como, pro futuro?

Como assim?

O que tu acha que ele pode fazer de diferença pro futuro, em que elemento da vida, assim, que coisas que ele está ajudando hoje que podem ficar pro futuro com bons resultados na tua vida?

Ah, um monte de coisa, um monte de coisa melhor.

Tu tem dificuldade? Assim, porque o programa tem algumas regras, por exemplo, o filho não pode faltar aula, criança pequena tem que ir no posto de saúde... Tua família teve alguma dificuldade para cumprir essas regras?

Não... Só a minha guria, essa que apanhou; mas as outras, as outras não tem nada e vai pro colégio.

Tu tem alguma dificuldade do tipo assim: é muito longe, não tem ônibus, alguma coisa, ou não? Não teve vaga...

É... É que o colégio mais perto leva vinte minutos, então, dia de chuva, é ruim de levar ela. Que às vezes, a minha menor, quando tá chovendo muito forte, daí não dá, porque se eu chegar lá no colégio, vou ter que voltar de novo, porque ela vai tá toda molhada.

E você não tem o Vou Escola?

Não.

Tu acha que é importante estudar?

Eu acho que sim.

Por quê? Por que tu acha?

É importante por causa que... Eu, como eu não tive estudo, meu pai e minha mãe nunca deram estudo, então... Para arrumar serviço, para qualquer coisa, tem que ter um estudo.

E tu acha que é importante cuidar da saúde dos filhos?

Acho.

Por que tu acha que é importante cuidar da saúde?

Porque é bom, porque tem um monte de tipo de doença, muito tipo de doença aí, tem aquela febre amarela, dengue... É bom.

E o que tu acha que os filhos deveriam aprender em casa?

Ah, aprender a ter higiene, tem de varrer a casa, o pátio, para não dar mosquito da dengue... Tudo isso.

E tem princípios que tu acha que os pais devem ensinar pros filhos? Tu gostaria de passar alguns princípios pros filhos, nessa educação de casa?

É... Eu ensino, eu ajudo... Eu limpo toda a casa, mas eu dou uma regra para ajudar a limpar, a cuidar. A minha guriuzinha é bagunceira, tem sete anos e é bagunceira. Bagunça tudo. Então, às vezes, eu xingo ela: “não bagunça...”.

Tu tem filho homem também, não?

Tenho.

Ele também aprende as mesmas coisa? Aprende a ajudar na casa?

Às vezes ele ajuda. As meninas ajudam mais.

O que significa a bolsa do Bolsa Família, o dinheiro, na vida tua e da tua família?

Ah, significa bastante, bah. Ajuda a comprar comida, leite...

E tu acha bom receber essa bolsa?

Porque me fez uma falta agora. Porque os material tudo, eles ganharam de uma amiga minha, porque eu não tinha dinheiro para comprar. Que o Bolsa Família ia comprar.

Além da bolsa, que a bolsa é uma renda? Uma fonte de renda, o Bolsa Família. Tu acha que teria outra forma que tu preferiria ganhar dinheiro? Uma outra fonte de renda que tu acha mais ideal que ter a bolsa?

Eu acho que trabalhar, né?

Tu preferiria... Se tu tivesse trabalhando num trabalho e ganhando, tu continuaria na bolsa ou não receberia mais a bolsa?

Se eu tivesse trabalhando, ganhando bem, eu acho que eu deixaria para outra pessoa que precisasse, mais pobrezinha.

E tu preferiria trabalhar, preferiria que o dinheiro viesse do trabalho, ou acha que a bolsa é bom?

Da bolsa é bom; mas do trabalho, é melhor ainda. Mas como eu não consigo serviço, porque eu nunca trabalhei de carteira assinada, sempre fui dona de casa, então, eu sempre olho no jornal. Ai, tudo pede com referência, com experiência, eu, como não tenho experiência na rua, então...

Antes de perder a bolsa, porque agora já aconteceu, tu tinha medo de perder a bolsa? Sentia medo?

Sentia, porque ajudava, né.

E o que tu sentiu quando foi cortada?

Ah, fiquei tri mal. Porque já estava acostumada todo mês ir ali pegar, comparar coisas paras crianças, roupa...

E tu acha que é constrangedor ou é vergonhoso não cumprir as regras do Bolsa Família e correr o risco de perder? Por exemplo, chegar aqui no centro, falar com os funcionários e admitir que perdeu a bolsa porque o filho não foi pro colégio, você acha isso vergonhoso, constrangedor?

Eu não acho, por causa que faz falta para gente. Eu acho que é um direito que a gente tem, e eu não fico com vergonha.

Tu tem algum ideia do que é o Estado?

Não.

E o que tu acha das obrigações que são impostas por esse Estado? Por exemplo, as leis, as próprias regras do Bolsa Família, o filho não pode faltar aula, tem que ir no posto de saúde. Isso aí, são tudo regras que o Estado obriga as pessoas a cumprir. O que tu acha das regras em geral que o Estado impõe?

Eu acho legal.

Tu acha que elas são boas, elas deviam mudar, tu concorda?

São boas. Concordo.

E o Bolsa Família, tu acha que devia ter essas regras?

Acho que sim, porque é bom ter as crianças no colégio, eles vão ver que tão comprando coisas pras crianças. Que no tempo que eu era pequena, no tempo do ticket de leite, então, eu achava errado, porque meu pai e minha mãe, meu pai pegava os ticket e em vez de pegar o leite e dar pra nós, eles pegava metade da cartela para comprar cigarro, pra comprar cachaça, meu pai trocava os tickets por cachaça, por cigarro, eu achava isso errado. Eu e meu marido, a gente não fuma e não bebe. Eu acho errado.

Então dinheiro do Bolsa vai mesmo para alimentação...

Vai para alimentação, para roupa.

Tu tem vizinhas no Bolsa Família, ou irmãs, amigas?

Tenho uma irmã, mas só que ela mora lá no Belém Novo.

E tu sabe se elas cumprem essas regras do Bolsa Família?

Não sei, não.

E tu sabe se alguma vez a bolsa delas foi bloqueada também?

Não, acho que não, porque a minha irmã, ela tem os dois filhos dela pequenininhos.

Agora que um deles entrou pro colégio, este ano.

Eles eram bebês, então não iam pro colégio.

Não.

Tu sabes o que é inclusão social?

Não.

Tu te sente parte da sociedade, parte da comunidade, das pessoas que conseguem ir no serviço, ser bem recebido... Tu te sente incluída na sociedade?

Acho que não.

Tu sabe se a sociedade faz alguma coisa por ti?

Não sei.

O que é família para ti?

Ah, família é está ali junto, um valorizando o outro... Acho isso muito importante.

É isso, muito obrigada.

Entrevista 9

Codinome: Violeta

Dia: 20 de abril de 2009

Região: Restinga e Extremo-Sul

Eu queria saber o que tu pensa sobre o programa Bolsa Família. Na visão geral, o que tu acha desse programa?

Ótimo. Ótimo para quem não trabalha, por enquanto, porque eu não tô trabalhando por enquanto. Está sendo muito útil.

Para que tu acha que esse programa serve?

Beneficiar os mais necessitados. Tem gente que não precisa. Então, para mim, é isso aí.

E em que tu acha que ele mais ajuda?

Depende do caso. Cada caso é um caso. Eu tenho os meus pequenos, o que ajuda pros pequenos é fralda e leite, o alimento. Já para quem tem os filhos maiores não vai usar fralda e leite, vai usar roupa, material.

E tu já teve algum problema com os pequenos para ir pro colégio? Tem filho estudando?

Tenho.

Já teve algum problema de não levar, de não querer ir, algum risco de perder a bolsa?

Não, não. Eles sempre vão. Só não vão quando tem muita chuva. Eu moro na Velha e estudo aqui no Cecores, fica muito ruim para trazer. Eu tenho que fazer uma transferência.

Isso é uma coisa que eu ia perguntar. Você teve problema de vaga, de transporte, o colégio é longe. Teve algum problema desse tipo?

Tive.

Qual problema?

Eu não consegui colégio pro meu filho de seis anos. Aí demorou e agora ele começou a estudar, depois de um mês.

E o colégio é longe?

Sim, é nesse aqui. No caso, eu moro lá na Velha. No final da Patrocínio, que já é um colégio, pra mim, seria melhor ali perto. Que levar eles, de repente, assim, no inverno, como eu trago eles junto com meu bebê, fica ruim de trazer os dois sem o guarda-chuva. Ah, eu tenho medo de ele faltar mais no inverno.

E tu entende como o programa funciona, se tem regra, se não tem regra?

Eu sei que tem regra, mas qual tipo de regra... Tem que pesar no posto; as vacinas, em dia; e as crianças, no colégio. Se tem mais, aí eu não sei.

Tu acredita que esse programa pode fazer a tua vida melhorar e a da tua família, dos teus filhos?

Melhorar? Mais ainda?

É, melhorar, a vida pode ser melhor por causa do programa.

Sim, eu acredito que pode ser melhor, a gente não sabe do futuro.

E pro futuro, tu achas que pode melhorar? Tu achas que o programa pode deixar sementes pro futuro, ou ele é só um programa pro momento mesmo?

Não acho que seja o momento, eu acho que é mais do que isso, né; a bolsa, tenho, já faz um tempo já. Então eu consegui desde o primeiro ano que eu me inscrevi, eu consegui e

até hoje, aos poucos, aos poucos. Tô indo, estava com três, agora tô com quatro, cada ano aumenta um pouquinho. Para aumentar, eu recebia 95, depois passou pra 112, mas deu acho que uns três anos só para aumentar para 112, e agora aumentou para 128.

E tu acha que esse dinheiro que tu recebe e as regras do programa, elas podem fazer um futuro melhor para tua família? Ou é só no momento?

Não é momento, né. Momento não é a palavra que a gente fala, mas é uma ajuda sim. No caso, tu tá trabalhando e tem um salário mínimo, aí, sim pode ser, a bolsa não está sendo mais útil. Então tem gente que descarta, que não precisa usar a bolsa. Bolsa Família, ela é mais útil para quem não trabalha, porque a gente fica tri feliz quando vai receber a bolsa: “ah, vou receber a bolsa”. Que nem eu, quando eu vou receber a bolsa, a família tem que ir toda comigo.

Tu acha que é importante estudar?

Estudar? Sim, lógico. Eu fiz o Pró-Jovem, parei, também, eu queria continuar, mas agora é só por lá...

E pros filhos, tu acha importante estudar?

Sim, porque estudar... Melhor do que eu que parei nova, com 15.

E cuidar da saúde, ir no posto, tu acha importante cuidar da saúde?

Sim, minha ou deles?

Tua e deles.

Sim, eu acho importante, sei que eu relaxo do meu lado, mas deles, não. Eles eu levo direitinho. Praticamente estão sempre doente.

O que tu acha importante pras crianças aprender em casa?

Importante? Educação, né. Importante, é muito importante, mais do que... Eu não consigo, não sei se o meu jeito é certo, de educar, mas eu tento. Eu tenho quatro, são todos menores, o mais velho tem nove, e lá é só eu, então é do meu jeito. Não tem o “ah, do jeito do pai é melhor”, não tem só o jeito da mãe, a mãe já tem um jeito meio rude, eu sou meia ruim, né? [risos] “Ah, mãe, eu posso isso?” “Não!” “Ah, mãe, eu posso aquilo?” “Não!”. Aí vem a avó: “ah, mas tem que deixar o guri...”. “Não, mãe, não pode vir aqui dizer outra coisa, porque a mãe tem que ser firme que nem o pai”, que é mais firme que a mãe, a mãe que amolece. Aí a vó: “vai lá, pode ir lá, deixa ele brincar, não vou deixar de castigo”. Eu acho que o certo a educação é assim, tem que ser um pouco rude, mas tem que ser um pouco boa também.

E quais são os princípios que tu ensinas, que tu acha mais importante eles aprenderem?

Eu acho o mais importante de tudo isso, no caso, assim, ó, é quando eles estão na época do colégio, aí eles são pequenos, aí tem aquelas crianças meio mal-educadas que vai, bate, faz o que quer, fala um monte de porcaria. Aí, o que tu faz? Tu vai, apanha, fica chorando, ou tu vai dar, manda eles... Aí, voltam pra casa, e sabe, que eu peço, que eu falo pro João: “se alguém for dar em ti, por mais que doa o tapa, não dá nele, fala com a professora”. Aí eles falam: “não, mas eu falo, mas a professora não faz nada!”. Então, no caso, o que eu posso fazer, se eu ensino meus filhos a não bater, e se, no caso, no colégio, eles batem? “Ah, então eu vou mandar bater, né!?” Então vai ficar igual”. Aí, eu falei para professora e ela: “não, continua a fazer o que tu está fazendo. Eles não pode escapar, eles são muito pequenininho, os grandes é que vêm bater nos menores”. Aí eu fico com medo. Imagina se eu vou mandar bater, bate num maior e qualquer dia vou pro colégio, e o guri tá desmaiado lá? Que tem uma época que eles se juntam, todo mundo, e pega um. Eu tenho medo do meu filho. Imagina eu chegar no colégio e “mãe, o teu filho tá no hospital”... Sei lá... O mais importante é isso, fazer o que eu quero, né,

a coisa certa, tipo não falar palavrão, não bater... Porque o resto eles faz, tipo gritar, eles gostam de, eles gritam, também eu já tenho uma voz assim, também não paro de falar, eles também não. Eles pegam meu costume, aí eu fico meio que “ah, mas que saco, vocês não param de gritar”, que eu grito também, então...

E no colégio, o que você acha que eles deveriam estar aprendendo?

Aprendendo? Olha, eu adoro matemática, eu adoro história, então eu acho mais, não mais, melhor, eu acho melhor história e matemática. Adoro ouvir histórias. Na minha época do colégio, adorava matemática e história, mas meu filho gosta mais de matemática e português.

E tu acha que eles aprendem no colégio o que eles deveriam? Que o colégio funciona, que o colégio é bom, que ensinam o que deveriam ensinar?

Olha, pelo que eu vi, eu fiz umas pesquisas em três outros, e não deu nada. Eles recém tão na segunda e outra tá na primeira, eles tem muito ainda para aprender.

O que significa a bolsa, o dinheiro do Bolsa Família, para ti e para tua família?

Ah, significa tudo, né. Por enquanto significa tudo, enquanto não arrumar um trabalho e arrumar a creche também, para mim, significa tudo. É o sustento da casa.

Tu acha que é bom receber essa bolsa?

Sim.

Tu preferirias ter outra fonte de renda que tu acha que seria mais correta, melhor, ou a bolsa é bom?

A bolsa é boa, mas eu gostaria de ter o meu próprio, tipo, trabalhar pra aquilo. Eu ainda não to trabalhando, sabe. São cinco anos. Agora, essa com a do bebê, a creche, creche ainda, to correndo ainda.

São quantos filhos?

Quatro.

Tu és casada ou não?

Não.

Só tu e eles?

Só eu e eles.

E a tua mãe mora contigo, não?

Minha mãe acabou de se mudar, foi morar de aluguel. Só ficou eu e eles.

E tu tens medo de perder a bolsa? Tu não chegou a perder? Tu tem medo de perder?

Tenho, tenho. Imagina se eu perco a bolsa!

O que ia acontecer?

Bah! Eu ia chorar. Lógico! De onde é que eu ia tirar? Imagina!

A bolsa é a tua única renda?

É a única. Eu vivo agora com 60 pila. Da minha bolsa, só o bebê. Bebê gasta demais.

E quando aconteceu de tu receber aquela cartinha?

Ah, eu tomei um susto! Eu recebi ali... Não veio o dinheiro, primeiro veio aquele papel: “pela primeira vez você descumpriu com as regras”, uma coisa assim. Aí eu: “mas que regras? Eu não sei o que eu fiz! Mas porque o dinheiro saiu... Ah, o dinheiro!”. Eu acho o seguinte... Já tenho tudo contadinho, na minha casa é tudo contadinho. Aí, antes de receber, eu já vou com uma listinha já: o leite, a fralda, as coisinhas pro mamá e depois... Que só o bebê come tudo... E depois vem os outros, porque a comida... Comida e gasto.

E tu ficou envergonhada, constrangida, por causa dessa cartinha, não? Essa cartinha te fez algum...?

Não, não fiquei envergonhada, só fiquei pensando o que era aquilo. Aí eu pensei que no outro mês eu não ia receber.

E foi uma das crianças que tinha faltado o colégio?

Olha, não sei. Tenho dois no colégio, mas qual deles, eu não sei. Ele ainda tá aqui no colégio ainda. Ah, de repente foi... Porque a gente manda as frequências, de repente descumpriu com alguma unidade de presença. De repente, eu vou ver se esse ano eles não falte tanto como no ano passado.

E os dois tem que idade? Eles são pequenininhos?

Um tem sete, outro tem oito e outro tem nove.

Os de oito e nove, um dos dois é que deve ter tido uma falta a mais?

Isso.

Tu tem vizinhas, ou amigas, irmãs que estão no Bolsa Família também? Conhecidas?

Vizinha e cunhada.

E tu sabes se elas cumprem as regras direitinho? Levam os filhos no colégio?

Não. A cunhada, não falta bastante. Ela ficou quatro ou cinco meses sem receber e ela arrumou só agora. Que ela não cumpriu. Eu falava assim: “Fabiana, por que tu não vai de uma vez arrumar a bolsa?”, ela só reclamava, “ah, nem fala, não tem nada para comer, que merda, e a bolsa também está trancada”, “também, tu não vai lá arrumar! E tu não manda os filhos pro colégio”. Ela tem cinco. O maior, acho que tem 12 ou 13, outro tem 9 ou 10, depois tem minha sobrinha que tem 8, meu sobrinho também que tem 6. Um está na creche, vai quando quer, quando ela também quer... Então todo ano

vai bloquear se não cumprir, pelo menos tem que levar eles pro colégio. Mas esse mês ela disse que ela pesou.

Ela está cumprindo mais agora?

Tá, ta cumprindo. Imagina só, tu com meio ano sem receber! Ainda bem que ela tá com meu irmão, meu irmão ajuda ela.

O que tu acha dessas obrigações impostas pelo Estado, as leis, as regras do Bolsa Família? Tu acha que devia existir essas obrigações, essas exigências?

Olha, eu acho que sim. Por mais, né, que tem gente que não goste, eu acho que é bom, ainda mais pelo negócio do colégio, né. A gente tem que levar eles todos os dias, tem gente que não quer. Tem umas crianças que já falam por si “ah, hoje eu não vou”, aí a mãe: “ah, então fica em casa, filho”. Que nem os meus às vezes também querem: “ah, mãe, eu não tô a fim”, mas eu falo “não, pode ir”. Eu gosto de ficar sozinha, arrumando minha casa tudo certinho, quando eles estão tudo em casa, me deixam em pânico: “mãe, não sei o que; mãe, não sei o que”, “mãe, não sei quem deu em mim”. Aí o outro, de novo... Mando pro colégio! Aí, fico só com o bebê.

E as regras do Bolsa Família, tu acha que devem existir, ou não devia ter regra nenhuma para receber a bolsa?

Não, eu acho que sim, eu acho que todo benefício que tem, que existe, a não ser só o Bolsa Família, eu acho que todos tem que ter regras. Eu acho útil também ter regra. Tu imagina só ir lá e pegar o dinheirinho, não se preocupar mais com nada, não sabe nem quando que vai perder. Por mais que tu não faça as coisa certa, tu vai continuar recebendo.

Tu sabes o que é inclusão social?

Inclusão social? Ah... Não.

Tu te sentes incluída na sociedade?

Incluída na sociedade, tipo, que é aqui?

É a sociedade, a vida na cidade, no país, assim, colégio, posto de saúde, tu tem rua, o clube... Tu te sentes incluída na vida em sociedade?

Sim. Eu frequento.

E tu acha que a sociedade faz alguma coisa por ti, ou tu acha que tu vive mais individual mesmo e te vira por tua conta?

Se for pensar nos recursos, eu acho que sim... Eu acho que eles também faz um pouco por nós. Imagina se tu não tem um posto de saúde, se não tem uma praça para brincar com as crianças. Até tua própria casa.

E quem é o eles? Quem é o eles que faz alguma coisa?

Proprietários, quem beneficia é eles. Geralmente, é governo, essas coisas.

O que tu acha que é família?

Família é um ser todo. Eu, tu, nós, vós, é tudo junto. Família é família. Várias vezes a gente briga, mas é o sangue. Família é um conjunto, por mais que tenha sentimentos de ódio, amor, paixão, essas coisas... Tu briga ali e tu já “ah, mas que merda! Por que eu briguei hoje?”. Mas eu briguei com meu irmão, agora tô aqui pensando “ah, que merda...”.

E qual tu acha que é a obrigação dos pais com os filhos? A principal obrigação?

Educar. Tendo uma boa educação, tu tem tudo. Eu já não tive uma boa educação, mas eu também não é aquilo “ah, tu tem tudo”, eu não tenho tudo. A gente pode falar que educação é tudo, mas acho que nem sempre educação é tudo.

E o que tu acha que os filhos têm de obrigação dentro da família? Quais são as obrigações dos filhos?

No meu caso, já que eles são pequenos, eles tem a obrigação de me obedecer.

É isso!

Entrevista 10

Codinome: Glória

Dia: 20 de abril de 2009

Região: Restinga e Extremo-Sul

[...] Para cá, só que eu não sabia que o colégio não fazia a transferência, que eu tinha que vir aqui atualizar o cadastro e a transferência pra aqui. E aqui, nessa escola aqui, começaram a dizer que ela não tava indo à escola, mas ela estava indo à escola. Aí um dia eu peguei e disse pra ela [a assistente social]: exatamente as frequências dela, mas ela não me deu, terminou o ano e, aí, agora, esse ano, elas me deram, mas ela ficou marcada, como é que se diz.

O que a senhora acha do programa Bolsa Família?

Eu acho que isso aí é bom. Tem gente que precisa realmente.

Para que a senhora acha que o programa serve?

Olha, não sei...

No seu caso, por exemplo, a bolsa serve para quê?

Olha, para mim, esse dinheiro que eu recebo, que é pouco até, que eu tô só recebendo a bolsa escola. Mas agora, para mim, está sendo muito bom, sempre foi bom, mas agora está sendo mais ainda, mas agora não tenho nem renda. Eu trabalhava fora, mas eu parei, para cuidar da mãe, virou um ano e pouco, a mãe faleceu, e eu fiquei seis meses cuidando do pai. Acho que já faz uns seis anos já que eu não trabalho. Então, um dia nós vivia da renda do pai. Mas agora ele faleceu. E aí, o pouquinho de dinheiro que ele deixou já está indo embora. Agora, esse mês, eu fui obrigada a fazer o plano de pensão

que ensina que a bolsa, né, o ticket alimentação dos meus filhos, que eles trabalham, tem uma renda. Aí, eu tenho mais uma renda que é o plano de pensão pra velhice.

Tem quantos filhos?

Eu tenho três, mas um não mora comigo.

Os outros dois estão na idade do Bolsa Família?

Estão. Um tem 11 anos e a outra tem 13 anos, vai fazer 14 agora.

A senhora cuida deles sozinha ou é casada?

Sim.

Cuida deles sozinha. A senhora conhece as regras do programa? Sabe como ele funciona?

Da frequência da escola, sim.

Posto de saúde, não?

Não, o meu guri ainda tem vacina para fazer esse ano. Tem a antitetânica, que é com 10 anos, e aquela que são três vezes, hepatite.

Dolorida! Eu já tomei. É horrível.

Tem que tomar três doses.

E a senhora acredita que o programa faz a sua vida melhor e a da sua família? Melhora sua vida?

Ajuda, ajuda.

E tu achas que ele planta melhorias pro futuro ou é só no momento mesmo?

Como assim?

A senhora acha que o programa pode ajudar de uma forma que sua vida possa ter uma melhora no futuro ou é só essa ajuda da bolsa no momento, a questão do colégio, o que a senhora acha?

Eu acho que a bolsa poderia ajudar pro futuro sim. Tipo, como eu não sei se ainda tem, que de primeiro tinha, aqueles cursinhos, onde as crianças recebiam um valor X, né, não sei como é que tá, não sei se ainda tem por aí.

E as regras que o programa tem? Há alguma dificuldade pros seus filhos para cumprir? Por exemplo, ir pro colégio, é longe, é ruim, não tem ônibus, tem alguma dificuldade desse tipo?

Não, porque eles estuda aqui dentro mesmo, o guri estuda aqui e a guria estuda na escolinha.

A senhora acha que é importante estudar?

Acredito.

Por quê?

Porque sem estudo a gente não consegue nada na vida.

E o que a gente tem que conseguir na vida?

A sobrevivência, principalmente, pra sobrevivência, tem que ter estudo para conseguir um bom emprego, senão não consegue. E mesmo assim tá difícil...

E a senhora acha importante ir ao posto de saúde cuidar da saúde?

Sim.

O que a senhora acredita que é importante ensinar pros filhos em casa, o que as crianças, as pessoas devem aprender de casa?

De casa, tem que aprender tudo o que a gente faz, desde fazer uma comida. Minha gurria de vez em quando faz, mas o guri... Mesmo assim, ele procura fazer alguma coisa que ele pode fazer no micro-ondas.

E a senhora acredita em alguns princípios que são importantes, ou não, ensinar pros filhos?

É. Ter, tem, mas eu esqueci. Sempre tem.

E no colégio? O que a senhora acredita ser importante os filhos aprenderem, as pessoas aprenderem no colégio? O que seria importante o colégio ensinar?

Em matéria de verdade? O que eu acho mais importante seria o português e a matemática. As outras matérias só se eles pretendem seguir aquilo ali.

O que a bolsa significa para senhora? A bolsa do Bolsa Família.

[risos]

É bom receber essa bolsa?

É.

A senhora gosta de receber essa bolsa ou preferiria receber dinheiro de uma outra fonte de renda que a senhora acha que seria melhor?

Seria a mesma coisa, se fosse mensal, só, e se tivesse outra fonte...

A senhora tem medo de perder a bolsa?

Tenho, na verdade eu tenho, mas...

E no caso de perder a bolsa porque não cumpriu a regra de ir no colégio? A senhora acha que é uma coisa vergonhosa?

Vergonhoso não é, né, porque as crianças tão com uma certa idade que não tem como chegar e botar eles lá dentro do colégio, obrigar eles estudar.

É difícil controlar os filhos às vezes?

É, a guria é. O outro gosta de ir pro colégio. Ela é mais rebelde. Tem dias que ela não quer fazer educação física. Ainda mais que não tem lugar para... Ela faz tratamento no psicólogo...

O que a senhora acha das obrigações que o Estado impõe às pessoas, as leis, as regras do Bolsa Família, por exemplo, a senhora acha que devia existir essas regras, elas são boas ou ruins?

Regra, eu acho que deve.

E o que a senhora acha que as regras que existem, elas são adequadas, elas são boas?

Seria mais essa da frequência das crianças, né.

E no caso do Bolsa Família, a senhora acha que deveria ter a regra, ou que deveria dar o dinheiro sem regras?

Olha, dependendo acho que muito da situação de família. É porque... É que nem eu disse: as crianças chegam numa certa idade que tu não tem como pegar e botar lá dentro e obrigar, sendo que mesmo eles indo pro colégio, a família não consegue fazer eles estudar em casa.

E a senhora tem amigas ou conhecidas, ou irmãs que estão no Bolsa Família?

Eu tenho a mãe de uma menina que eu conheço que está no Bolsa Família.

E ela cumpre as regras todas, as crianças vão no colégio?

Vão, vão sim. Ela perdeu janeiro até... Foi trancado, por um dos filhos dela que andaram faltando.

A senhora sabe o que é inclusão social?

Ihhh, até sei, mas...

A senhora se sente incluída na sociedade?

Sim, eu me sinto incluída.

E acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora, ou a senhora acha que vive mais individual mesmo, se virando por conta própria, ou tem uma vida em sociedade, que faz alguma coisa pela senhora?

Não, não tenho... Agora, ultimamente, não tem mesmo o que alguém tá fazendo por mim.

O que é família para senhora?

Família... Não tem o que explicar, mas é... Como vou dizer? Seria onde todo mundo pudesse se entender [...]

E acontece isso?

Olha, minha família é até bem grande, mas não posso contar com nenhum deles. Pra não dizer que eu não posso contar, ainda tem uma irmã ou duas que eu ainda posso contar com elas, mas a família é bem grande. Nós somos treze.

Qual é a obrigação dos pais dentro da família? Qual é o papel dos pais?

Com os filhos? Bom, eu acho que a obrigação dos pais é ensinar os filhos a educação. Educação eu acho que tem que ter. Que a vida pede para ser ensinado pelos pais, a educação sobre viver, sobre droga, sobre sexo...

Qual é o papel dos filhos dentro da família?

Seria obedecer e escutar a gente.

Era isso.

Entrevista 11

Codinome: Esmeralda

Dia: 20 de abril de 2009

Região: Restinga e Extremo-Sul

Eu queria saber o que a tu pensa sobre o programa bolsa família, no geral?

Eu acho que é bom por um tempo. Se a pessoa não tem uma renda, se a pessoa não está trabalhando, ajuda a pessoa. Só que eu acho que é muito injusto, porque tem gente que precisa, não precisa e recebe. E tem gente que precisa e não recebe. Eu sempre trabalhei, só que, no momento, eu não to trabalhando. Eu tenho um filho que é de maior, só que, além dele, eu tenho mais cinco. Ele não quer mais ir pro colégio. Vai fazer dezessete anos agora em setembro e não quer mais estudar, porque deram nele no colégio, tiraram o tênis dele, machucaram ele. Daí ele desanimou. Ele disse: “mãe me transfere para outro”, eu transferi, deram nele de novo, porque ele quer estudar de noite. Eles se acham adulto, mas não são tanto. Só que eu acho que é injusto por um os outros... Porque tem uma idade que a gente não manda mais nos filhos. Então, os filhos da gente, quando eles são pequenos, eles fazem as coisas do jeito que a gente quer, só que tem uma hora que eles não querem mais. Daí eu acho que se a pessoa não precisa, se pessoa está trabalhando, está certo. Mas o que foi que aconteceu? Eles cancelaram, e era a única renda que eu tinha.

Aí, por causa dele, cancelou de todos eles?

De todos eles, daí, eu não to pegando mais. Entendeu? Daí, assim, ó, que nem eu disse para ele: “João, tu sabe, eu sempre fui de trabalhar. Só que o serviço tá difícil, o serviço

não tá fácil. E eles têm que comer. Eu não posso sair roubando e ir presa, até porque eu sempre trabalhei. Eu trabalho desde os meus 14 anos. Só que eu vou tirar da onde? Entendeu? Daí, uns paga pelo outro. Daí, eu conversei com ele, expliquei para ele, e ele disse para mim: “tá, mãe, eu vou ver se consigo estudar de manhã. Tu vai lá, faz minha matrícula”. Só que agora não dá, porque tá feriado... Vou tentar transferir ele de novo de colégio, mas eu sei que nem eu disse para ele: “João, alguma coisa tu tem que fazer, porque tu não vai ficar sem trabalhar, porque tu é um homem, já está adulto, já é adolescente, já tem 17 anos, alguma coisa tu tem que fazer, porque tu tem que me ajudar”. Ele disse: “tá”. Só que agora eu não to recebendo mais.

Então tu sabe como é que o programa funciona, tu conhece as regras. Tem criança em idade de vacinação?

Tenho, em idade de vacinação e em idade de colégio.

E eles estão todos ok?

Todos, só ele que não. Por causa dele eu não...

Tu acredita que esse programa pode fazer tua vida ser melhor e do teus filhos?

Eu acho que pode. Porque tem gente que se acomoda e que não corre atrás das coisas.

Eu não. Não julgo ninguém. Eu acho que cada um sabe de si, só que meus filhos dependem de mim, e se eu ficar em casa deitada e dormindo, eles não etm o que comer.

Só que se eu não tiver uma vara para pescar, eu não vou tirar peixe. Porque a pessoa tem que ter. Tu vai ali no fim da linha, tu vai pedir um classificado para ti procurar um serviço, eles não te dão. Eles fazem, eles falam que é uma maravilha, mas, a gente sabe que, no final, não é. Então se tu tivesse, ó... Claro, que um mês todo tu não vai ter, mas se tu tiver um dinheiro certo dumas faxina, que tu possa pagar as passagem. “Arrumei uma faxina, eu tenho aquele dinheiro para aquelas passagens, eu vou lá, vou fazer

aquela faxina, vou comparar o classificado, vou procurar um serviço”, eu arrumando um serviço, equilibrando a minha vida, eu não preciso mais. Eles pegam aquele meu benefício e dão para quem precisa. Só que eu acho muito injusto, assim, uma pessoa que tem três andares e vai ali e pega o Bolsa Família. Tem bastante. Tem gente que mora ali na vila atrás do Assum e não tem nem o que comer e que não consegue. Entendeu? Isso que eu acho uma injustiça. Mas é assim, né?

E tu achas que o programa pode fazer a tua vida melhor para tua família no futuro também? Ou é só a bolsa no momento?

Depende da pessoa que pensa. Porque tem gente que se acomoda. Tem gente... Eu tenho seis filhos, mas quando eu tive eles, claro, os três últimos até já tinha o Bolsa Família. Só que tem gente que pensa assim: “ah, eu vou ali e pego não sei o que da assistência social, eu vou lá e pego não sei o que, eu tenho o Bolsa Família...”. Tem gente que vive só disso. Agora, tem gente que não, tem gente que “eu vou pegar esse dinheiro, eu vou investir, eu vou fazer um curso...”. Até porque isso aí não vai durar para sempre, tem uma hora que vai acabar. Eles não tem tanto dinheiro assim. E cada vez vai mais, vai mais, vai mais. Só que isso aí é da cabeça de cada um.

E tua família tem alguma dificuldade para cumprir as regras, por exemplo, o colégio é muito longe?

Não, o colégio é bem pertinho. Eu moro aqui, o colégio do meu guri é aqui.

O problema foi mesmo a questão da violência na escola?

O que é, “aham”.

Tu acha que é importante estudar?

Sim, se a gente não estuda, a gente não vira nada. Eu ia pegar um serviço no ano passado bem bom, para mim e para ele, porque ia ter plano de saúde, ia ter um monte de coisa, eu tenho muita experiência. Eu só não peguei, porque não tenho estudo.

Então é importante que os filhos estudem?

Claro! E eu to sempre dizendo para eles: “sem estudo a gente não vai a lugar nenhum. Tem que estudar”.

E tu acha que é importante ir ao posto de saúde, cuidar da saúde?

Claro! Tem sim.

E está tudo em dia também?

Está.

O que tu acha importante os filhos aprenderem em casa?

Ah, eu acho que eles têm que aprender um monte de coisas. Eles têm que aprender a ter respeito, tem que aprender a ser responsável... Que nem eu sempre digo pro João: “eu trabalho para sustentar vocês”, que eu sou sozinha, todos são do mesmo pai. Eu resolvi que eu tinha que me separar, porque não estava me ajudando e não me adianta também, né. Que eu não vou durar para sempre! Eles têm que ter responsabilidade, tem que ter educação, porque a pessoa tem que ter educação, eles tem que estudar, eles tem que respeitar as pessoas, porque a hora que eu faltar... Que nem eu disse pro João: “João, tu é maior. A hora que a mãe faltar, quem vai ter que tocar as coisas vai ser tu”. Então, eu sempre procuro passar isso para eles: que eles tem que viver a vida direito, porque a gente fazendo as coisas errado, mais cedo ou mais tarde, a gente tem que pagar. Não dá para ficar fazendo as coisas erradas a vida toda e ficar para sempre numa boa. É o que a mãe ensinou, eu tento ensinar para eles.

Como é que tu achas que se paga o que faz de errado?

Ah, tu paga de um monte de jeito. Mas eu acho assim... Como é que eu vou dizer? Eu acho que essa droga, eu converso com o João, que é o meu mais velho, vai fazer 17 agora, que não é justo as pessoas ficarem fazendo as coisas pros outros a vida toda e não acontecer nada. Sempre acontece alguma coisa. Ou pessoa vai morrer, ou a pessoa vai ser presa, e deve de ser horrível, né, a pessoa ficar presa, porque tu imagina um monte de gente num lugarzinho, assim, sem ter nada. A vida passa, tu envelhecer lá dentro. Ainda é... Quando a pessoa está fazendo a coisa errada, mais cedo ou mais tarde, a pessoa tem que pagar, né? E eu converso muito isso com eles, porque eu tenho cinco gurus. [risos]

E no colégio, o que tu acha importante eles aprenderem? O que eles deveriam estar aprendendo no colégio? O que o colégio deveria estar ensinando?

Eu acho que educação vem de casa. Quem tem que educar os filhos é o pai e a mãe. Até porque uma professora... Eu tenho cinco em casa, mas a professora dentro da sala de aula, ela tem trinta, vinte e poucos. Ela tem que ensinar o que ela tem que ensinar. Mas eu acho que eles têm que... Porque, geralmente, a criança, quando ela vai pro colégio, ela não vai pro colégio só para estudar. Ela vai para... Tem muita criança que vai pro colégio até para se alimentar, porque não tem o que comer dentro de casa. Os meus já foram. Que teve uma época da minha vida que eu estava, graças a Deus, agora to querendo melhorar... Tem criança que vai pro colégio para se alimentar, porque não tem o que comer. Não tem um café para tomar. Eles tomam o café da manhã, almoçam, já é bem melhor do que ficar o dia todo sem comer nada. Mas eu acho que a educação de agora não é mais como a de antes. Claro, o tempo passou também, né? Mas eu acho que eles vão pro colégio para aprender o que eles tem que aprender, que passam para eles, para pegar um serviço bom, para saber se portar num lugar, para saber se expressar. Eu

tenho seis filho, eu to sempre correndo atrás das coisas, atrás de um serviço, atrás disso, atrás daquilo. Tu explica por mais que tu tem que explicar, só que tem coisas que é a professora que tem que explicar. Até porque eu já to um tempo que passei pelo colégio. Se eles me perguntam, o que eu sei, eu ensino, mas... E eu acho que é isso.

E é bom receber a bolsa? Tu gostas de receber a bolsa?

Eu acho que é bom. É bom, porque, às vezes, ó, tu trabalha, que nem agora, eu to sem trabalhar, eu saí do serviço acho que faz uns onze dias, daí tu pega aquele dinheiro, tu vai lá e compra um arroz, um feijão, isso aquilo, aquilo outro, que as coisas também tão muito caras, claro que muitas das coisas também tão cara, daí se tu tem essas coisas, eles querem comer uma coisa diferente, uma bolacha, uma coisa, um leite, uma coisa, tem vezes que não tem condições de comprar. Tu pega... Até um sapato um sapato para eles ir no colégio. Que esses dias eu vi um gurizinho passando aí para ir pro colégio, um frio, de chinelo. Então quer dizer que daí ela pega aquele dinheirinho, se ela está trabalhando, fazendo outra coisa, já vai fazer outra coisa que ela quer fazer, que com esse dinheiro não dá para fazer tudo. Só que eu acho que eles tem que dar o dinheiro para quem precisa.

E tu tens medo de perder a bolsa? Medo mesmo, a palavra é medo. Tu tens medo de perder a bolsa?

Não. Se tiver que perder, tem que perder. Medo, eu não tenho. Mas que me ajudaria bastante, me ajudaria. Mas medo eu não tenho porque... Isso é uma coisa que não teve sempre. É uma coisa que faz quatro, cinco anos, isso aí. E de um jeito ou de outro, todo mundo vivia. Eu só acho que é uma injustiça. Tem gente que não precisa ganhar e tem gente que realmente precisa, que nem as pessoas que moram ali agora, tem gente que não ganha. Eu acho que isso aí é uma injustiça. Mas quem sou eu...

E tu acha que é vergonhoso, constrangedor, perder a bolsa porque um dos filhos não foi no colégio?

Não. Eu acho que é uma injustiça. Porque assim... Se há uma criança... Não que ele não seja o meu filho, ele é o meu filho, só que, se ele disser assim para mim, “mãe, eu vou sair”, ele abre a porta e vai, porque eu não posso pegar ele no colo, porque ele é maior que eu. Eu sei que ele não vai me agredir, porque ele me respeita bastante. Só que eu vou matricular ele agora no colégio, eu conversei bastante com ele, ele disse para mim: “Ah!”. Só que eu tenho que trabalhar para sustentar os outros. Eu não posso ficar vigiando ele, ele já tem 17 anos. Eu acho que é injusto um pagar pelos outros. Isso que eu acho. Eu não posso andar atrás deles. Os pequenos, eu largo na creche, eu largo no colégio, eu sei que eles tã ali, os outros dois, a minha mãe busca e leva eles pro CPM. Só que o João, eu não tenho como eu andar atrás do João, porque eu também tenho que trabalhar, sou eu por aí, eu também tenho que sustentar. Eu não posso ir... Já falei, chamei já. Só isso que eu acho, eu acho que é uma injustiça, mas...

O que tu acha das regras que o Estado impõe, por exemplo, as leis, essas coisas, tem que fazer assim, tem que fazer assado, as próprias regras do Bolsa Família?

Eu acho que depende muito. Sabe, todo mundo sabe o que é certo, o que é errado, só que tem muitas coisas erradas que as pessoas fazem e as pessoas tã sempre numa boa.

Tem uns exemplos para mim do que é certo e do que é errado?

O que é certo é que tem que ir pro colégio. Com bolsa escola, sem bolsa escola, tem que ir pro colégio, porque tem que ser alguém. Só que eu acho assim, que nem eu estava te dizendo esse negócio do João. Mais do que ninguém, é meu filho, é meu primeiro filho, que eu tive, eu quero, que nem eu digo para ele, a gente, não sei se tu é mãe também, a gente quer o melhor pros filhos da gente, ninguém vai dizer assim, eu acho que não,

pelo menos eu não penso assim, “não, tu vai lá, pega uma arma e vai lá no supermercado que nós temos que comer hoje”, eu não penso assim. Eu quero que ele estude, só que nem tudo é do jeito que a gente quer.

E com relação às regras do Bolsa Família, essas do colégio, do posto de saúde, tu achas que essas regras deveriam existir ou não, deveria pagar a bolsa sem regra nenhuma?

Não, eu acho que tem que ter regra. Já é uma bagunça, se não tiver regra, daí não dá, tem que ter. Eu só acho isso que eu to te dizendo. Tem que ter, claro, porque daí ninguém vai pro colégio, ninguém dá vacina, ninguém faz nada, ficam tudo se governando, porque daí vai ao banco e recebe tudo o dinheiro igual. Eu acho que está certo.

Tu tem conhecidas, amigas, irmãs, parentes que estão no Bolsa Família?

Tenho.

Tu sabes se os filhos delas tão indo pro colégio, tudo? Alguma já perdeu a bolsa, não?

Já! Mesmo problema meu, o filho dela também não que ir pro colégio. E ela ainda está pior do que eu, porque ela ainda paga aluguel, ela não tem ninguém para ajudar ela, ela tem um monte de pequenininho, não tão na creche. Porque os meus, eu arrumo uma passagem e vou de consciência tranquila, porque eu largo eles na creche, agora quem não tem, vai tirar da onde? Que ninguém cuida de ninguém de graça. Porque tu pode ter 50 amigo, tu tira um ou dois, só que aqueles um ou dois também tem a vida deles, também tem as coisas deles para fazer. Então eu ainda acho que ela ainda está pior do que eu, e o filho dela é a mesma coisa, ele não está indo pro colégio.

Tu sabe o que é inclusão social?

Eu sei mais ou menos.

Tu te sente incluída?

Me sinto, me sinto.

O que é inclusão social?

Inclusão social é quando a pessoa é incluída em algum projeto, algum... Porque eu tenho três filhos pequenos e três grandes. Então os três pequenos estão na creche do governo, eu não pago nada. Imagina se eu tivesse que pagar para cuidarem de três crianças pequena? Eu não tenho da onde tirar! Eu sei que ali eles comem, eles almoçam, eles vem para casa jantar. Quer dizer que já é uma preocupação a menos que eu tenho. Eu acho que é isso.

E tu te sentes parte da sociedade? Tu te sentes incluída na sociedade?

Me sinto.

Só mais uma perguntinha. O que é família para ti?

Para mim, é tudo o que eu tenho. É o que me dá força. Eu deito preocupada, me acordo preocupada, mas é o que me dá força. Meu Deus o livre! Eu... Esses dias eu estava pensando assim: “ai se eu não tivesse tido esse monte de filho”, depois eu pensei assim: “agora não adianta, porque eu já tenho”. Tão tudo ai, agora quem tem que fazer as coisas por eles sou eu, quem botou eles no mundo sou eu. E é o que me dá força e Deus o livre! Eu morro pelos meus filhos, são tudo o que eu tenho.

O que tu achas que é o papel dos pais dentro da família?

Eu acho que os pais tem que educar os filhos, alimentar os filhos, corrigir os filhos, quando os filhos estão errados. Porque eu acho que os filhos são os filhos da gente. Porque se uma mãe se drogar e um filho se drogar, tu não pode cobrar, tu vai cobrar o que se tu está fazendo a cousa errada. Então eu acho que o pai e a mãe, eles tem que ser

o mais correto que seja, quantas vezes a gente... A pessoa é de carne e osso, todo mundo é humano, ninguém é de ferro. Tu sabe. Mas procurar não fazer perto dos filhos, porque depois tu não tem o que cobrar deles.

E qual é a obrigação dos filhos dentro da família?

Ah, eu acho que os filhos têm que obedecer os pais, que nem eu digo sempre pro João. Para mim, ele é grande de tamanho, mas, para mim, é meu filho. Eu tenho seis filhos, eu gosto de todos eles igual. Eles tem que respeitar a gente, tem que ser educado com as pessoas, que nem eu disse pro João. Ele é muito bonzinho, me ajuda bastante, mas eu sempre digo para ele: “a pessoa tendo educação, ela chega em qualquer lugar”. E se esforçando também, porque tem que estudar, nada cai do céu. Isso.

Muito obrigada!

Entrevista 12

Codinome: Mel

Dia: 23 de abril de 2009

Região: Glória, Cruzeiro e Cristal

A senhora teve problema de frequência escolar?

Isso.

Com quem?

Eu tive um problema o ano retrasado por cerca de um familiar. Então deu a frequência de as criança não poder ir pra escola, porque eu fiquei muito doente, eu fiquei em tratamento. Então as criança não pode ir à escola, tá. Aí, o ano passado, eu acho que foi o ano passado, me cortaram. Eu fiquei uns três meses sem receber. Eu não recebi por três meses. Aí, depois de três meses, a minha bolsa, ela voltou, mas voltou, no início, bem menos do que eu ganhava. Eu ganhava oitenta reais. De oitenta reais, passou pra trinta e seis reais. Aí eu recebi umas duas ou três vezes trinta e seis reais. Aí, foi bloqueado meu cartão de novo. Não consegui. Fiquei três meses sem receber. Aí, daí depois, quando eu comecei a receber de novo, eu voltei a receber quarenta reais. Ele deu uma suba de quatro reais. E já perdi cinquenta e poucos reais na diminuição dele. Aí, agora em outubro, não sei se foi setembro... Não, acho que foi bem antes. Uns três meses antes, eu não recebi de novo. Aí, eu passei na Caixa, pela dava via calendário. Via calendário, via calendário. Eu olhava no calendário, pela Caixa, eu ia no mês certo, que era do calendário. Chegava lá, tavan cortado ainda. Daí, eu fui no centro social, e tudo, falei pra ela: “Pó, ão tô, não tô recebendo”. Aí, esses três meses, eles me pagaram

os três meses. Daí deu cento e vinte. Aí agora, de novo, me cortaram de novo! Aí tá, daí fui... Fiquei uns três meses de novo. Agora...

Por que cortaram?

Não sei. Por três meses fiquei de novo sem receber. Desde dezembro. Passei, em fevereiro, pro técnico, os papéis que provam tudinho.

Tem quantos filhos?

Eu, atual mesmo, eu tenho dois menores. Dois na escola.

Que idade eles tem?

Um tem dez e a outra tem 14.

E o problema deles foi não ter ido na escola no período que a senhora tava com problemas familiares?

Eu acho que foi isso. Eu também to achando que foi pelo cadastro que eu fiz. Não sei que eu, o que as moças me fizeram no cadastro no dia que eu fiz...

Mas lá tá que foi porque a senhora teve problemas familiares e eles não foram na aula?

Isso, foi isso. As crianças ficaram um bom tempo. Porque eu perdi um irmão de uma forma muito grave, assim... Eu não gosto nem de falar, sabe. Então, aquilo ali pra mim... Eu fiquei muito chocada.

E eles? Eles ficaram ali em casa lhe cuidando?

Não, eu não fiquei em casa, eu fiquei na casa da minha irmã. Que é aqui perto. Que a minha irmã ficava me cuidando. Então eles ficaram junto comigo.

Aqui, tá, ó, os oitenta que eu recebia. Aí, depois aqui que dizia, ó, via calendário, que esse aqui é de fevereiro desse ano. Tá? Aqui, foi da diminuída dele, trinta e seis. Aqui, é os oitenta de novo. Aqui, é o dos oitenta e aqui é o de quarenta. Eu só não achei o resto.

Eu só não consegui encontrar o resto. Então, em dezembro, em janeiro... Foi em dezembro, parece que foi. Em janeiro, eu fui passar o cartão e tava bloqueado. Aí, eu fiquei por três meses, de novo, esperando.

Foi porque as crianças faltaram?

É. E eu me mudei também de endereço e de escola agora, que eles tão estudando. Daí, eu peguei e fui passar agora... Até as crianças entraram agora na escola, nos primeiros dias de aula, eles entraram sem nada... Porque os primeiros dias, dois primeiros dias, parece que eu não mandei eles pra escola porque não tinha dinheiro nem pra comprar um caderno pra eles, nem pra comprar um lápis.

Eles faltaram aula nesses primeiros dias.

Faltaram aula nos primeiros dias por falta dos material. Porque eu trabalho, eu faço uma faxina que é cinquenta reais, então eu tenho minha faxina de 150 pila que dá no mês, que são das três faxinas que eu tenho. Eu tinha quatro, aí eu diminuí uma por causa que a mulher precisou ter uma pra todo dia, então, daí, eu fiquei com três. Daí é 150 pila no mês, da minha faxina. E o meu marido tá desempregado já faz mais de um ano e pouco. Esse dinheirinho que vem não é pra mim, é pra eles. Pra mim comprar material, pra mim comprar um calçado pra eles quando eles quando precisa, comprar uma roupa quando eles precisam. Que o dinheiro deles, que eu faço, é isso aí pra eles.

Essa é uma pergunta que eu ia fazer. Pra que serve a bolsa?

Pra que serve a bolsa? Ah, isso aí é uma ajuda, né! Ajuda principalmente pra eles. Eu, na minha opinião, é pra eles. Pra caderno, pruma uma roupa, prum um calçado, pras coisas deles. Pra ti ver, que nem, iniciou as aulas e não tinha como comprar, porque eu não tinha o dinheiro pra dar pra eles.

E o que tus pensa sobre o programa no geral? O que é o programa na tua visão?

Na minha visão?

O programa Bolsa Família?

Eu acho que é assim... Esse programa Bolsa Família, eu acho que é pra eles ajudar pessoas que tem a baixa renda, ajudar já pra quem precisa. E tem muita gente que tá no Bolsa Escola, que eu sei, só não vou citar quem, que não precisa. Mas tão. Muita gente, muita gente não precisa. Então... Apareceu esses dias na televisão, muita gente consegue, com um carro desse na garagem, uma big de uma casa e tá recebendo o Bolsa Escola dos pobres.

E a senhora entende, a sua família também entende como é que ele funciona?

Eu, que eu saiba, as crianças tem que frequentar a escola, sem falhar a escola, porque ele é beneficiado pra isso, pras crianças ficar na escola.

E pra que esse programa serve na sua opinião?

Pra que serve? Bah! Eu acho que é uma ajuda pra gente, em geral.

A senhora acredita que o programa faz a sua vida ser melhor, e a dos seus filhos?

Ah, faz. Uma ajudinha é boa. Faz.

E será que ele planta alguma melhoria de futuro também? Ou é só pro presente?

Eu acho que, nesse ponto, eu acho que sim, sabe, porque tem muitas crianças na rua que é... Muitas crianças na rua, atirada na rua, e tem então esse programa já entrou pras crianças sair da rua. E eu acho que funcionou bastante pra quem tinha, a maioria das crianças que pedia na beira das esquina, em sinaleira... Eu acho que sim, ajuda a melhorar sim, principalmente, a educação dos filhos. Eu acho que sim.

Então, as regras que eles tem pra cumprir, a senhora conhece. A senhora sabe também da regra de saúde?

Da regra de saúde eu to meia por fora.

Eu acho que é porque é cartão de vacinação. Os seus filhos já estão mais velhos...

É... A minha gurria vai fazer 15, e meu guri vai fazer onze esse ano. Isso aí eu não sei.

Eu to por fora.

O que eu sei mais é que criança na fase de vacinação tem que cumprir a carteirinha toda.

Os meus já não tem mais essa.

A senhora acha que tem alguma dificuldade pra cumprir essas regras, como, por exemplo, ir no colégio?

Eu acho que não.

O colégio é perto da sua casa?

A minha filha estuda aqui no Venezuela, que é aqui de frente ao Cegeb.

É perto da sua casa também?

Não. É um pouquinho longinho.

Ela vem a pé ou ta no Volta Escola?

Não, não. Ela vem a pé.

Vou Escola, né? Vou Escola, o programa. Ela vai a pé.

Ela vem a pé. Ela vai e vem.

Mas isso não é empecilho pra ela, pra ela faltar aula?

Não, de jeito nenhum.

A senhora acha que é importante estudar?

Claro que é. Faz falta.

Por que é importante estudar?

Estudar é bom porque, amanhã ou depois, pode ter um emprego bom. Não precisa tá se matando pra ganhar uma mixaria. Eu acho assim, na minha opinião, eu sempre dou a opinião pros meus filhos: “estudam bastante pra vocês ter um futuro na frente”. O meu filho, o outro que é casado, ele queria sempre tá escolhendo escola. Foi, foi, foi que uma hora ele arrumou um emprego pra ele bom, precisou de estudo, teve que pagar pra poder terminar os estudos, coisa que podia ter feito tudo de graça. O estudo é fundamental, é bom sim.

E cuidar da saúde é importante? Ir ao posto de saúde?

Ah, em primeiro lugar, saúde.

O que a senhora acha que é importante ensinar em casa pros filhos, importante pros filhos aprenderem em casa?

Tipo o que?

O que a senhora acha que tem que ser... O que os filhos têm que aprender com os pais, o que os filhos têm que aprender com a família? O que tem que ter de educação em casa?

Ah, tem que ter tudo, né?! Em primeiro lugar, tem que ter educação em casa e saber respeitar na rua também. A educação é bom, é muito importante. Ter educação com os pais, sabendo que na rua, amanhã eles vão tá lá na rua, eles tendo a educação que eles tiveram em casa, eles vão ter na rua também. Dando, levando e aprendendo. Eu acho que é assim.

E quais são os principais princípios que a senhora imagina que é importante passar pros filhos?

O respeito. Eu acho que é o respeito. Respeito ao próximo.

E o que a senhora acha que eles deveriam aprender na escola? O que seria certo a escola ensinar pros filhos?

Ah, tudo. Tudo que vem da escola, eu acho que eles tem que aprender tudo. Eu sou meio de pé esquerda pra responder.

A senhora acha que a escola é boa assim como ela é? Deveria ser de outro jeito?

Olha, eu não sei. Eu to tendo uma dificuldade assim com meu gurizinho nessa escola onde ele tá. Ele passa um mês de aula, ele vai todos os dias, mas caderno que é bom... Não se tem nada. Já mandei bilhete, já mandei, já fui, já conversei e eu me mudei pra cá em outubro e ele passou super bem pra terceira série. Ele tá um pouco atrasado pela dificuldade que a gente teve. A gente teve dois problemas muito grave na nossa família. Então acabou as criança sendo afastada, mas, mesmo assim, ele conseguiu se recuperar e conseguiu passar. Agora, esse ano, ele tá assim, tá terrível! Não faz nada. Não sei se é a professora que não tá ajudando, ou é ele. Já tive conversando e...

Ele tá com quantos anos?

Tá com dez, vai fazer onze. Ele já era pra tá na quarta já pra quinta, porque ele já tá bem... Ele fez o jardim A e o jardim B. Ele fez os dois jardins. Não sei se é por esse atraso também, que ele entrou já um pouquinho atrasado na primeira série, não sei, mas que ele tem um ano atrasado, ele tem. Que foi desde a tragédia do meu irmão.

A senhora gosta de receber a bolsa? É bom receber a bolsa do Bolsa Família?

Eu gosto e faz falta. Pra ti ver, todos os meses que eu não recebo, me faz falta. Porque ali em casa, a única que tá trabalhando sou eu. Meu marido já tá um ano e pouco desempregado.

E a senhora acha que existiria uma fonte de renda ideal pra sua família? Ou a bolsa é bom?

Tudo que vir é bom, mas... Sei lá. Eu não sei qual é o sistema deles, não sei os valores deles. Se fosse um pouquinho mais, seria melhor.

E se a senhora pudesse escolher a fonte de renda, o que a senhora preferiria: receber uma bolsa ou alguma outra fonte de renda?

Como assim?

A senhora preferiria receber a bolsa mesmo, o dinheiro que o Estado lhe oferece por mês, seguindo tais critérios, ou, por exemplo, trabalhar? O que a senhora acha que é melhor?

Ah, eu acho que trabalhar, né?! Trabalhar é melhor. Eu trabalho, mas eu ganho pouco por falta de estudo. Que nem eu te falei, né, quem estuda, quem tem estudo, tem um bom emprego. Agora, quem já não estuda já não tem. Eu já fiz só a primeira série, eu estudei só a primeira série. Primeira série! É! Não tive estudo porque meus pais tinham muitos filhos e, naquele tempo, não tinha essa ajuda que o governo dava pra ajudar os filhos, tirar os filhos da rua, pra deixar os filhos na escola... Então vai ajudando os pais também a tirar os filhos da rua. Agora, eu acho que eu passaria fome e não passava meus filhos na rua. Eu acho que... Eu vejo tanta coisa, eu na rua, que tá louco... Eu morro de medo em pensar em tá meus filhos assim. Eu morro de medo.

E aí a senhora tem medo de perder a bolsa?

Tenho. Porque eu já tô aqui pra poder resolver isso aí.

E antes de receber, tinha muito medo? Antes de ser bloqueada a bolsa, a senhora sentia medo de perder a bolsa?

Porque eu ligava também pra lá pra pegar informações, eu queria saber por que, só que eles não me davam a resposta certa.

E antes de acontecer qualquer coisa, a senhora já tinha medo de perder a bolsa?

Não.

Isso era uma coisa que lhe preocupava, assim, perder a bolsa?

Ah, a gente fica. Eu tinha medo sim. Que é uma ajuda, né? Que nem eu te falei, é uma ajuda. Às vezes, assim, as crianças estão sem um calçado, tu tem essa bolsa no teu mês, tu sabe que tu pode comprar um calçado pra eles. Tá faltando uma roupa, tu sabe que tu pode. Se eles têm uma roupa, tem um calçado, tá faltando um arroz e feijão, tu sabe também que tu vai tirar porque tem ali pra por pra eles.

E o que a senhora sentiu quando cortaram a bolsa?

Eu achei que não ia receber mais. Eu achei que fosse, talvez, sair da escola.

E a senhora ficou triste? Ficou desesperada?

Ah, fiquei desesperada! Bah! Fiquei desesperada porque eu tava precisando mesmo, eu tava, às vezes, até sem a comida dentro de casa, então eu... Mais me preocupo é com os filhos, e os meus filhos tando com a barriga cheia, o caderno, uma roupa, um calçado pra ir pra escola, pra mim já não precisa mais nada. Pra mim, já tá mais do que bom.

E a senhora acha que é constrangedor ou é vergonhoso ter a bolsa bloqueada, ou ameaça de bloqueio da bolsa, porque não cumpriu a regra de mandar o filho pro colégio?

É vergonhoso.

A senhora acha vergonhoso?

Ah, eu acho. Porque tu sente toda assim, ó. Quer ver? Que nem eu: vou na Caixa, passo o cartão ali, então tem muita gente ali na fila. Aí, de repente, tu vai e passa o cartão ali, e a moça fala: “ó, não deu”. Sempre alguma coisa ele diz pra ti, e tu sai dali toda chateada. Tu sai dali já contando, tu já saiu de casa já contando com aquilo ali. Que nem

eu. Eu fui passar, já no final de fevereiro, no dia 25 de fevereiro, fui passar, tá aqui a prova, não tinha nada pra mim. Porque era um que eu ia comprar os cadernos pra minhas crianças pra ir pro colégio e não deu pra mim comprar.

Aí eles não foram no colégio no início do ano?

Não foram. Não foram.

Por que a senhora ficou com vergonha? Por que a senhora não mandou eles pro colégio porque não tinham material?

Nem eles quiseram ir.

Por que não tinham material?

Por que não tinham material.

Por quê? Eles ficam envergonhados? Chateados?

Ah, ficam. Eles ficam assim, você vê: “ah, mãe, todo mundo vai com mochila nova, todo mundo vai com caderno, vai com seus material, e chegar ali sem nada pra poder escrever...” Até... E mesmo assim faltou alguns material ainda pra mim comprar pras crianças, porque eu não comprei todos. Eu comprei o ideal pra eles, que seria um caderno pra cada um, lápis, borracha, lápis de cor, canetinha, caneta pra minha gurria, que minha gurria usa caneta. E, mesmo assim, com o que eu ganhei ali não seu pra comprar tudo. Não deu. Não deu.

E os dois não foram na aula?

Não. Os dois não foram.

E o que a senhora acha dessas regras pra poder receber a bolsa? A senhora acha justo, acha correto, acha que deve ter, não deve ter?

Não. Eu acho correto sim. Se aquilo ali já é uma ajuda pra eles, eles tem que frequentar a escola sim.

Então a senhora acha que o Bolsa Família deve ter essas regras?

Deve ter sim. Porque, se não tiver essas regras, então não vai ter ninguém que vai querer ir pra escola. “Eu não vou mandar meus filhos hoje pra escola. Ô, meu filho, hoje vocês não vai pra escola. Ah, não tem problema de vocês não ir, vocês vão receber igual”. Então, essas regras que eles tão dando é muito bom, sim. Porque se não tiver essas regras aí, já viu o que é que dá, né?

E o que a senhora acha, do geral, das regras impostas pelo Estado, assim, as leis, as regras do Bolsa Família, todas essas obrigações que a senhora tem que cumprir que o governo, o Estado, manda? O que a senhora acha?

As regras do governo?

É, regras do Estado, como as leis, por exemplo. As próprias regras do Bolsa Família são regras. O que a senhora acha? Acha que é certo ter essas regras? Ou elas deveriam mudar? Elas são boas, são ruins?

Não, acho boa sim! Eu acho que não deveria mudar não. Pelas regras, que é essas que eles colocaram, eu acho que não. Tinha que ser assim.

E a senhora tem vizinhas, amigas, irmãs no Bolsa Família ou não?

Eu tinha a minha irmã. Aí, como ela entrou em outro programa, que era do Peti, daí, do Peti, ela tinha que sair, por causa do Peti, porque eles não pagavam duas coisas. Daí ela saiu do Bolsa Escola. Aí, então, ela ficou um ano e seis meses no Peti, ela saiu do Peti e não conseguiu mais retornar pro Bolsa Família. Então, em novembro, dia 25 de novembro, a minha irmã foi atropelada por um ônibus. Então a minha irmã é mãe de sete filhos. Tem uma bebesinha. E ela não tava recebendo nem de lá e nem de cá. De

lado nenhum. E ela acabou tendo o acidente dela, que ela perdeu uma perna, a perna esquerda dela. Então ela ficou sem a bolsa escola. De tanto a gente brigar, brigar, brigar, com a assistente social, pedir pra ela botar ela de volta numa das coisas, né, porque ela tava precisando, ela tava trabalhando, tudo direitinho, recém ela tinha arrumado um emprego, fazia três semanas... Então a gente foi dizer: “não! Ela precisa de ajuda”. Ela, no caso, precisaria mais do que eu, no caso, né. Ela precisaria bem mais do que eu, no caso. Ela tem sete filhos! E agora, no caso, ela tá deficiente. Então é isso aí.

E aí as crianças continuaram indo no colégio, não? Ou tão ainda ajudando em casa?

As criança?

É, os filhos dela?

Não. Os filhos dela tão indo.

E ela perdeu a bolsa?

Não. Voltaram a dar de volta. Deram pra ela de volta.

A senhora sabe o que é inclusão social?

Não.

A senhora se sente parte da sociedade? Se sente incluída na sociedade?

Incluída? Isso é?

Se sente integrando, integrante da sociedade, da vida da cidade, da vida em sociedade, assim?

Ah, não sei, não tô entendendo direito.

A senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora?

Ah, depende. Depende de que tipo de sociedade, de que tipo de ajuda. Eu não to entendendo.

Tá tudo bem. O que a senhora acha que é família?

Família?

O que é família pra senhora?

Família tem que se dar bem, família tem que ser unida, família te que existir amor, existir carinho. É tudo isso.

O que a senhora acha que os pais devem ensinar pros filhos?

Os filhos tem que aprender o que é o amor, o que é o carinho, o que é amizade, o que é o respeito, por ti e pelos outros.

Quais são as obrigações dos pais na família?

Trabalhar e dar o que comer pros filhos.

E qual é a obrigação dos filhos?

É respeitar e ajudar também.

Tá bom. Era isso.

Entrevista 13

Codinome: Sol

Dia: 23 de abril de 2009

Região: Glória, Cruzeiro e Cristal

Eu queria saber o que a senhora pensa sobre o Programa Bolsa Família.

Eu penso que é um programa bom, uma ajuda boa pra poder manter os filhos na escola e tudo. Mas como teve esse problema, né, do filho adolescente de 16 anos que, ele é atrasado na escola, então ele tem um constrangimento porque ele tá na terceira série. Cada vez que passa, tem dificuldade de aprender. Tudo isso aí ajudou a acumular e a perder o Bolsa Família. E é um programa bem bom. Agora, eu quero ver quando eu sair do Peti, pra mim arrumar isso aí... Só quando eu sair do Peti, porque o Peti é uma ajuda do governo também. Lógico, que saindo, quero ver se eu consigo arrumar isso aí. Mas aí eu vou ter que tirar ela, né.

A senhora sabe como o programa funciona, o Bolsa Família?

Sim.

E pra que a senhora acha que o Bolsa Família serve?

Serve pra manter eles na escola, né? Pra manter eles com o material, até uma roupa que seja. Um programa bem bom, uma ajuda bem boa pra eles.

A senhora acredita que ele pode melhorar a vida da sua família?

Acredito que sim.

Melhoraria a vida da sua família no momento ou também pro futuro?

Pro futuro também.

Por quê? Como é que a senhora acha que ele pode criar base pra melhorar o futuro?

Olha... Pro futuro... Eu, no caso, eu já guardaria esse dinheiro, mas como eu vejo não dá pra guardar. Eu tenho que pensar no futuro deles, eu sinto uma faculdade, alguma coisa pra eles. Mas como o dinheiro não dá pra guardar, é de retirar tudo... Mas, isso aí... Material, comprar coisa de material pra eles, no que precisar, faltar... Pra eles...

A senhora tem alguma dificuldade de cumprir as regras do Bolsa Família?

Tenho. Tenho bastante. As faltas, né, principalmente dos meninos. São muito andarilho, é difícil de conseguir manter eles indo na escola.

E tem alguma dificuldade do tipo a distância do colégio, falta de vaga, ou falta de transporte... Ou não?

Não, não. É pertinho.

Não tem problema desse tipo? Então o problema é o controle deles?

É o controle deles.

Tem que controlar eles? Dois, três, quantos são?

São dois.

São dois que você tem dificuldade? São quantos filhos na sua casa?

São sete filhos.

Dois é que estão dando dificuldade?

Dois é que estão dando dificuldade.

A senhora acha que é importante estudar?

Eu acho.

Por quê?

Pra ser alguém na vida. Apesar de que, hoje em dia, quem tem estudo tá limpando chão igual. Mas acho que estudo ajuda bastante. Dá pra subir de cargo, tudo, né.

E cuidados com a saúde? A senhora acha que é importante cuidar da sua saúde, ir no posto de saúde?

Sim. Bastante importante.

A senhora teve alguma dificuldade de levar os filhos no posto? Porque tem essas regras também, né? A senhora conhece as regras do Bolsa? Tem alguma dificuldade ou não?

Aham. Não. A minha dificuldade mesmo foi só essa da escola.

O que é que a senhora acha que é importante pros os filhos aprender em casa?

Educação, né... Respeitar o próximo. É de casa que se aprende, né? Leva pra rua, não da escola pra casa. É tanto dum como do outro, né? Mas começa de casa.

E o que é que é importante aprender na escola?

Aprender tudo, né... Tudo de bom pra eles, matérias tudo, né? A educação, eles ajudam bastante na educação também na escola.

O que significa a bolsa, o dinheiro do Bolsa Família pra senhora?

Pra dentro de casa, a bolsa, pra mim, é uma ajuda bastante importante. Às vezes, chegava na hora, daí é difícil pra gente. Chegava no dia tava lá tudo, ta aqui. Que é a alimentação deles, essa quantidade de filhos... Ajuda na alimentação deles também.

É bom receber a bolsa? A senhora gosta de receber a bolsa?

Gosto. É bem bom.

A senhora gosta de receber a bolsa ou a senhora preferiria ter dinheiro suficiente adequado de uma outra fonte de renda?

Gostaria de ter outra fonte de renda. Era melhor, né.

Que tipo de fonte a senhora acha que é mais ideal, mais certo pra sua família?

O mais certo é um trabalho, né! Que agora vamos trabalhar, faz um mês que não tô trabalhando, né? O trabalho é melhor.

A senhora acha que, não cumprir, no caso, os seus filhos não foram no colégio e aí a senhora perdeu a bolsa... A senhora acha que isso é uma coisa vergonhosa, constrangedora?

É vergonhosa sim, pra mim, é. Por um lado, até parece que eu tirei um peso da consciência, porque eles não querem levantar pra ir pra escola, então sempre naquela coisa, naquela correria atrás deles, tal... Para poder manter, poder pegar aquele dinheiro, aquela ajuda. Então eles abandonaram o colégio... Pra mim, era uma vergonha tá pegando aquele dinheiro, continuar pegando aquele dinheiro. Foi até um alívio quando veio uma moça, que eu ia perder. Tava lá. Eu me aliviei.

Por quê? Por que a senhora se sentiu aliviada?

Senti aliviada por causa da vergonha, daí eu não ia passar vergonha mais. Tá pegando aquele dinheiro e eles não tavam frequentando a escola.

A senhora tinha vergonha de tá pegando o dinheiro e eles não quererem ir pro colégio?

Sim.

Por quê? A senhora se sentia envergonhada com relação a quem?

Em relação a mim, de pegar e não conseguir manter eles mais na escola e tá continuando pegar aquele dinheiro.

Por que a senhora acha que não consegue controlar eles?

Por causa do meu serviço e do tamanho da família, tem o meu filho pequeno, tem minhas duas outras meninas que tem a bolsinha também. Eu saio de manhã... Eu faço quatro horas no serviço. Eu saio de manhã e volto só meio-dia. Quando eu chego meio-dia em casa, eles já não tá em casa. Eu tenho que sair atrás deles. Até achar, já passou o horário.

E a senhora acha que devem existir regras pra pegar a bolsa? Essas regras, por exemplo, tem que ir ao posto de saúde, tem que ir ao colégio... A senhora acha que o Bolsa Família deveria ter essas regras?

Um pouco sim, um pouco não, né... Por um lado é bom regras, por outro não. É um compromisso, a gente tem que pegar compromisso.

Qual é o lado que a regra é boa, qual é o lado que a regra é ruim?

A regra é boa porque daí a gente tá sempre... A gente leva os filhos no médico, mantém o filho no colégio... A educação geral, né. E, por outro lado, tem muita cobrança. E aí tem aquele medo. Tu vai depender daquele dinheiro e como é que eu vou perder isso aí. Faz as coisa errada, né...

E o que a senhora acha das regras em geral que o Estado, o governo, impõe na vida das pessoas? Leis, por exemplo. A senhora acha que é certo ter regras? A senhora acha que as regras que existem são boas?

Eu acho que são boas, porque nada é de mão beijada hoje em dia, né. Alguma cobrança tem que dar, porque, bem dizer, esse dinheiro é de graça. Então eu acho que as regras são boas.

E as regras no geral da vida? As leis em geral, a senhora acha que são boas?

Não, um pouco não.

A senhora acha que elas deveriam mudar?

Acho que sim.

O que, por exemplo, que a senhora acha que deveria mudar?

Ah, tanta coisa, né, que deveria mudar... Por exemplo, deixa eu ver... O sistema de saúde, que é fila, às vezes consegue médico, às vezes não consegue médico, tem que madrugar nas filas pra conseguir um médico. Na saúde, é isso aí.

A senhora tem amigas, irmãs, parentes que são do Bolsa Família também?

Não, minhas irmãs, nenhuma conseguiu.

E amigas, vizinhas?

Sim.

A senhora sabe se elas estão conseguindo levar os filhos no colégio?

Tão, tão conseguindo manter. Tem uma hoje que foi pegar o dinheiro.

E a senhora não conhece nenhuma que já tenha perdido a bolsa?

Perdido... Não.

Elas tão conseguindo?

Tão.

A senhora sabe o que é inclusão social?

Não.

A senhora se sente parte da sociedade?

Ah, eu não.

Não?

Não. Eu sou bem excluída.

Excluída como? Como e em que situações a senhora se sente excluída?

Me sinto excluída até nos serviços, a gente tem uma vergonha de falar com eles que são mais grandão. Me sinto excluída, até saio pouco. Não vejo muito a sociedade: fico só do serviço pra casa, da casa pro serviço. Me sinto isolada da sociedade.

E a senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora?

Não sei. Acho que quem faz alguma coisa por mim mesmo sou eu mesma.

O que é família pra senhora?

Pra mim é união, educação, tentar manter eles perto de mim, felicidade pra minha família.

Qual a obrigação, que a senhora acha, dos pais com relação aos filhos?

Ai, obrigação grande, né. Obrigação de educar, ensinar respeitar, de tudo em geral. E é difícil, é internético, é alimentação, é saúde pública. Acho que eu penso isso...

E qual é a obrigação dos filhos dentro da família?

Acatar e aceitar e ouvir os pais, né. Mas como tá difícil, né... A gente vai levando.

Tá certo!

Entrevista 14

Codinome: Céu

Dia: 27 de abril de 2009

Região: Centro, Ilhas e Navegantes

Ela já faltou aula?

Faltou.

Por quê?

Por vergonha. Ela diz que os colegas começam rir dela, porque a barriga tá grande, ela tá com três meses, mas tá bem, bem gordinha. E eu converso, converso com ela pra ela não faltar, continuar indo, porque é bom, vai ser bom pra ela. Ela tá fazendo o Eixo agora. Ela tá na sexta série, na terça, ela faz a sétima... Agora, as duas séries juntas esse ano. Mas ela tá com vergonha.

E antes disso, ela tinha algum problema de ir pra aula ou não? Sempre foi tranquilo?

Não... Sempre foi.

Eu queria saber assim... Eu queria saber o que é que a senhora pensa sobre o Programa Bolsa Família? O que é que a senhora acha do programa?

Ah, eu acho que isso é uma boa, né... Agora, pra mim, não tá sendo porque eu não tô ganhando. Mas é uma ajuda muito boa pra mim.

A senhora foi bloqueada por? Problema de cadastro?

Por... Meu filho casado, ele tem 25 anos, e é casado e tem dois filhos e a renda dele alterou. O cadastro dele tava junto do meu. Vai ver que ela tirou, só que continua bloqueado desde outubro.

A senhora sabe então como é que o programa funciona, conhece as regras do programa e tal. Pra que esse programa serve, na sua opinião?

Ah, eu acho que é pra ajudar quem precisa mesmo. Eu, no caso, ultimamente, eu tava precisando. Eu tenho problema de pressão, não posso trabalhar. Entrei no INSS pelo benefício, até eu ganhei uns meses, depois perdi porque eu tinha condições de trabalhar, só que eu acho que eu não tenho mais, eu tento, mas sempre que eu tento, sinto um sufocamento, não tenho mais jeito de eu voltar a trabalhar. Daí, eu entrei na justiça. Botei na justiça e tá pra sair agora. Não sei quando que eu vou ganhar, né, se eu vou conseguir ficar aposentada.

E a senhora acha que o Bolsa Família melhora a sua vida e a da família?

Nossa! Ajudava muito, pelo menos pra comprar, porque às vezes falta tudo. O meu marido trabalhando a bico. Um dia tem, outro não tem... E aí eu e ele e a minha filha e o outro guri, e meu outro guri que é de maior, que tá desempregado, e não conseguiu emprego até agora.

E a senhora acha que pode melhorar pro futuro também ou é só no momento?

Muito. Pro futuro pode melhorar. Pode até ajudar meu netinho que vai vir agora.

E a senhora acha que ele pode deixar alguma coisa boa pro futuro da família em geral?

Mesmo que acabasse o Bolsa Família, a senhora acha que poderia ficar algum resultado bom pro futuro? Ou é mais no momento mesmo?

Acho que é mais no momento.

A sua família teve alguma dificuldade pra cumprir as regras do Bolsa Família? A questão do posto de saúde, a sua filha tá indo no posto de saúde?

Tá, ela ta fazendo o pré-natal direitinho.

E há algum problema, assim, de distância do posto ou da escola, falta de transporte, falta de vagas?

Não. Isso aí, não tive problema nenhum.

A senhora acha que é importante estudar?

Ah, eu acho. Eu até queria voltar. Eu ia me matricular agora, só que não teve vagas à noite. Mas aí eu tenho dois netos que eu cuido, né, porque a minha nora trabalha e chega tarde, daí eu fico com eles um tempinho.

E pros filhos da senhora, a senhora acha importante pros filhos da senhora?

Muito importante!

O que a senhora acha? Por que é importante?

Porque eu queria que eles fosse alguma coisa que eu não pude ser. Eu queria que eles fosse, mas vai entrar na cabeça deles...

E o que é que é ser alguma coisa?

Pelo menos uma secretária, né... Que nem eu, trabalhei de doméstica, limpando a sujeira dos outros. Isso aí eu não queria pra eles. Eu queria que eles fosse médico, uma coisa que eu não vou conseguir, né...

Ué, por que não?

[risos]

A senhora acha importante cuidar da saúde e frequentar o posto de saúde?

É muito bom.

Por que a senhora acha importante cuidar da saúde?

Ah, eu acho que tem que, né, que quem tem problema tem que se tratar. Eu cuido de mim, cuido da minha mãe e cuido do meu irmão, que é esquizofrênico. E eu que vai pra médico, aí é eu que busco remédio, é eu pra tudo. Então eu acho que o posto é muito importante.

E, na sua opinião, o que é que é importante os filhos aprenderem em casa?

Ai, eu acho que eles devem aprender a fazer de tudo. Desde de cozinhar, porque a gente não dura pra sempre. Isso aí eu ensino pra minha gurria, ela já faz, ela cozinha, ela... Agora, lavar louça não é muito, mas ela lava. Até com os guri. Meu guri mais velho, ele cozinha bem.

E que princípios a senhora acha que são importantes aprender em casa? De educação, da educação da família, assim, que princípios seriam importantes?

Ah, eu acho que não deve ser maroto pros pais, não ser briguento. Porque eu não passei isso pra a minha mãe, pro meu pai. Perdi meu pai faz dois anos, por isso que eu entrei em depressão...

E o que a senhora acha que é importante os filhos, as pessoas aprenderem na escola?

Eu acho que na escola eles tão lá pra aprender tudo, menos ser mal educado, mal criado, andar respondendo os professores. Isso aí também eu ensino muito eles. Eles não são maroto. Porque os três estão estudando: o mais velho, a mulher, essa que tá grávida, e meu guri de 14 anos. Tão tudo estudando.

O que é que a bolsa significa pra senhora, a bolsa do Bolsa Família, o dinheiro?

Ah, eu não sei... Pra mim é uma ajuda que chega bem na hora que eu tô mais precisando.

E a senhora gosta de receber a bolsa?

Gosto.

É bom receber? E a senhora acha que teria uma outra fonte de dinheiro, de renda, pra sua família, que seria melhor do que a Bolsa?

Ah, se eu tivesse outro meio de eu ganhar, aonde eu pudesse pelo menos fazer alguma coisa em casa pra vender, que nem isso eu sei fazer, que desse pra ajudar, né?

A senhora tinha medo de perder a bolsa antes de perder?

Não, porque tava tudo bem, eu nunca... As criança nunca deu problema. Eu tava recebendo bem, eu recebia oitenta, daí depois, não sei por que, baixou pra quarenta. Continuei recebendo quarenta, só que daí, depois dos quarenta, cortaram de vez.

E a senhora chegou a sentir medo, eu digo medo mesmo, medo de perder a bolsa?

Não tive.

A palavra medo?

Não tive medo e acabei perdendo mesmo.

O que é que a senhora sentiu quando perdeu?

Ah, eu corri muito atrás, porque era um dinheiro que me ajudava. Era quarenta reais, mas ajuda. Quarenta reais dá pra comprar arroz, feijão, azeite, essas coisas que precisa.

O que a senhora acha das leis, das regras impostas pelo Estado, pelo governo, das leis, as regras como as do Bolsa Família? A senhora acha que elas devem existir, elas são boas, elas são ruins?

Essas do Bolsa Família é bom.

E as regras em geral, assim, da polícia, do trânsito, todas as regras que a gente precisa, né, o cidadão precisa cumprir... O que a senhora acha das regras assim no Brasil?

Eu acho que é bom.

A senhora acha que é bom ter regras?

Sim, é muito bom.

E as que existem aí, são boas?

Algumas são. Algumas são muito boas, mas tem algumas que eu acho que deveria de mudar.

E a senhora acha que o Bolsa Família deve ter regra ou poderia ser pago só a bolsa sem a pessoa precisar cumprir nenhuma regra?

Deve ter regra. Se não, vai tudo mundo ir receber, né. Que nem ali tem uma mulher ali que abandonou os filhos, os filhos tão jogado, não sei nem aonde que tão, a mãe caiu na droga e ela tá recebendo o Bolsa Família. Ela ganha 122 só pra pedra.

E a senhora tem muitas amigas, muitas vizinhas, ou poucas, alguém que a senhora conhece que também tá no Bolsa Família?

Tem bastante amiga que recebe.

A senhora sabe se elas cumprem as regras do Bolsa Família?

Cumpre. Eu conheço. Todas cumprem.

Alguma já perdeu a bolsa alguma vez?

Não... Só essa aqui que andaram bloqueando, mas ela... Não sei por que também, mas ela conseguiu desbloquear.

O que a senhora acha que é inclusão social?

Não sei.

A senhora se sente incluída na sociedade?

Eu acho que sim...

O que é se sentir incluída? Como a senhora se sente incluída? Em que momento, em que situações?

A eu acho que eu era incluída quando eu recebia o Bolsa Família. Agora, acho que já não sou mais, né.

E a senhora acha que a sociedade faz alguma coisa pela senhora?

Se eu não tenho, ninguém me dá.

O que a senhora acha que é família? O que é família pra senhora?

A família deveria de ser bem unida, né, mas, no meu caso, também já não é assim. A minha irmã tem mais do que eu, ela já não se dá muito comigo porque eu sou mais pobre.

E com relação à sua família e os seus filhos, marido... O que a senhora acha que é família?

Eu acho que a família mesmo é meu marido, meus filhos e a minha mãe, pai não tem, né, e meu irmão. Esses são minha verdadeira família. E essa minha outra irmã, ela tem uma casa um pouco maior que a minha, entendeu? Casa eu nem tenho ainda, tô morando numa casa de passagem. Tenho uma kit aqui na praça. E ela tem mais do que eu. Ela tem casa grande. Agora o marido morreu, deixou ela bem, né.

E o que a senhora acha que é obrigação dos pais dentro da família?

Não deixar faltar nada aos filhos.

E quais são as obrigações dos filhos?

Seria ajudar os pais, mas lá em casa é complicado. Nós brigamos direto, eu e minha filha.

Ela tem quantos anos? 14?

15 anos. E engravidou de um vagabundo aí que não faz nada pela vida.

Aí ela já faltou cinco aulas, faltou uma semana de aula?

Uma semana de aula.

Ela já tinha alguma faltinha antes?

Não. Ela até tinha faltado, mas ela levou o atestado dizendo que tava no começo. Tava demais, não tinha nem como ir mesmo pro colégio. Mas agora ela tá bem, e eu vou tentar convencer ela a voltar estudar de novo.

E no posto de saúde ela tá indo direitinho?

Tá indo direitinho.

Ta bom, muito obrigada!

Anexo 2 – Entrevista com Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias

Dia: 16 de janeiro de 2009

Local: Gabinete do Ministro (Esplanada dos Ministérios, Bloco C, 9º andar-Brasília/DF)

Qual o objetivo de um programa de transferência de renda como o Bolsa Família?

PATRUS ANANIAS – Combater a fome, a desnutrição e a pobreza extrema, assegurando em primeiro lugar às famílias pobres o direito humano, o direito fundamental, diria mesmo sagrado, que é o direito à alimentação com regularidade, qualidade e quantidade no contexto mais amplo de uma forte política, como estamos fazendo no Brasil, de segurança alimentar e nutricional.

Em segundo lugar, assegurar os direitos relacionados com a educação e com a saúde, porque o Programa Bolsa Família é um programa com condicionalidades, as famílias se comprometem a terem as crianças e adolescentes na escola, até o término do primeiro grau, limite de idade de 17 anos, e se comprometem também a ter os cuidados básicos com a saúde, especialmente com as crianças e com as mães gestantes e nutrises.

Ao mesmo tempo em que nós cobramos essa contrapartida das famílias, o poder público, o Estado, o Estado no sentido amplo da palavra, os três entes federados, o governo nacional, e os governos estaduais e municipais, compromete-se a garantir esses serviços de saúde e educação de boa qualidade, e a educação nós sabemos que é muito importante para quebrar o ciclo inter-geracional da pobreza e possibilitar melhor oportunidades a crianças e aos jovens de famílias pobres.

Um quarto ponto fundamental: preservar vínculos e valores familiares. Nós sabemos que uma família pobre sem renda ou com uma renda aquém das suas necessidades básicas corre o sério risco de se desconstituir, e aí as crianças não vão para a escola como nós queremos, vão pras ruas, com as conseqüências previsíveis. Nós estamos pagando hoje no Brasil um preço muito alto em termos de violência, de marginalidade social, porque não fizemos no passado essas políticas sociais que estamos fazendo hoje no governo do presidente Lula.

Um quinto ponto: nós trabalhamos também com as chamadas ações complementares, como está na lei que instituiu o Programa Bolsa Família, que nós chamamos também ações estruturantes ou ações emancipatórias que visam possibilitar a médio prazo que as famílias que nós estamos atendendo, pelo menos parte delas, possam ganhar a sua autonomia econômico, financeira, e nessa linha nós estamos priorizando agora fortemente as políticas de qualificação, de capacitação profissional, políticas de geração de trabalho, emprego, renda, na linha da inclusão produtiva, procurando aproveitar as oportunidades que estão surgindo com o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, com outros investimentos também e obras, assim como também estamos estimulando a integração das famílias com programas relacionados com a economia solidária, o cooperativismo, visando também a esse aspecto fundamental no sentido de que as famílias possam ir ganhando a sua autonomia.

Um outro ponto importante, já adianto, é que o Bolsa Família vem apresentando resultados muito positivos e vai se tornando hoje uma referência internacional, estou voltando agora de uma viagem ao Peru, convidado que fui para apresentar lá os nossos programas sociais, especialmente o Bolsa Família. O Bolsa Família não é um programa isolado, sozinho, ele se insere no contexto mais amplo de uma grande rede nacional de proteção e promoção social. De um lado, ele tem complementado, integrado, as

políticas públicas da assistência social, do Sistema Único de Assistência Social, onde nós temos também programas muito vigorosos, de grande impacto social, como o BPC, o Benefício de Prestação Continuada, que assegura aos idosos com mais de 65 anos e às pessoas com deficiência, pobres, um benefício que corresponde a um salário mínimo. Temos diretamente integrado com o Bolsa Família o Programa de Atenção Integral às Famílias, o Paif, que se materializa através dos Centros de Referência em Assistência Social, os Cras, temos também integrando com o Bolsa Família o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, temos também integrando o Bolsa Família as políticas de segurança alimentar e nutricional, as políticas de apoio à agricultura familiar, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Nós temos aqui o programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar, gerando trabalho e emprego no campo, equipamentos como os restaurantes populares, os mercados e feiras, as cozinhas comunitárias, os bancos de alimento, que também complementam e ajudam a melhorar as condições de vida das populações mais pobres.

Por que o foco na família?

PATRUS ANANIAS – Exatamente porque o ser humano não existe isolado. O indivíduo se insere sempre numa rede de relações. Ninguém aparece espontaneamente na face da Terra. As pessoas vem a partir de vínculos, relações afetivas, familiares. Nós entendemos também, que além dessa dimensão digamos familiar, comunitária que transcende, que dá maior dimensão ao indivíduo, nós entendemos também, que a família é um espaço fundamental de educação, de formação de princípios, de valores, de socialização da criança, do jovem. No contexto de uma família bem estruturada, a criança aprende a conviver, aprende os valores fundamentais da solidariedade, do amor,

do diálogo, da escuta, mas também aprende a ter limites, aprende a respeitar os pais, os avós, os irmãos, enfim, aprende a respeitar os limites e os direitos dos outros, desenvolve, como eu disse, essa dimensão da cooperação, da participação, da solidariedade. Por isso que nós colocamos como centro das nossas políticas públicas de assistência social a dimensão da família. E mais ainda: a família no contexto mais amplo da comunidade, numa concepção mesmo do personalismo comunitário. Nós defendemos a dignidade da pessoa humana, nós sabemos que cada pessoa é um mistério em si mesma, por isso cada pessoa merece respeito, nós temos que respeitar, sobretudo os diferentes, cada criança, cada jovem, cada mãe, pai de família, cada pessoa idosa, cada pessoa com deficiência, insisto muito nesse respeito aos diferentes, mas é importante também lembrar que nós estamos inseridos numa vida coletiva, comunitária, que temos sempre esse compromisso permanente com a construção do bem comum, portanto os direitos e as garantias individuais, que são fundamentais, constituem uma conquista histórica, civilizatória, devem cada vez mais se harmonizar com os direitos sociais, econômicos e culturais, com os direitos que promovem a vida, e a vida não existe apenas em uma pessoa, ela existe na comunidade.

Por que a condicionalidade? Quando se pensou o programa, por que se optou pela condicionalidade?

PATRUS ANANIAS – Primeiro porque educação e saúde são duas políticas públicas e mais do que políticas públicas, dois bens, dois valores fundamentais. A educação é fundamental para o desenvolvimento do país, sobretudo quando nós vinculamos a educação de qualidade à cultura, à pesquisa científica, tecnológica, enfim, ao desenvolvimento do conhecimento em todas as frentes e possibilidades e é fundamental também a educação para o desenvolvimento das pessoas, das famílias, para que a pessoa

possa liberar os seus talentos, as suas potencialidades, a sua vocação, é um canal fundamental, um instrumento de socialização, de inserção na vida comunitária e de contribuição para o bem comum. Da mesma forma, a saúde.

Então nós entendemos também que, ao repassarmos os recursos para as famílias, é importante que as famílias assumam perante o Estado e perante a sociedade, esse compromisso. Nós sabemos que a grande maioria das famílias pobres já faz isso, mantém as crianças na escola, procura fazer o melhor pelos seus filhos, procura o atendimento médico, hospitalar, procura também as medidas preventivas de saúde, mas é também essa dimensão de dar a ênfase a esse aspecto.

Tem outro aspecto também que acho fundamental: na medida em que nós estamos cobrando as famílias, isso parece o mais importante, o poder público está se obrigando também, está assumindo uma responsabilidade clara, de oferecer a essas famílias, especialmente a suas crianças e aos seus jovens, uma escola pública de boa qualidade, que os qualifique efetivamente para a vida, para o exercício da cidadania e também equipamentos de saúde, postos de saúde, ou mesmo atendimento em casa, através da saúde da família, que possibilitem os cuidados preventivos e curativos com a saúde em nível de boa qualidade também para as pessoas, famílias e comunidades pobres.

Como o senhor vê a discussão de que a condicionalidade é uma forma de coerção?

PATRUS ANANIAS – Olha, na verdade, a coerção já está na Constituição Federal. Os pais tem obrigações. Antigamente, falava-se de pátrio poder, agora nós podemos falar de pátrio, de mátrio dever. É claro que os pais tem responsabilidades pela educação dos filhos, pela formação, pelo desenvolvimento das suas potencialidades, pela sua saúde física e também pela sua saúde mental, psíquica, emocional. Essas exigências estão na

Constituição, especialmente na educação. O que nós estamos fazendo é reafirmar essa dimensão e ao mesmo tempo reafirmar, como eu disse, os deveres do poder público, do Estado, em prestar esses serviços a tempo e a hora.

Qual é o seu entendimento da relação do indivíduo com o Estado dentro do Bolsa Família?

PATRUS ANANIAS – Olha, é um processo que está avançando. É um processo de inclusão social, portanto é um processo de construção de direitos, de construção de cidadania. É por isso que eu digo que a importância do Bolsa Família está no programa em si, mas também na integração do programa com outros programas que são também formadores de cidadania, como é o caso, como eu falei, do Paif, o Programa de Atenção Integral às Famílias, que se materializa através dos Centros de Referência em Assistência Social, os Cras, onde trabalham psicólogos, assistentes sociais, pessoas que desenvolvem, além do acolhimento das famílias pobres, a escuta, o diálogo, nesses espaços nós estamos também desenvolvendo atividades constitutivas da cidadania, alfabetização, trabalhando, por exemplo, a alfabetização de jovens e adultos, inclusão digital, programas de inclusão produtiva, de capacitação profissional, apoio a iniciativas relacionadas com economia solidária, com empreendedorismo, com cooperativismo, associativismo. Então, vão se tornando também espaço de emancipação e de desenvolvimento das potencialidades das pessoas e das famílias.

Na mesma linha, do trabalho que nós desenvolvemos com os pequenos produtores rurais, das políticas que nós estamos estimulando agora na linha da geração de trabalho, emprego, renda, de qualificação, de integrar com as possibilidades do PAC, mas também integrar com possibilidades locais, regionais, através dos chamados arranjos

produtivos locais. Nesse sentido, o programa vai construindo uma base para que as pessoas possam exercer com mais plenitude os direitos e deveres da cidadania. Nesse sentido também, a educação, a saúde são fundamentais para esse processo de integração social.

Como o ministério avalia o não cumprimento das condicionalidades? Quais são os problemas identificados?

PATRUS ANANIAS – A responsabilidade pela fiscalização, é claro que nós acompanhamos, tem a participação do ministério, mas, no decreto presidencial que regulamentou a lei que instituiu o Programa Bolsa Família, o controle das condicionalidades de educação está diretamente vinculado ao Ministério da Educação, que dispõe inclusive de uma grande rede nacional, da mesma forma que as condicionalidades de saúde estão vinculadas ao Ministério da Saúde. É claro que nós trabalhamos juntos, estamos num processo permanente de discussão, de aperfeiçoamento desses mecanismos, mas nós fazemos através dos ministérios da Educação e Saúde e agora, também, estamos estimulando muito os gestores locais, as prefeituras e também os governos estaduais para que sejam participantes desse processo que interessa a todos que as crianças e os jovens estejam na escola e que a escola seja de boa qualidade e que tenham também a adequada atenção médica.

Nós estamos repassando aos municípios recursos do IGD, o Índice de Gestão Descentralizada, exatamente para que eles possam manter o cadastro permanentemente atualizado, um cadastro verdadeiro, cada vez mais vinculado às exigências legais, um cadastro bem focalizado, mas que sejam também nossos parceiros no acompanhamento e no controle das condicionalidades.

No seu entendimento, por que algumas famílias não cumprem as condicionalidades?

PATRUS ANANIAS – Nós estamos trabalhando nesse ponto, inclusive através dos Centros de Referência em Assistência Social, os Cras, e também dos Creas, que são os Centros de Referência Especializada em Assistência Social, porque esses equipamentos estão exatamente nas comunidades mais pobres, portanto num contato mais direto com a população e nós queremos cada vez mais que os assistentes sociais, os psicólogos, enfim, as pessoas que trabalham nesses equipamentos estejam bem treinadas, motivadas, capacitadas para procurar exatamente essas famílias.

Nós temos algumas suspeitas de que sejam exatamente as famílias mais vulneráveis, que sejam as famílias mais empobrecidas, que estejam enfrentando problemas de violência doméstica ou problemas de alcoolismo, de drogas, ou famílias que por condições sócio-econômicas estejam mudando com mais constância e com isso dificultando a ida das crianças à escola, ou famílias que estejam enfrentando problemas de morte, de perda, ou de doenças. Então, nós estamos buscando também seja em ações integradas com os ministérios da Educação e da Saúde, seja em ações integradas com os governos estaduais e sobretudo com os governos municipais, seja em ações integradas também com outros parceiros do ministério, identificar onde estão essas famílias e por que não estão cumprindo as condicionalidades.

O nosso objetivo maior não é punir, embora a gente tenha que fazer isso às vezes para fazer cumprir a lei, deixar claro que o programa tem normas, tem critérios, tem regras, tem acompanhamento, tem fiscalização, tem controle, mas o que nós queremos é que as crianças estejam na escola. Nós queremos também agir de uma forma solidária, dando

todo o apoio às famílias para que elas possam cumprir essa exigência que mais do que uma exigência do Bolsa Família, é uma exigência constitucional.

O senhor acredita que um programa de transferência de renda como o Bolsa Família pode gerar uma inclusão plena das famílias?

PATRUS ANANIAS – Claro. As pesquisas mostram isso. O Brasil avançou muito nos últimos anos, especialmente no governo do presidente Lula. Quatorze milhões de pessoas saíram da pobreza extrema. O Brasil vem tendo, segundo pesquisadores absolutamente insuspeitos, competentes, qualificados, que não tem nenhuma vinculação digamos partidária, os professores Paes de Barros, Ricardo Nery e outros, mostrando que o Brasil vem tendo no campo social um crescimento chinês, o que a China cresceu na economia, o Brasil nos últimos anos cresceu nos avanços sociais, em melhor distribuição de renda, os pobres passaram a ter maior participação na renda nacional.

Tudo isso mostra que nós estamos no rumo certo. O fundamental é nós mantermos esse caminho, consolidando, aperfeiçoando e ampliando as políticas sociais e procurando cada vez mais também integrá-las em ações intersetoriais, maximizando os recursos, criando sinergias.

Penso que as políticas sociais no Brasil vem apresentando resultados muito evidentes. Nós temos pesquisas mostrando, por exemplo, que 93% das crianças das famílias que recebem o benefício do Programa Bolsa Família estão tendo pelo menos três refeições diárias e refeições de boa qualidade, mostrando um aumento de consumo de leite, de proteína, carne, leite e derivados, ovos, também maior consumo de frutas, legumes, verduras. Oitenta e dois por cento dos adultos do programa estão tendo também refeições diárias. Pesquisas que mostram uma significativa redução da mortalidade

infantil no semi-árido nordestino e de internações hospitalares por razões de alimentação nessa região.

Como eu disse, nós estamos indo além dessa rede de proteção e promoção social. As pesquisas mostram também que os programas sociais no Brasil, o Bolsa Família especialmente, mas também o BPC, os programas de apoio à agricultura familiar, o Pronaf, o PAA, vem tendo um grande impacto nas economias locais e regionais. Milhares, milhões de pessoas no Brasil historicamente excluídas, que nunca consumiram ou consumiram muito pouco, hoje estão entrando mais fortemente no mercado de consumo de bens e serviços básicos, alimentação, roupa, material escolar para as crianças, estão melhorando as suas casas, as condições de vida, comprando equipamentos essenciais à segurança alimentar, como fogão, liquidificador, geladeira. Isso tem um impacto importante nas economias locais porque gera emprego. O dono do armazém amplia os seus negócios, a indústria local, regional. Inclusive, muitos estudos estão mostrando que um dos motivos pelos quais o Brasil vem resistindo a essa crise econômica internacional é exatamente o fato de nós termos um mercado interno mais forte que vem garantindo a sustentabilidade do crescimento econômico. Quer dizer, as políticas sociais, além da sua dimensão ética, direito à vida, direito à alimentação, dignidade humana, o resgate dessa dívida social histórica que o Brasil tem e que, ao meu ver, é a grande vergonha e o grande desafio que o país enfrenta, as políticas sociais tem uma dimensão prática: garantir a sustentabilidade do crescimento econômico, gerar empregos, estimular as economias locais e regionais.